

FERNANDO PESSOA

Obra poética IV



Poemas de
Álvaro de
Campos

L&PM POCKET



FERNANDO PESSOA

Obra poética IV

Poemas de Álvaro de Campos

Organização, introdução e notas: JANE TUTIKIAN

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Sobre Fernando Pessoa	11
Álvaro de Campos, o homem da modernidade	23
POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS	33
Quando olho para mim não me percebo	35
A praça da Figueira de manhã,	35
Soneto já antigo	36
Opiário	37
Ode triunfal	44
Dois excertos de odes (fins de duas odes, naturalmente)	54
Como eu desejaria ser parte da noite	60
* Chove muito, chove excessivamente...	60
Ode marítima	61
* Os mortos! Que prodigiosamente	96
Ah, os primeiros minutos nos cafés de novas cidades!	97
* Através do ruído do café cheio de gente	98
Saudação a Walt Whitman	99
Walt Whitman	109
Saudação	111
Saudação	111
Heia o quê? Heia porquê? Heia para onde?	113
Para saudar-te	114
Abram falência à nossa vitalidade!	114
Para cantar-te,	115
O verdadeiro poema moderno é a vida sem poemas,	115
A Fernando Pessoa	116
Passagem das horas	117
* Diário na sombra	141
A Casa Branca Nau Preta	143
No lugar dos palácios desertos e em ruínas	146
Não sei. Falta-me um sentido, um tacto	146
Passagem das horas	147
Meu coração, bandeira içada	148
Lisbon Revisited (1923)	149
Lisbon Revisited (1926)	150
Se te queres matar, porque não te queres matar?	153
* Faróis distantes,	156
* O florir do encontro casual	157
* Nas praças vindouras – talvez as mesmas que as nossas –	157
Perdi a esperança como uma carteira vazia...	159
Tabacaria	160
Escrito num livro abandonado em viagem	167
Apostila	167
Demogorgon	169
Adiamento	170
* Mestre, meu mestre querido!	172

* Na última página de uma antologia nova 175
* Na noite terrível, substância natural de todas as noites, 175
Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra, 177
Nuvens 180
* ...Nocturno de dia 181
“The Times” 181
Canção à inglesa 182
Gazetilha 182
O soslaio do operário estúpido ao engenheiro doido – 183
* Talvez não seja mais do que o meu sonho... 184
Insónia 185
* Acaso 187
* Ah, abram-me outra realidade! 189
Marinetti, académico 190
* A luz cruel do estio prematuro 190
Reticências 191
Apontamento 193
* Ah a frescura na face de não cumprir um dever! 194
* Poema de canção sobre a esperança 195
* Não se preocupem comigo: também tenho a verdade 197
* Ah, no terrível silêncio do quarto 197
* A liberdade, sim, a liberdade! 197
* Diluente 199
De la Musique 200
Aniversário 200
P-há 203
Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça 203
Ah, o som do jantar nas casas felizes! 204
* Hoje que tudo me falta, como se fosse o chão, 206
* Há tantos deuses! 207
* Cesário, que conseguiu 207
* Paragem Zona 208
* Diagnóstico 209
* Bicarbonato de soda 209
* A rapariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa 210
Cul de lampe 212
* Sim, é claro, 214
Não! Só quero a liberdade! 215
Trapo 216
Chega através do dia de névoa alguma coisa do
esquecimento, 217
Grandes são os desertos, e tudo é deserto 218
* Cruz na porta da tabacaria! 220
Tenho escrito mais versos que verdade 221
* Tenho uma grande constipação 222
* Oxfordshire 223
Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo 224
Não sei se os astros mandam neste mundo, 225
* Ah! Ser indiferente! 226
 regresso ao lar 227

* Sim, está tudo certo 228
Ah, um soneto... 228
Bamboleamos, moscas, com asas e presas, 229
* É inútil prolongar a conversa de todo este silêncio... 230
* Acordo de noite, muito de noite, no silêncio todo 231
Quero acabar entre rosas, porque as amei na infância 232
* Notas em Tavira 232
Realidade 233
E o esplendor dos mapas, caminho abstracto para a
 imaginação concreta, 235
Psiquetipia (ou Psicotipia) 236
Magnificat 237
Pecado original 238
Dactilografia 239
Puseram-me uma tampa – 240
Não será melhor 241
Lisboa com suas casas 241
Esta velha angústia, 242
Na casa defronte de mim e dos meus sonhos, 244
Saí do comboio, 245
A música, sim, a música... 246
Domingo irei para as hortas na pessoa dos outros, 247
Começa a haver meia-noite, e a haver sossego, 247
Há tanto tempo que não sou capaz 248
...Como, nos dias de grandes acontecimentos no centro da
 cidade, 249
Depus a máscara e vi-me ao espelho – 250
* Depois de não ter dormido, 251
Na véspera de não partir nunca 252
O que há em mim é sobretudo cansaço – 253
* Subiste à glória pela escada abaixo 254
* Às vezes tenho ideias, felizes, 255
* Símbolos? Estou farto de símbolos... 256
* Ali não havia electricidade 257
* Não: devagar 258
* Os antigos invocavam as Musas 259]
* Há mais de meia hora 260
* Depois de quando deixei de pensar em depois 261
Eu, eu mesmo... 262
Estou cansado, é claro, 263
Não estou pensando em nada 264
O sono que desce sobre mim, 265
Estou tonto, 266
Todas as cartas de amor são 267
Ode marcial 268
* Là-bas, je ne sais où 270
* Dobrada à moda do Porto 272
Poema em linha recta 273
Trapos somos, trapos amamos, trapos agimos – 274
O horror sórdido do que, a sós consigo, 274

* Vilegiatura 275
* O Chiado (a ideia do Chiado) sabe-me a açorda 277
* Quase sem querer (se o soubéssemos!) os grandes homens
saindo dos homens vulgares 277
* Mais vale o clássico seguro, 277
* Já sei: alguém disse a verdade – 278
* Clearly non-Campos! 278
Minha imaginação é um Arco do Triunfo 279
Barrow-on-Furness 281
O frio especial das manhãs de viagem, 284
No fim de tudo dormir 284
* A vida é para os inconscientes (ó Lídia, Celimène, Daisy) 284
* Gostava de gostar de gostar 285
Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os olhos, 285
O tumulto concentrado da minha imaginação intelectual... 286
* Ah, perante esta única realidade, que é o mistério, 288
* Contudo, contudo, 290
* Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras, 291
* Dá-me rosas, rosas, 294
* Hoje estou triste como um barco negro ao sol 296
* Ah quando nos fazemos ao mar 299
* Sucata de alma vendida pelo peso do corpo, 300
Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir 300
Uma vontade física de comer o universo 304
Toda a gente é interessante se a gente souber ver toda a gente 305
Que somos nós? Navios que passam um pelo outro na noite, 305
Mas eu não tenho problemas; tenho só mistérios 306
Não tenho sinceridade nenhuma que te dar 306
O melodioso sistema do Universo, 306
O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo 306
Ai, Margarida, 307
No conflito escuro e besta 308
Ora porra! 308
Arre, que tanto é muito pouco! 309
* Não, não é cansaço... 309
* Mas eu, em cuja alma se reflectem 310
* O descalabro a ócio e estrelas... 310
* Todos julgamos que seremos vivos depois de mortos 311
* Meu corpo é a minha roupa de baixo; que me importa 312
* Ora até que enfim..., perfeitamente... 313
* O mesmo Teucro duce et auspice Teucro 314
* Ah, onde estou ou onde passo, ou onde não estou nem passo, 314
* Que lindos olhos de azul inocente os do pequenito do agiota! 315
* Que noite serena! 315
* O ter deveres, que prolixa coisa! 316
* Começo a conhecer-me. Não existo 317
* Vai pelo cais fora um bulício de chegada próxima, 317
Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa 318
A alma humana é porca como um cu 320

Está frio. 320
Na ampla sala de jantar das tias velhas 321
Névoas de todas as recordações juntas 322
Não ter emoções, não ter desejos, não ter vontades, 322
O que é haver ser, o que é haver seres, o que é haver cousas, 322
Mas não é só o cadáver 323
A plácida face anónima de um morto 323
Desfraldando ao conjunto fictício dos céus estrelados 324
* Canção do mocho (aeroplano ao natural) 325
* Saudação a todos quantos querem ser felizes 325
* O futuro 326
CRONOLOGIA 327

Apresentação

Sobre Fernando Pessoa

Falar de Fernando Pessoa não é apenas falar do maior poeta de língua portuguesa do século XX, é falar, também, de uma personalidade extremamente controvertida (como a de todo o gênio) e de uma obra vasta; afinal, Pessoa é vários poetas num só.

Filho de Joaquim de Seabra Pessoa, funcionário público e crítico musical, e de Maria Madalena Pinheiro Nogueira, Fernando António Nogueira Pessoa nasce em 13 de junho de 1888 na cidade de Lisboa, e sua primeira infância é marcada por acontecimentos que deixam cicatrizes para toda a vida. Com apenas cinco anos de idade, em 1893, Pessoa perde o pai, que morre de tuberculose, e ganha um irmão, Jorge. A morte de Joaquim traz tantas dificuldades financeiras à família que Madalena e seus filhos são obrigados a baixar o nível de vida, passando a viver na casa de Dionísia, a avó louca do poeta.

São as duas primeiras perdas do menino: o pai, a quem era muito apegado, e a casa. No ano seguinte, 1894, morre também Jorge. E, como para que compensar tudo isso, é nesse ano que Fernando Pessoa “encontra” um amigo invisível: o Chevalier de Pas, ou o Cavaleiro do Nada, “por quem escrevia cartas dele a mim mesmo”, diz o poeta, na carta de 1935 ao crítico Casais Monteiro.

Em 1895, dois anos após a morte de Joaquim, Madalena se casa com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal na cidade de Durban, uma colônia inglesa na África do Sul, e é para lá que a família se muda no ano seguinte.

Pouco se sabe a respeito da família nesse período africano, a não ser o nascimento dos irmãos Henriqueta Madalena, Madalena (que morre aos três anos) e João e algumas notícias sobre a escolaridade de Fernando. Em 1896, ele inicia o curso primário na escola de freiras irlandesas da West Street. Três anos depois, ingressa na Durban High School. Considerado um aluno excepcional, em 1900 é admitido no terceiro ano do liceu e, antes do final do ano letivo, é promovido ao quarto ano. Faz em três o que deveria fazer em cinco anos.

O ano seguinte é um ano de alegria, surpresa e descoberta para o adolescente Pessoa: as férias são em Portugal, e só em setembro de 1902 ele regressa a Durban. Foi nessa época, aos catorze anos, que escreveu seu primeiro poema em português que chegou até nós:

(...)

Quando eu me sento à janela,
P'los vidros que a neve embaça
Julgo ver a imagem dela
Que já não passa... não passa...

Em 1903, o jovem Fernando Pessoa é admitido na Universidade do Cabo, cursa apenas um ano; alguma coisa no poeta fala mais forte, e, nesse período, ele cria várias “personalidades literárias”, ou seja, vários poetas fictícios que vão assinar as poesias que “eles próprios” escrevem. Entre os poetas saídos da imaginação de Pessoa nessa época, destacam-se dois: Alexander Search, um adolescente, como o seu criador, que, inclusive, nasceu no dia do seu aniversário, e Charles Robert Anon, também adolescente, mas totalmente oposto ao temperamento de Fernando. De alguma maneira, começava a se delinear aquilo que faria de Fernando Pessoa um poeta como nenhum outro no mundo: um poeta que, sendo um, era muitos poetas.

Em 1904, a família aumenta; é a vez do nascimento da irmã Maria Clara.

Um ano depois, há uma virada na vida do poeta: ele retorna a Portugal, onde passa a viver com a tia-avó Maria e inscreve-se na Faculdade de Letras, mas, com a criação poética pulsando em toda a sua intensidade, quase não frequenta o curso. No ano seguinte, Pessoa mora com a mãe e o padrasto, que estão em férias em Lisboa; mas morre a irmã Maria Clara, a família volta para Durban, e ele vai morar com a avó e com as tias. É então que desiste, definitivamente, do curso de Letras.

Com a morte da avó, em 1906, Fernando Pessoa recebe uma pequena herança e aplica-a integralmente numa tipografia. Falta-lhe, entretanto, experiência, e o empreendimento logo fracassa. Isso faz com que, em 1908, comece a trabalhar como “correspondente de línguas estrangeiras”, ou seja, encarrega-se da correspondência comercial em inglês e francês em escritórios de importações e exportações, profissão que, junto com a de tradutor, desempenhará até o fim da vida.

É em 1912 que Fernando Pessoa conhece outro jovem poeta, de quem se torna grande amigo e parceiro na aventura literária: Mário de Sá-Carneiro. É um momento interessante na vida de Pessoa, e, ao contrário do que se pensa, ele não estreia na literatura com poesias, mas publicando artigos na revista *A Águia*, cujo editor e organizador é o também poeta Teixeira de

Pascoais. Seus artigos provocam polêmica junto à intelectualidade portuguesa, até porque ele mexe com o grande ícone da nação: Pessoa anuncia a chegada, para Portugal, de um poeta maior do que Luís de Camões; um supra-Camões, o que faz com que seja imediatamente criticado. Essa é também a época em que ele passa a viver com a tia preferida, Anica.

O ano seguinte é de muita produção. Ligado às ciências ocultas, escreve os primeiros poemas esotéricos; “Epithalamium”, um poema erótico em inglês; “Gládio”, que depois usará em Mensagem, o poema que conta a história de Portugal; e uma peça de teatro de um único ato chamada O marinheiro – diz-se, inclusive, que escreveu a peça em apenas 48 horas. É também nesse ano que publica, na revista A Águia, um texto chamado “Floresta do Alheamento”, que, mais tarde, fará parte do Livro do desassossego, uma obra escrita durante toda a sua vida de criador.

Mas nenhum dia foi igual àquele 8 de março de 1914: o “dia triunfal”. Deixemos que o poeta nos conte:

“...foi em 8 de março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O guardador de rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a Chuva oblíqua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro. Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção

nem emenda, surgiu a Ode triunfal de Álvaro de Campos – a ode com esse nome e o homem com o nome que tem. Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. [...]Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas.” (Carta a Casais Monteiro, janeiro de 1935.)

Ou seja, em 8 de março de 1914 nascem os heterônimos Alberto Caeiro – que ele logo toma por seu mestre –, Ricardo Reis e Álvaro de Campos; nascem dele, com suas respectivas obras.

Por que heterônimos, e não pseudônimos? Porque, quando usa um pseudônimo, um poeta se esconde atrás de um nome falso. É para esconder o nome verdadeiro que o pseudônimo existe. O heterônimo, ao contrário, não esconde ninguém, é um personagem, criado pelo poeta, que escreve a sua própria obra. Tem nome próprio, obra própria, biografia própria e, sobretudo, um estilo próprio. Esse nome, essa obra, essa biografia e esse estilo são diferentes do nome, da obra, da biografia e do estilo do poeta criador do personagem. Ao criador do heterônimo se dá o nome de ortônimo; foi Fernando Pessoa quem criou essa designação e é o único caso de heteronímia na literatura universal.

E quem são esses heterônimos, esses personagens criados por Pessoa? Deixemos que o poeta mesmo os apresente como os “vê”, tal como o fez na carta a Casais Monteiro, em 1935:

Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. [...]Caeiro era de estatura média e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. [...]Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; [...]Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó.[...]Como escrevo em nome desses três?... Caeiro, por pura e

inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular o que iria escrever [...]Caeiro escrevia mal o português [...]

Quanto a Ricardo Reis:

Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho os algures) no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. [...]Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. (Do que Caeiro, que era de estatura média) [...]

Cara rapada todos – [...] Reis de um vago moreno mate; [...] Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria.[...]Como escrevo em nome desses três? [...] Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se caracteriza numa ode. [...] Reis escreve melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. [...]

Quanto a Álvaro de Campos:

[...] Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) [...] Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (à 1h30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. [...] Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – [...] Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. [...]Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. Como escrevo em nome desses três?[...] Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê.[...] Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo» etc. [...] O difícil para mim é escrever a prosa de

Reis – ainda inédita – ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso.

E, embora criações suas, são, de fato, poetas diferentes de Fernando Pessoa, na medida em que cada um deles possui uma forma diferente de estar no mundo e transforma esse estar em verso. E, mais ainda, é interessante observar a coerência existente entre a biografia deles e sua obra. Caeiro é o homem ligado à natureza, ele só acredita mesmo no que ouve e no que vê. Para ele, não existe mistério:

O que nós vemos das coisas são as coisas.
Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa. [...]

Ricardo Reis faz uma poesia clássica, pagã, preocupada com a passagem tão rápida do tempo, que tudo aniquila, no melhor estilo do poeta da Antiguidade, Horácio:

Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

Álvaro de Campos, ao contrário de Reis, é o poeta da modernidade, da euforia e do desencanto da modernidade; é o poeta da irreverência total a tudo e a todos:

LISBON REVISITED

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.
Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me [enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
Das ciências, das artes, da civilização moderna!
Que mal fiz eu aos deuses todos?
Se têm a verdade, guardem-na (...)

E há ainda um semi-heterônimo, Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros de um escritório de Lisboa. Por que semi-heterônimo? Pessoa explica:

É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual...

O ano de 1915 foi outro ano importante na vida deste poeta múltiplo e genial e na Literatura Portuguesa do século XX: o ano da criação da revista *Orpheu*, que revoluciona a criação literária portuguesa, dando início ao Modernismo naquele país. A revista tem apenas dois números publicados (o terceiro viria a público somente na década de 80). Isso, entretanto, não desanima Pessoa; o que o deixa verdadeiramente deprimido é o suicídio do amigo Mário, no ano seguinte, em Paris. Então, além da sua própria produção, publicada sobretudo em revistas como *Portugal Futurista*, Fernando Pessoa toma para si o encargo de organizar a obra de Sá-Carneiro.

O poeta conhece, em 1920, a secretária Ophélia Queiroz, a quem passa a namorar. Nesse mesmo ano, em outubro, atravessa uma depressão tão profunda que chega a pensar em internar-se numa casa de saúde. Rompe com Ophélia. Sua mãe, Madalena, morre em 17 de março de 1925. Seu próprio estado psicológico inquieta o poeta e ele escreve a um amigo manifestando o desejo de ser hospitalizado. É interessante observar que

Pessoa era perseguido por uma espécie de consciência de seu estado psíquico, tanto que quando pouco antes de morrer ele escreve a carta ao crítico Adolfo Casais Monteiro explicando como nasceram os heterônimos, ele diz, ainda que ironizando, que é um “histeroneurastênico”:

Há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher – na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e cousas parecidas – cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...

Nesse momento, está nascendo em Portugal uma outra geração literária. Em 1927, é publicada a revista *Presença*, e com ela tem início o Presencismo, ou o segundo Modernismo português. Um dos grandes feitos dessa nova geração de poetas é o reconhecimento de Fernando Pessoa como seu mestre, fazendo com que Portugal comece a olhar com outros olhos para o seu maior poeta do século. É um momento importante para Fernando Pessoa que, em 1929, volta a se relacionar com Ophélia. Nesse mesmo ano, publica fragmentos do *Livro do desassossego*, creditando-os a Bernardo Soares. O namoro com Ophélia, porém, não prospera e, no ano seguinte, há o rompimento definitivo. Curiosamente, tudo indica que o problema foi o ciúme levantado por Álvaro de Campos, o heterônimo.

O ano de 1931 traz consigo o poema “Autopsicografia”, talvez o poema mais conhecido do autor:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

Aí, o poeta explica o que para ele é a criação de um poema, sugerindo que existem duas dores, a que o poeta sente e a que ele cria na poesia, e é a segunda que o torna um fingidor. E foi o que Fernando Pessoa fez: fingiu tão completamente ser outros que não conseguiu encontrar a si mesmo. Mas isso se justifica: para o poeta, o fingimento é a forma de chegar à verdade essencial, e só se pode chegar à verdade essencial através do poema.

O ano anterior ao da sua morte é um ano profícuo. Há como que uma espécie de retorno à simplicidade das coisas, e o poeta escreve mais de trezentas quadras populares.

É também nesse ano que Pessoa finaliza Portugal, o poema épico português do século XX que depois será chamado de Mensagem, e o inscreve no Prêmio Antero de Quental, concurso literário instituído pelo Secretariado Nacional de Propaganda. Fernando Pessoa fica apenas em segundo lugar: seu livro tinha um número muito reduzido de páginas e não atendia à orientação do Estado Novo, a ditadura de Salazar. A obra vencedora foi Romaria, uma seleção de poemas do Padre Vasco Reis, hoje totalmente desconhecido.

Em 1935, Fernando Pessoa escreve a famosa carta ao crítico Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro, em que explica como nasceram os heterônimos e na qual se revela um ocultista, um místico. É uma espécie de revelação final, apoteótica. Em 29 de novembro, é internado no hospital com o diagnóstico de cólica hepática. A sua última frase, escrita em inglês, é: “I know not what tomorrow will bring” (Eu não sei o que o amanhã trará). Seu último pedido, em português, foi para que lhe alcançassem os óculos. Morre no dia 30 de novembro de 1935, às 20h30, aos 47 anos, de cirrose hepática.

Deixou toda sua obra – mais de 27 mil papéis – dentro de uma grande arca, comprada pelo Estado português em 1979 e depositada na Biblioteca Nacional e reprivatizada há cerca de nove anos. Esses documentos vêm sendo estudados e divulgados por uma equipe coordenada por Teresa Rita Lopes, sob a chancela da editora Assírio & Alvim. São ensaios, mais de mil poemas, três heterônimos, um semi-heterônimo desdobrado em dois (Vicente Guedes e Bernardo Soares), mais de setenta pequenos heterônimos (sem obra consistente), cartas, contos, teatro, textos políticos, notas etc. É a obra do fingidor, do polêmico, do criador de vanguardas, do ocultista, do poeta dramático, do poeta das quadras populares e do questionador em busca de ser, que foi tanto a sua criação que se perdeu de si mesmo:

Quem sou, que assim me caminhei sem eu
Quem são, que assim me deram aos bocados
À reunião em que acordo e não sou meu?

Logo após a morte do poeta, o irmão João Nogueira faz uma conferência e afirma que ninguém na família adivinhava que Fernando Pessoa, “uma pessoa muito inteligente e muito divertida”, “resultaria em génio...”. A verdade é que o mundo também levou muito tempo para descobrir.

Álvaro de Campos, o homem da modernidade

O que faz de Álvaro de Campos, o heterônimo da modernidade, um excepcional e inquietante poeta é o fato de ser o homem da emoção. É o próprio Fernando Pessoa quem diz na famosa carta a Adolfo Casais Monteiro: “Pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida”.

Pode-se falar em três momentos distintos na poesia de Álvaro de Campos. Aliás, Campos é o único heterônimo de Fernando Pessoa que apresenta diferentes fases:

1. Campos pré-Caeiro: trata-se, como diz Pessoa, do “Álvaro em botão”, antes de ter conhecido o mestre Alberto Caeiro. E a revelação desse Álvaro é interessante. Conta Fernando Pessoa que, no momento de fechar o primeiro número da Revista Orpheu (1915), foi preciso, à última hora, arranjar um texto que completasse o número de páginas. Foi então que ele teve a ideia e a apresentou ao poeta Mário de Sá-Carneiro, seu companheiro na aventura poética: ia fazer um poema antigo do Álvaro de Campos, um poema sem a influência de Caeiro. Foi como criou o “Opiário”, procurando colocar, aí, todas as tendências latentes do Álvaro de Campos. Na verdade, a grande dificuldade era criar sem cair em contradição com o poeta já existente – não esqueçamos que o “dia triunfal”, o do surgimento dos heterônimos, foi 8 de março de 1914 –, daí por que diz Pessoa: “Foi, dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau [...]”^[1]. Assim, “Opiário” é incorporado à biografia de Campos como resultante de uma viagem que, quando jovem, fez ao Oriente:

Opiário

Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro

É antes do ópio que a minh'alma é doente.

Sentir a vida convalesce e estiola

E eu vou buscar ao ópio que consola

Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bordo há-de matar-me.

São dias só de febre na cabeça

E, por mais que procure até que adoeça,

já não encontro a mola pra adaptar-me.
Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos de ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal.
É por um mecanismo de desastres,
Uma engrenagem com volantes falsos,
Que passo entre visões de cadafalsos
Num jardim onde há flores no ar, sem hastes.
[...]
E afinal o que quero é fé, é calma,
E não ter estas sensações confusas.
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas —
E basta de comédias na minh'alma!

No Canal de Suez, a bordo
É interessante observar que esse Álvaro em botão, do “Opiário”, é fortemente influenciado pelo Simbolismo-Decadentismo, movimento literário da virada do século XIX para o XX^[2].

Pois bem, descontente e amargurado, em vias de se tornar um “poeta sonambólico”, o jovem Campos deixa, terrivelmente desiludido, o Oriente e, de volta à Europa, numa visita ao Ribatejo, conhece Alberto Caeiro e se torna seu discípulo.

Embora afirme que “O que o mestre Caeiro me ensinou foi a ter clareza; equilíbrio, organismo no delírio e no desvairamento, e também me ensinou a não procurar ter filosofia nenhuma, mas com alma”^[3], ele se distancia do mestre ao aproximar-se de movimentos modernistas como o Futurismo^[4] e o Sensacionismo^[5]. Temos, então, um outro momento do poeta.

2. Campos eufórico: o poeta engenheiro canta a modernidade com métrica livre e linguagem cotidiana, com suas odes cheias de contraste e de euforia, com um ritmo febril, com seu culto à velocidade, à máquina. Influenciado por Walt Whitman^[6], ele é a liberdade, a irreverência e a prosificação da poesia.

[...]

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um

[excesso

De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
[...]

Canto, e canto o presente, e também o passado e o

[futuro.

Porque o presente é todo o passado e o futuro

[...]

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se

[exprime!

Ser completo como uma máquina!

[...]

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a

[mesma,

Que emprega palavrões como palavras usuais,
Cujos filhos roubam às portas das mercearias
E cujas filhas aos oito anos – e eu acho isto belo e

[amo-o!

[...]

A gentilha que anda pelos andaimes e que vai para

[casa

Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.
Maravilhosa gente humana que vive como os cães,
Que está abaixo de todos os sistemas morais,
Para quem nenhuma religião foi feita,
Nenhuma arte criada,
Nenhuma política destinada para eles!
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
[...]

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a

[trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-la!

Hé-lá! He-hô Ho-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

“Ode triunfal” é a euforia crescente, uma espécie de surto da modernidade, e a modernidade é tudo, é o presente que engole o passado e o futuro, é a civilização cotidiana, com seus seres malditos e ordinários, é a beleza da máquina com o seu momento ruidoso e mecânico. Tudo cantado de forma excitada e excessiva. São assim, também, a “Ode Marítima”, a “Saudação a Walt Whitman” e tantos outros.

É da sua autoria o Ultimatum, manifesto publicado na Portugal Futurista contra os literatos instalados da época, no qual prega o que entende que seja o melhor poeta: um poeta-múltiplo, um poeta que reúna em si vários poetas.

Tudo se dá em nome de um “querer viver aos extremos”. E, de fato, Campos vive aos extremos: depois da euforia vem a disforia, depois da exaltação vem a depressão, e a modernidade ganha outra face.

3. Campos disfórico: o da melancolia da modernidade, o poeta que, experimentando todo o subjetivismo possível, mergulha na consciência do absurdo, no tédio, na desilusão, no cansaço: “O que há em mim é sobretudo cansaço – / Não disto nem daquilo, / Nem sequer de tudo ou de nada: / Cansaço assim mesmo, ele mesmo, / Cansaço”.

Na verdade, Campos é emoção pura, é o poeta da sensação. Se tiver que escolher entre o pensamento e a ação, ele quer os dois: quer “sentir tudo de todas as maneiras”, “quer ser toda a gente e toda a parte” e, ao ritmo desenfreado de “Ode triunfal”, segue-se o tédio da inutilidade e dos sonhos não realizados, como no belíssimo “Tabacaria”:

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

[...]

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse

[nada.

A aprendizagem que me deram,

Desci dela pela janela das traseiras da casa,

Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira.
Em que hei-de pensar?
[...]
Fiz de mim o que não soube,
[...]
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.

Num ritmo de prosa e de extravasamento de emoção, “Tabacaria” nos mostra um poeta maduro. O poema evidencia um último estágio da trajetória da dissolução de um sujeito que vê a vida através da janela, dividido entre o sonho e o real, e encontra-se como aquele que falhou em tudo, em meio à nostalgia de ter perdido a inocência e em meio à náusea. Mesmo as pessoas que vê da janela – a gente uma igual à outra – provocam nele a angústia da banalidade. Ele é um solitário imobilizado pelo excesso de uma lucidez destruidora – “[...] invoco/A mim mesmo e não encontro nada” – num mundo em que é apenas um estrangeiro, e a voz de Deus vem de um “poço tapado”.

Aí, de novo, a trégua, quando há trégua, na infância. O único momento em que Campos se permite algum lirismo, num universo que se reconstrói “sem ideal nem esperança”, é quando pensa na infância.

Impressiona, em Álvaro de Campos, a forma como ele narrativiza a poesia, seja pelo poder de descrição, seja pelas pessoas que imagina e faz circular em na arquitetura do poema, seja pela forma como ele cria, nos seus poemas, o espaço.

É o que, em meu entender, sucede nos poemas de Campos. São um extravasar de emoção. [...]

O que verdadeiramente Campos faz, quando escreve em verso, é escrever prosa ritmada com pausas maiores marcadas em certos pontos, para fins rítmicos, e esses pontos de pausa maior, determina-os ele pelos fins dos versos. Campos é um grande prosador, um prosador com

uma grande ciência do ritmo; mas o ritmo de que tem ciência é o ritmo da prosa [...],

afirma Ricardo Reis, o heterônimo clássico de Fernando Pessoa, em sua “Nota Preliminar” à obra de Campos. E é, justamente, essa forma que aproxima o poema da prosa, aliada a uma visão de mundo às vezes irreverente – e irreverente a tudo, a Deus, à ciência, aos homens –, às vezes lúcida e frágil, histérica, diria Pessoa, o que torna Álvaro de Campos o mais apaixonante dos heterônimos.

Tem-se afirmado que o poeta engenheiro é o heterônimo mais próximo de Fernando Pessoa. Diz-se, inclusive, que é uma espécie de duplo de Pessoa, mas mais extrovertido, apesar de ter travado com o seu criador uma polêmica aberta. “O conhecimento de Pessoa é particularmente indispensável para a compreensão de Álvaro de Campos. E a compreensão de Álvaro de Campos conduz ao entendimento de Pessoa”, afirma Teresa Rita Lopes, que tem trabalhado especialmente com Campos e divulgado seus inéditos. “Ao criar Álvaro de Campos, na primavera de 1914, Fernando Pessoa deu forma de gente aos seus medos e anseios ao mesmo tempo.”^[7]

A primeira composição assinada por Álvaro de Campos data de 1914, e ainda em outubro de 1935, pouco antes da morte de Fernando Pessoa, continuava produzindo. O próprio Fernando Pessoa deixou de assinar textos antes de Álvaro de Campos (as últimas composições do poeta são assinadas pelo heterônimo). E, nisso tudo, se nos perguntarmos, “mas, afinal, quem é Álvaro de Campos?”, ele mesmo responde:

Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.
Quanto amei ou deixei de amar é a mesma saudade

[em mim. [...]]

Baste, sim baste! Sou eu mesmo, o trocado,
O emissário sem carta nem credenciais,
O palhaço sem riso, o bobo com grande fato de outro,
A quem tinem as campainhas da cabeça
Como chocalhos pequenos de uma servidão em cima.
Sou eu mesmo, a charada sincopada
Que ninguém da roda decifra nos serões de província.

Sou eu mesmo, que remédio!...

*

Este volume, que ora a L&PM apresenta ao leitor, traz todos os poemas de Álvaro de Campos publicados em vida por Fernando Pessoa, os não publicados que este deixou atribuídos a Campos e, ainda, aqueles que os estudiosos de Fernando Pessoa, membros da Equipa Pessoa, atribuíram a este heterônimo. Note-se que o espólio de Fernando Pessoa conta com aproximadamente 27.500 documentos. Embora haja documentos (assinados ou não), mas atribuídos, pelo próprio poeta, aos heterônimos, grande quantidade deles não é atribuída a eles, assim como não é assinada. Essa atribuição vem sendo feita por aqueles que têm tido acesso ao espólio. Isso, por um lado, impede que se fale em obra completa e definitiva e, por outro, traz discussões e mesmo dúvidas entre os chamados “atribuíveis”, não havendo, muitas vezes, consonância de opiniões entre os estudiosos.

Embora o texto-base desta edição seja o da Ática portuguesa, recorreu-se também aos Poemas de Álvaro de Campos^[8], edição organizada por Cleonice Berardinelli.

A organização das poesias seguiu o seguinte critério: primeiramente foram colocadas em ordem crescente de data; depois, as não datadas foram organizadas por proximidade temática. Optou-se por não incluir de fragmentos de poemas: os inacabados e aqueles que, manuscritos, não permitiram leitura completa.

As poesias atribuídas a Campos apresentam, às vezes, versos ou mesmo poemas quase inteiros anotados com pequenas alterações feitas pelo próprio poeta. A esses versos com alterações chamamos variantes e colocamos em nota de rodapé. Mantivemos a ortografia utilizada por Fernando Pessoa. E, por último, os poemas que foram atribuídos a Álvaro de Campos não por Fernando Pessoa, mas pelos estudiosos do espólio do poeta, estão sinalizados no sumário por um asterisco que acompanha a primeira linha.

J.T.

[1]. Carta ao crítico Adolfo Casais Monteiro, 1935.

[2]. Para o Simbolismo, tudo é subjetivismo e espiritualidade. Adota o sonho em detrimento das ideias claras, pois tudo é representação da realidade. O Decadentismo une-se ao Simbolismo, trazendo toda a ideia de desânimo e de tédio de fim de século.

[3]. PESSOA, Fernando. Páginas Íntimas e Auto-Interpretação, Lisboa: Ática, s/d. p. 405.

- [4]. Movimento literário iniciado por Fillipo Tommaso Marinetti (1876-1944), que prega a destruição do passado e o culto à velocidade, à mecânica, à energia e à força.
- [5]. Movimento literário criado por Fernando Pessoa, cujo ponto de partida é o entendimento de que não existe realidade, tudo o que existe são sensações.
- [6]. Escritor norte-americano de quem Campos vai buscar a oralidade e os versos longos, muito próximos da prosa, assim como o desprezo à rima e à métrica regular.
- [7]. Vida e obra do engenheiro (Álvaro de Campos). 2 ed. Lisboa: Estampo, 1992.
- [8]. Editora Nova Fronteira, 1999.

Poemas de Álvaro de Campos

I

Quando olho para mim não me percebo.
Tenho tanto a mania de sentir
Que me extravio às vezes ao sair
Das próprias sensações que eu recebo.
O ar que respiro, este licor que bebo,
Pertencem ao meu modo de existir,
E eu nunca sei como hei de concluir
As sensações que a meu pesar concebo.
Nem nunca propriamente reparei
Se na verdade sinto o que sinto. Eu
Serei tal qual pareço em mim? Serei
Tal qual me julgo verdadeiramente?
Mesmo ante as sensações sou um pouco ateu,
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente. [\[1\]](#)

[1]. Observe que I, II e III são sonetos, e não odes, a forma mais comumente usada por Álvaro de Campos. Segundo Cleonice Berardinelli, este soneto, com os dois que o seguem, mais “Opíario” e “Carnaval”, faziam parte de um projeto de Campos para um livro cujo título seria Arco de Triunfo. **VOLTAR**

II

A praça da Figueira de manhã,
Quando o dia é de sol (como acontece
Sempre em Lisboa), nunca em mim esquece,
Embora seja uma memória vã.
Há tanta coisa mais interessante
Que aquele lugar lógico e plebeu,
Mas amo aquilo, mesmo aqui... Sei eu
Por que o amo? Não importa nada... Adiante!
Isto de sensações só vale a pena
Se a gente se não põe a olhar para elas.
Nenhuma delas em mim serena...
De resto, nada em mim é certo e está
De acordo comigo próprio. As horas belas
São as dos outros ou as que não há.

10/1913

(III) SONETO JÁ ANTIGO

Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás-de
dizer aos meus amigos aí de Londres,
embora não o sintas, que tu escondes
a grande dor da minha morte. Irás de
Londres p'ra Iorque, onde nasceste (dizes...
que eu nada que tu digas acredito),
contar àquele pobre rapazito
que me deu tantas horas tão felizes,
Embora não o saibas, que morri...
mesmo ele, a quem eu tanto julguei amar,
nada se importará... Depois vai dar
a notícia a essa estranha Cecily
que acreditava que eu seria grande...
Raios partam a vida e quem lá ande!

[2]. O “Soneto já antigo” foi publicado na revista Contemporânea, nº 6, dezembro, 1922.
VOLTAR

OPIÁRIO

Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.
Esta vida de bordo há-de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoeça,
Já não encontro a mola pra adaptar-me.
Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos de ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal.
É por um mecanismo de desastres,
Uma engrenagem com volantes falsos,
Que passo entre visões de cadafalsos
Num jardim onde há flores no ar, sem hastes.
Vou cambaleando através do labor
Duma vida-interior de renda e laca.
Tenho a impressão de ter em casa a faca
Com que foi degolado o Precursor.
Ando expiando um crime numa mala,
Que um avô meu cometeu por requinte.
Tenho os nervos na força, vinte a vinte,
E caí no ópio como numa vala.
Ao toque adormecido da morfina
Perco-me em transparências latejantes
E numa noite cheia de brilhantes
Ergue-se a lua como a minha Sina.
Eu, que fui sempre um mau estudante, agora
Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a conduzir
A minha vida, cânfora na aurora.
Perdi os dias que já aproveitara.
Trabalhei para ter só o cansaço
Que é hoje em mim uma espécie de braço

Que ao meu pescoço me sufoca e ampara.
E fui criança como toda a gente.
Nasci numa província portuguesa
E tenho conhecido gente inglesa
Que diz que eu sei inglês perfeitamente.
Gostava de ter poemas e novelas
Publicados por Plon e no Mercure,
Mas é impossível que esta vida dure.
Se nesta viagem nem houve procelas!
A vida a bordo é uma coisa triste,
Embora a gente se divirta às vezes.
Falo com alemães, suecos e ingleses
E a minha mágoa de viver persiste.
Eu acho que não vale a pena ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E há só uma maneira de viver.
Por isso eu tomo ópio. É um remédio.
Sou um convalescente do Momento.
Moro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.
Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, enfim,
Muito a leste não fosse o oeste já!
Pra que fui visitar a Índia que há
Se não há Índia senão a alma em mim?
Sou desgraçado por meu morgadio.
Os ciganos roubaram minha Sorte.
Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte
Um lugar que me abrigue do meu frio.
Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escócia. Visitei a Irlanda.
Meu coração é uma avòzinha que anda
Pedindo esmola às portas da Alegria.
Não chegues a Port-Said, navio de ferro!
Volta à direita, nem eu sei para onde.
Passo os dias no smoking-room com o conde –
Um escroc francês, conde de fim de enterro.

Volto à Europa descontente, e em sortes
De vir a ser um poeta sonambólico.
Eu sou monárquico mas não católico
E gostava de ser as coisas fortes.
Gostava de ter crenças e dinheiro,
Ser vária gente insípida que vi.
Hoje, afinal, não sou senão, aqui,
Num navio qualquer um passageiro.
Não tenho personalidade alguma.
É mais notado que eu esse criado
De bordo que tem um belo modo alçado
De laird escocês há dias em jejum.
Não posso estar em parte alguma. A minha
Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco.
O comissário de bordo é velhaco.
Viu-me co'a sueca... e o resto ele adivinha.
Um dia faço escândalo cá a bordo,
Só para dar que falar de mim aos mais.
Não posso com a vida, e acho fatais
As iras com que às vezes me debordo.
Levo o dia a fumar, a beber coisas,
Drogas americanas que entontecem,
E eu já tão bêbado sem nada! Dessem
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.
Escrevo estas linhas. Parece impossível
Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!
O facto é que esta vida é uma quinta
Onde se aborrece uma alma sensível.
Os ingleses são feitos pra existir.
Não há gente como esta pra estar feita
Com a Tranquilidade. A gente deita
Um vintém e sai um deles a sorrir.
Pertencço a um género de portugueses
Que depois de estar a Índia descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vezes.
Leve o diabo a vida e a gente tê-la!

Nem leio o livro à minha cabeceira.
Enoja-me o Oriente. É uma esteira
Que a gente enrola e deixa de ser bela.
Caio no ópio por força. Lá querer
Que eu leve a limpo uma vida destas
Não se pode exigir. Almas honestas
Com horas pra dormir e pra comer,
Que um raio as parta! E isto afinal é inveja.
Porque estes nervos são a minha morte.
Não haver um navio que me transporte
Para onde eu nada queira que o não veja!
Ora! Eu cansava-me do mesmo modo.
Qu'ria outro ópio mais forte pra ir de ali
Para sonhos que dessem cabo de mim
E pregassem comigo nalgum lodo.
Febre! Se isto que tenho não é febre,
Não sei como é que se tem febre e sente.
O fato essencial é que estou doente.
Está corrida, amigos, esta lebre.
Veio a noite. Tocou já a primeira
Corneta, pra vestir para o jantar.
Vida social por cima! Isso! E marchar
Até que a gente saia pla coleira!
Porque isto acaba mal e há-de haver
(Olá!) sangue e um revólver lá prò fim
Deste desassossego que há em mim
E não há forma de se resolver.
E quem me olhar, há-de-me achar banal,
A mim e à minha vida... Ora! um rapaz...
O meu próprio monóculo me faz
Pertencer a um tipo universal.
Ah quanta alma viverá, que ande metida
Assim como eu na Linha, e como eu mística!
Quantos sob a casaca característica
Não terão como eu o horror à vida?
Se ao menos eu por fora fosse tão
Interessante como sou por dentro!

Vou no Maelstrom, cada vez mais prò centro.
Não fazer nada é a minha perdição.
Um inútil. Mas é tão justo sê-lo!
Pudesse a gente desprezar os outros
E, ainda que co'os cotovelos rotos,
Ser herói, doido, amaldiçoado ou belo!
Tenho vontade de levar as mãos
À boca e morder nelas fundo e a mal.
Era uma ocupação original
E distraía os outros, os tais são.
O absurdo, como uma flor da tal Índia
Que não vim encontrar na Índia, nasce
No meu cérebro farto de cansar-se.
A minha vida mude-a Deus ou finde-a...
Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,
Até virem meter-me no caixão.
Nasci pra mandarim de condição,
Mas falta-me o sossego, o chá e a esteira.
Ah que bom que era ir daqui de caída
Prà cova por um alçapão de estouro!
A vida sabe-me a tabaco louro.
Nunca fiz mais do que fumar a vida.
E afinal o que quero é fé, é calma,
E não ter estas sensações confusas.
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas –
E basta de comédias na minh'alma! [\[3\]](#)

No Canal de Suez, a bordo.

3 /1914

[3]. Publicada na revista Orpheu, nº 1, janeiro-fevereiro-março, 1915. Diz Fernando Pessoa, na carta a Adolfo Casais Monteiro (1935) a respeito dessa ode: “[...]um poema de como Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência”. É em férias que o jovem Campos faz uma viagem ao Oriente, o que o torna desiludido e amargurado, em vias de vir a ser um poeta “sonambólico”, marcado pelo torpor. Regressa a Portugal, onde há o encontro com o mestre Caeiro, e aí inicia um outro percurso, ligado ao Futurismo. **VOLTAR**

ODE TRIUNFAL

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas

[da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida

[dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um

[excesso

De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
Em febre e olhando os motores como a uma Natureza

[tropical –

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o

[futuro.

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes

[eléctricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio

[e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez

[cinquenta,

Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do

[Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes

[êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só

[carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se

[exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel

[último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me

[passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões

Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!

Promíscua fúria de ser parte-agente

Do rodar férreo e cosmopolita

Dos comboios estrénuos.

Da faina transportadora-de-cargas dos navios.

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias

[de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas

Entre maquinismos e afazeres úteis!

Grandes cidades paradas nos cafés,

Nos cafés – oásis de inutilidades ruidosas

Onde se cristalizam e se precipitam

Os rumores e os gestos do Útil

E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do

[Progressivo!

Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!

Novos entusiasmos de estatura do Momento!

Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às

[docas,

Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!

Actividade internacional, transatlântica,

[Canadian-Pacific!

Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,

Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,

E Piccadillies e Avenues de l'Opéra que entram

Pela minh'alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!

Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!

Comerciantes; vadios; escrocs exageradamente

[bem-vestidos;

Membros evidentes de clubes aristocráticos;

Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente

[felizes

E paternais até na corrente de oiro que atravessa o

[colete

De algibeira a algibeira!

Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!

Presença demasiadamente acentuada das cocotes

Banalidade interessante (e quem sabe o quê por

[dentro?]

Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,

Que andam na rua com um fim qualquer;

A graça feminina e falsa dos pederastas que passam,

[lentos;

E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se

[mostra

E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,

Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,

Agressões políticas nas ruas,

E de vez em quando o cometa dum regicídio

Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus

Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,

Artigos políticos insinceramente sinceros,

Notícias passez à-la-caisse, grandes crimes –

Duas colunas deles passando para a segunda página!

O cheiro fresco a tinta de tipografia!

Os cartazes postos há pouco, molhados!

Vients-de-paraître amarelos com uma cinta branca!

Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,

Como eu vos amo de todas as maneiras,
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto
E como o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)
E com a inteligência como uma antena que fazeis

[vibrar!

Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!
Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da

[agricultura!

Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
Ó mostuários dos caixeiros-viajantes,
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da

[Indústria,

Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos

[escritórios!

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos

[figurinos!

Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
Olá grandes armazéns com várias secções!
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e

[desaparecem!

Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é

[diferente de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos

[processos!

Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos,

[aeroplanos!

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.

Amo-vos carnivoramente,

Pervertidamente e enroscando a minha vista

Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,

Ó coisas todas modernas,

Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima

Do sistema imediato do Universo!

Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,

Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes –

Na minha mente turbulenta e encandescida
Possuo-vos como a uma mulher bela,
Completamente vos possuo como a uma mulher bela

[que não se ama.

Que se encontra casualmente e se acha

[interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos.
Orçamentos falsificados!
(Um orçamento é tão natural como uma árvore
E um parlamento tão belo como uma borboleta).
Eh-lá o interesse por tudo na vida,
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras
Até à noite ponte misteriosa entre os astros
E o mar antigo e solene, lavando as costas
E sendo misericordiosamente o mesmo
Que era quando Platão era realmente Platão
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,
E falava com Aristóteles, que havia de não ser

[discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor
Com o sentimento de deliciosa entrega duma

[mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Masoquismo através de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!
Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,
Morder entre dentes o teu cap de duas cores!
(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma

[porta!

Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas,

E ser levado da rua cheio de sangue
Sem ninguém saber quem eu sou!
Ó tramways, funiculares, metropolitanos,
Roçai-vos por mim até ao espasmo!
Hilla! hilla! hilla-hô!
Dai-me gargalhadas em plena cara,
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das
[ruas,
Rio multicolor anónimo e onde eu me posso banhar
[como quereria!
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de
[tudo isto!
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de
[dinheiro,
As dissensões domésticas, os deboches que não se
[suspeitam,
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu
[quarto
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas
Nas ruas cheias de encontrões!
Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a
[mesma,
Que emprega palavrões como palavras usuais,
Cujos filhos roubam às portas das mercearias
E cujas filhas aos oito anos – e eu acho isto belo e
[amo-o! –
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de
[escada.
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.
Maravilhosa gente humana que vive como os cães,
Que está abaixo de todos os sistemas morais.

Para quem nenhuma religião foi feita,
Nenhuma arte criada,
Nenhuma política destinada para eles!
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem

[maus,

Inatingíveis por todos os progressos,
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!
(Na nora do quintal da minha casa
O burro anda à roda, anda à roda,
E o mistério do mundo é do tamanho disto.
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.
A luz do sol abafa o silêncio das esferas
E havemos todos de morrer,
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa
Do que eu sou hoje...)
Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo

[dentro de todos os comboios

De todas as partes do mundo,
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,
Que a estas horas estão levantando ferro ou

[afastando-se das docas.

Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó

[rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,
E outro Sol no novo Horizonte!
Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!
Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-la!
Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o-o!
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

A não ser eu toda a gente e toda a parte!^[5]

Londres.

[4]. Rail: trilho, em inglês. **VOLTAR**.

[5]. Publicada na revista Orpheu, nº 1, janeiro-fevereiro-março de 1915. A “Ode triunfal” é o melhor exemplo de Álvaro de Campos tomado pela euforia da modernidade. É o Campos futurista do culto à mecânica, à energia, à velocidade e à força. É a comunhão perfeita com a sociedade industrial. Observe-se o ritmo frenético do poema. Esse ritmo só se quebra quando iniciam os parênteses com os versos que falam da infância. A infância é o único momento em que o poeta se permite algum lirismo. **VOLTAR**.

DOIS EXCERTOS DE ODES
(FINS DE DUAS ODES, NATURALMENTE) [\[6\]](#)

I

.....
Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio, Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.
Vem, vagamente,
Vem, levemente,
Vem sòzinha, solene, com as mãos caídas
Ao teu lado, vem
E traz os montes longínquos para o pé das árvores

[próximas,

Funde num campo teu todos os campos que vejo,
Faze da montanha um bloco só do teu corpo,
Apaga-lhe todas as diferenças que de longe vejo,
Todas as estradas que a sobem,
Todas as várias árvores que a fazem verde-escuro ao

[longe,

Todas as casas brancas e com fumo entre as árvores,
E deixa só uma luz e outra luz e mais outra,
Na distância imprecisa e vagamente perturbadora,
Na distância súbitamente impossível de percorrer.
Nossa Senhora
Das coisas impossíveis que procuramos em vão,
Dos sonhos que vêm ter connosco ao crepúsculo, à

[janela,

Dos propósitos que nos acariciam
Nos grandes terraços dos hotéis cosmopolitas,
Ao som europeu das músicas e das vozes longe e perto.
E que doem por sabermos que nunca os realizaremos.
Vem, e embala-nos,
Vem e afaga-nos.
Beija-nos silenciosamente na fronte,
Tão levemente na fronte que não saibamos que nos

[beijam

Senão por uma diferença na alma.

E um vago soluço partindo melodiosamente
Do antiquíssimo de nós
Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha
Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos
Porque os sabemos fora de relação com o que há na

[vida.

Vem soleníssima,
Soleníssima e cheia
De uma oculta vontade de soluçar,
Talvez porque a alma é grande e a vida pequena,
E todos os gestos não saem do nosso corpo
E só alcançamos onde o nosso braço chega,
E só vemos até onde chega o nosso olhar.
Vem, dolorosa,
Mater-Dolorosa das Angústias dos Tímidos,
Turris-Eburnea das Tristezas dos Desprezados,
Mão fresca sobre a testa em febre dos Humildes,
Sabor de água sobre os lábios secos dos Cansados.
Vem, lá do fundo
Do horizonte lívido,
Vem e arranca-me
Do solo de angústia e de inutilidade
Onde vicejo.
Do solo de inquietação e vida-de-mais e falsas-sensações
Donde naturalmente nasci.
Apanha-me do meu solo, malmequer esquecido,
E entre ervas altas malmequer ensombrado,
Folha a folha lê em mim não sei que sina
E desfolha-me para teu agrado,
Para teu agrado silencioso e fresco.
Uma folha de mim lança para o Norte,
Onde estão as cidades de Hoje cujo ruído amei como a

[um corpo.

Outra folha de mim lança para o Sul,
Onde estão os mares e as aventuras que se sonham.
Outra folha minha atira ao Ocidente,
Onde arde ao rubro tudo o que talvez seja o Futuro,

E há ruídos de grandes máquinas e grandes desertos

[rochosos

Onde as almas se tornam selvagens e a moral não chega.

E a outra, as outras, todas as outras folhas –

Ó oculto tocar-a-rebate dentro em minha alma –

Atira ao Oriente,

Ao Oriente donde vem tudo, o dia e a fé,

Ao Oriente pomposo e fanático e quente,

Ao Oriente excessivo que eu nunca verei,

Ao Oriente budista, bramanista, xintoísta,

Ao Oriente que tudo o que nós não temos,

Que tudo o que nós não somos,

Ao Oriente onde – quem sabe? – Cristo talvez ainda

[hoje viva,

Onde Deus talvez exista com corpo e mandando tudo...

Vem sobre os mares,

Sobre os mares maiores,

Sobre os mares sem horizontes precisos,

Vem e passa a mão pelo seu dorso de fera,

E acalma-o misteriosamente,

Ó domadora hipnótica das coisas que se agitam muito!

Vem, cuidadosa,

Vem, maternal,

Pé ante pé enfermeira antiquíssima, que te sentaste

À cabeceira dos deuses das fés já perdidas,

E que viste nascer Jeová e Júpiter,

E sorriste porque tudo te é falso, salvo a treva e o silêncio,

E o grande Espaço Misterioso para além deles...

Vem, Noite silenciosa e extática,

Vem envolver na noite manto branco

O meu coração...

Serenamente como uma brisa na tarde lenta,

Tranquilamente com um gesto materno afagando.

Com as estrelas luzindo (ó Mascarada do Além!)

Pó de ouro no teu cabelo negro,

E o quarto minguante máscara misteriosa sobre a tua

[face.

Todos os sons soam de outra maneira
Quando tu vens.
Quando tu entras baixam todas as vozes,
Ninguém te vê entrar.
Ninguém sabe quando entraste,
Senão de repente, vendo que tudo se recolhe,
Que tudo perde as arestas e as cores,
E que no alto céu ainda claramente azul e branco no
[horizonte,
Já crescente nítido, ou círculo amarelento, ou mera
[esparsa brancura,
A lua começa o seu dia.

[6]. Para este poema, seguimos a versão de Cleonice Berardinelli. [VOLTAR](#)

II

Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes

[nas grandes cidades

E a mão de mistério que abafa o bulício,

E o cansaço de tudo em nós que nos corrompe

Para uma sensação exacta e activa da Vida!

Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios

E que misterioso o fundo unânime das ruas,

Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,

Ó do “Sentimento de um Ocidental”!

Que inquietação profunda, que desejo de outras coisas,

Que nem são países, nem momentos, nem vidas,

Que desejo talvez de outros modos de estados de alma

Humedece inferiormente o instante lento e longínquo!

Um horror sonâmbulo entre luzes que se acendem,

Um pavor terno e líquido, encostado às esquinas

Como um mendigo de sensações impossíveis

Que não sabe quem lhas possa dar...

Quando eu morrer,

Quando me for, hirto e diferente como toda a gente,

Ignóbil por fora, e por dentro quem sabe que outro-ser,

Por aquele caminho cuja ideia se não pode encarar de

[frente,

Por aquela porta a que, se pudéssemos assomar, não

[assomariámos

Para aquele porto que o capitão do Navio não conhece,

Seja por esta hora condigna dos tédios que tive,

Por esta hora mística e espiritual e antiquíssima,

Por esta hora em que talvez, há muito mais tempo do

[que parece,

Platão sonhando viu a ideia de Deus

Esculpir corpo e existência nitidamente plausível.

Dentro do seu pensamento exteriorizado como um

[campo.

Seja por esta hora que me leveis a enterrar,

Por esta hora que eu não sei como viver,

Em que não sei que sensações ter ou fingir que tenho,

Por esta hora cuja misericórdia é torturada e excessiva,
Cujas sombras vêm de qualquer outra coisa que não as

[coisas,

Cuja passagem não roça vestes no chão da Vida Sensível
Nem deixa perfume nos caminhos do Olhar.

Cruza as mãos sobre o joelho, ó companheira que

[eu não tenho nem quero ter.

Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio

A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas,

Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti

[própria

– Tu que me conheces – quem eu sou...^[7]

30/6/1914

Como eu desejaria ser parte da noite,
Parte sem contornos da noite, um lugar qualquer no [espaço
Não propriamente um lugar, por não ter posição nem [contornos
Mas noite na noite, uma parte dela, pertencendo-lhe [por todos os lados
E unido e afastado companheiro da minha ausência de [existir

13/12/1914

Chove muito, chove excessivamente...

Chove e de vez em quando faz um vento frio...

Estou triste, muito triste, como se eu fosse o dia...

Num dia no meu futuro em que chova assim também

E eu, à janela, de repente me lembre do dia de hoje,

Pensarei eu “ah, nesse tempo eu era mais feliz”

Ou pensarei “ah, que tempo triste foi aquele”!

Ah, meu Deus, eu que pensarei deste dia nesse dia

E o que serei, e que farei; o que me será o passado que

[é hoje só presente?...

O ar está mais desagasalhado, mais frio, mais triste

E há uma grande dúvida de chumbo no meu coração...

20/11/1914

[7]. Publicados na Revista de Portugal, nº 4, julho de 1938. **VOLTAR**.

ODE MARÍTIMA

Sòzinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,
Olho prò lado da barra, olho prò Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.
Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,
Erguem-se velas, avançam rebocadores,
Surtem barcos pequenos detrás dos navios que estão

[no porto.

Há uma vaga brisa.
Mas a minh'alma está com o que vejo menos.
Com o pacote que entra,
Porque ele está com a Distância, com a Manhã,
Com o sentido marítimo desta Hora,
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma

[náusea,

Como um começar a enjoar, mas no espírito.
Olho de longe o pacote, com uma grande

[independência de alma,

E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.
Os pacotes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos
Doutro modo da mesma humanidade noutros portos.
Todo o atracar, todo o largar de navio,
É – sinto-o em mim como o meu sangue –
Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçador de significações metafísicas
Que perturbam em mim quem eu fui...
Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!
E quando o navio larga do cais
E se repara de repente que se abriu um espaço
Entre o cais e o navio,

Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente,
Uma névoa de sentimentos de tristeza
Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas
Como a primeira janela onde a madrugada bate,
E me envolve com uma recordação duma outra pessoa
Que fosse misteriosamente minha.
Ah, quem sabe, quem sabe,
Se não parti outrora, antes de mim,
Dum cais; se não deixei, navio ao sol
Oblíquo da madrugada,
Uma outra espécie de porto?
Quem sabe se não deixei, antes de a hora
Do mundo exterior como eu o vejo
Raia-se para mim,
Um grande cais cheio de pouca gente,
Duma grande cidade meio-desperta,
Duma enorme cidade comercial, crescida, apoplética,
Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?
Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente

[imitado,

Insensivelmente evocado,
Nós os homens construímos
Os nossos cais nos nossos portos,
Os nossos cais de pedra actual sobre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente
Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em

[Pedra-Almas,

A certos momentos nossos de sentimento-raiz
Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta
E, sem que nada se altere,
Tudo se revela diverso.
Ah o Grande Cais donde partimos em Navios-Nações!
O Grande Cais Anterior, eterno e divino!
De que porto? Em que águas? E porque penso eu isto?
Grandes Cais como os outros cais, mas o Único.

Cheio como eles de silêncios rumorosos nas antemanhãs,
E desabrochando com as manhãs num ruído de

[guindastes

E chegadas de comboios de mercadorias,
E sob a nuvem negra e ocasional e leve
Do fundo das chaminés das fábricas próximas
Que lhe sombreia o chão preto de carvão pequenino

[que brilha,

Como se fosse a sombra duma nuvem que passasse

[sobre água sombria.

Ah, que essencialidade de mistério e sentido parados
Em divino êxtase revelador
Às horas cor de silêncios e angústias
Não é ponte entre qualquer cais e O Cais!
Cais negramente reflectido nas águas paradas,
Bulício a bordo dos navios,
Ó alma errante e instável da gente que anda embarcada,
Da gente simbólica que passa e com quem nada dura,
Que quando o navio volta ao porto
Há sempre qualquer alteração a bordo!
Ó fugas contínuas, idas, ebriedade do Diverso!
Alma eterna dos navegadores e das navegações!
Cascos reflectidos devagar nas águas,
Quando o navio larga do porto!
Flutuar como alma da vida, partir como voz,
Viver o momento trêmulamente sobre águas eternas.
Acordar para dias mais directos que os dias da Europa,
Ver portos misteriosos sobre a solidão do mar,
Virar cabos longínquos para súbitas vastas paisagens
Por inumeráveis encostas atónitas...
Ah, as praias longínquas, os cais vistos de longe,
E depois as praias próximas, os cais vistos de perto.
O mistério de cada ida e de cada chegada,
A dolorosa instabilidade e incompreensibilidade
Deste impossível universo
A cada hora marítima mais na própria pele sentido!
O soluço absurdo que as nossas almas derramam

Sobre as extensões de mares diferentes com ilhas ao

[longe,

Sobre as ilhas longínquas das costas deixadas passar,

Sobre o crescer nítido dos portos, com as suas casas e a

[sua gente,

Para o navio que se aproxima.

Ah, a frescura das manhãs em que se chega,

E a palidez das manhãs em que se parte,

Quando as nossas entranhas se arrepanham

E uma vaga sensação parecida com um medo

– O medo ancestral de se afastar e partir,

O misterioso receio ancestral à Chegada e ao Novo –

Encolhe-nos a pele e agonia-nos,

E todo o nosso corpo angustiado sente,

Como se fosse a nossa alma,

Uma inexplicável vontade de poder sentir isto doutra

[maneira:

Uma saudade a qualquer coisa,

Uma perturbação de afeições a que vaga pátria?

A que costa? a que navio? a que cais?

Que se adoece em nós o pensamento,

E só fica um grande vácuo dentro de nós,

Uma oca saciedade de minutos marítimos,

E uma ansiedade vaga que seria tédio ou dor

Se soubesse como sê-lo...

A manhã de Verão está, ainda assim, um pouco fresca.

Um leve torpor de noite anda ainda no ar sacudido.

Acelera-se ligeiramente o volante dentro de mim.

E o pacote vem entrando, porque deve vir entrando

[sem dúvida,

E não porque eu o veja mover-se na sua distância

[excessiva.

Na minha imaginação ele está já perto e é visível

Em toda a extensão das linhas das suas vigias.

E treme em mim tudo, toda a carne e toda a pele,

Por causa daquela criatura que nunca chega em

[nenhum barco

E eu vim esperar hoje ao cais, por um mandado

[oblíquo.

Os navios que entram a barra,
Os navios que saem dos portos,
Os navios que passam ao longe
(Suponho-me vendo-os duma praia deserta) –
Todos estes navios abstractos quase na sua ida,
Todos estes navios assim comovem-me como se

[fossem outra coisa

E não apenas navios, navios indo e vindo.
E os navios vistos de perto, mesmo que se não vá

[embarcar neles,

Vistos de baixo, dos botes, muralhas altas de chapas,
Vistos dentro, através das câmaras, das salas, das

[despensas,

Olhando de perto os mastros, afilando-se lá prò alto,
Roçando pelas cordas, descendo as escadas incòmodas,
Cheirando a untada mistura metálica e marítima de

[tudo aquilo –

Os navios vistos de perto são outra coisa e a mesma

[coisa,

Dão a mesma saudade e a mesma ânsia doutra maneira.
Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!
Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina
E eu cismo indeterminadamente as viagens.
Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo

[horizonte!

Ah, os cabos, as ilhas, as praias areentas!
As solidões marítimas como certos momentos no

[Pacífico

Em que não sei por que sugestão aprendida na escola
Se sente pesar sobre os nervos o facto de que aquele é o

[maior dos oceanos

E o mundo e o sabor das coisas tornam-se um deserto

[dentro de nós!

A extensão mais humana, mais salpicada, do Atlântico!
O Índico, o mais misterioso dos oceanos todos!

O Mediterrâneo, doce, sem mistério nenhum, clássico,
[um mar para bater
De encontro a esplanadas olhadas de jardins próximos
[por estátuas brancas!
Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos
[os golfos,
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!
E vós, ó coisas navais, meus velhos brinquedos de sonho!
Componde fora de mim a minha vida interior!
Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,
Galdropes, escotilhas, caldeiras, colectores, válvulas;
Caí, por mim dentro em montão, em monte,
Como o conteúdo confuso de uma gaveta despejada
[no chão!
Sede vós o tesouro da minha avareza febril,
Sede vós os frutos da árvore da minha imaginação,
Tema de cantos meus, sangue nas veias da minha
[inteligência,
Vosso seja o laço que me une ao exterior pela estética.
Fornecei-me metáforas imagens, literatura,
Porque em real verdade, a sério, literalmente,
Minhas sensações são um barco de quilha prò ar,
Minha imaginação uma âncora meio submersa,
Minha ânsia um remo partido,
E a tessitura dos meus nervos uma rede a secar na praia!
Soa no acaso do rio um apito, só um.
Treme já todo o chão do meu psiquismo.
Acelera-se cada vez mais o volante dentro de mim.
Ah, os paquetes, as viagens, o não-se-saber-o-paradeiro
De Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido!
Ah, a glória de se saber que um homem que andava
[connosco
Morreu afogado ao pé duma ilha do Pacífico!
Nós que andámos com ele vamos falar nisso a todos.
Com um orgulho legítimo, com uma confiança invisível
Em que tudo isso tenha um sentido mais belo e mais

Que apenas o ter-se perdido o barco onde ele ia
E ele ter ido ao fundo por lhe ter entrado água pròs

[vasto

[pulmões!

Ah, os paquetes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!
Vão rareando – ai de mim! – os navios de vela nos mares!
E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com

[a alma as máquinas,

Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no

[estrangeiro,

Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só

[veleiros e barcos de madeira,

De não saber doutra vida marítima que a antiga vida

[dos mares!

Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
O Puro Longe, liberto do peso do Actual...

E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.
Todo o vapor ao longe é um barco de vela perto.
Todo o navio distante visto agora é um navio no

[passado visto próximo.

Todos os marinheiros invisíveis a bordo dos navios no

[horizonte

São os marinheiros visíveis do tempo dos velhos navios,
Da época lenta e veleira das navegações perigosas,
Da época de madeira e lona das viagens que duravam

[meses.

Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,
Penetram-me fisicamente o cais e a sua atmosfera,
O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,
E começo a sonhar, começo a envolver-me do sonho

[das águas,

Começam a pegar bem as correias-de-transmissão na

minh'alma

E a aceleração do volante sacode-me nitidamente.
Chamam por mim as águas,

Chamam por mim os mares,
Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os

[longes,

As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.
Tu, marinheiro inglês, Jim Barns meu amigo, foste tu
Que me ensinaste esse grito antiquíssimo, inglês,
Que tão venenosamente resume
Para as almas complexas como a minha
O chamamento confuso das águas,
A voz inédita e implícita de todas as coisas do mar,
Dos naufrágios, das viagens longínquas, das travessias

[perigosas.

Esse teu grito inglês, tornado universal no meu sangue,
Sem feitio de grito, sem forma humana nem voz.
Esse grito tremendo que parece soar
De dentro duma caverna cuja abóbada é o céu
E parece narrar todas as sinistras coisas
Que podem acontecer no Longe, no Mar, pela Noite...
(Fingias sempre que era por uma escuna que chamavas,
E dizias assim, pondo uma mão de cada lado da boca,
Fazendo porta-voz das grandes mãos curtidas e escuras:
Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò – yyy...
Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò – yyy...)
Escuto-te de aqui, agora, e desperto a qualquer coisa.
Estremece o vento. Sobe a manhã. O calor abre.
Sinto corarem-me as faces.
Meus olhos conscientes dilatam-se.
O êxtase em mim levanta-se, cresce, avança,
E com um ruído cego de arruaça acentua-se
O giro vivo do volante.
Ó clamoroso chamamento
A cujo calor, a cuja fúria fervem em mim
Numa unidade explosiva todas as minhas ânsias,
Meus próprios tédios tornados dinâmicos, todos!...
Apelo lançado ao meu sangue
Dum amor passado, não sei onde, que volve
E ainda tem força para me atrair e puxar,

Que ainda tem força para me fazer odiar esta vida
Que passo entre a impenetrabilidade física e psíquica
Da gente real com que vivo!

Ah seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar.
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstracta,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!

Todo o meu sangue raiva por asas!
Todo o meu corpo atira-se prà frente!
Galgo pla minha imaginação fora em torrentes!
Atropelo-me, rujo, precipito-me!...
Estoiram em espuma as minhas ânsias
E a minha carne é uma onda dando de encontro a

[rochedos!

Pensando nisto – ó raiva! pensando nisto – ó fúria!
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,
Sùbitamente, trêmulamente, extraorbitadamente,
Com uma oscilação viciosa, vasta, violenta,
Do volante vivo da minha imaginação,
Rompe, por mim, assobiando, silvando, vertiginando,
O cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima.
Eh marinheiros, gajeiros! eh tripulantes, pilotos!
Navegadores, mareantes, marujos, aventureiros!
Eh capitães de navios! homens ao leme e em mastros!
Homens que dormem em beliches rudes!
Homens que dormem co'o Perigo a espreitar plas vigias!
Homens que dormem co'a Morte por travesseiro!
Homens que têm tombadilhos, que têm pontes donde

[olhar

A imensidade imensa do mar imenso!
Eh manipuladores dos guindastes de carga!
Eh amainadores de velas, fogueiros, criados de bordo!
Homens que metem a carga nos porões!
Homens que enrolam cabos no convés!
Homens que limpam os metais das escotilhas!

Homens do leme! homens das máquinas! homens dos

[mastros!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Gente de boné de pala! Gente de camisola de malha!

Gente de âncoras e bandeiras cruzadas bordadas no

[peito!

Gente tatuada! gente de cachimbo! gente de amurada!

Gente escura de tanto sol, crestada de tanta chuva,

Limpa de olhos de tanta imensidade diante deles,

Audaz de rosto de tantos ventos que lhes bateram a

[valer!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Homens que vistes a Patagónia!

Homens que passastes pela Austrália!

Que enchestes o vosso olhar de costas que nunca verei!

Que fostes a terra em terras onde nunca descerei!

Que comprastes artigos toscos em colónias à proa de

[sertões!

E fizestes tudo isso como se não fosse nada!

Como se isso fosse natural,

Como se a vida fosse isso,

Como nem sequer cumprindo um destino!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Homens do mar actual! homens do mar passado!

Comissários de bordo! escravos das galés!

[combatentes de Lepanto!

Piratas do tempo de Roma! Navegadores da Grécia!

Fenícios! Cartagineses! Portugueses atirados de Sagres

Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para

[realizar o Impossível!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Homens que erguestes padrões, que destes nomes a

[cabos!

Homens que negociastes pela primeira vez com pretos!

Que primeiro vendestes escravos de novas terras!

Que destes o primeiro espasmo europeu às negras

[atónitas!

Que trouxestes ouro, missanga, madeiras cheirosas, setas,
De encostas explodindo em verde vegetação!
Homens que saqueastes tranquilas povoações africanas,
Que fizestes fugir com o ruído de canhões essas raças,
Que matastes, roubastes, torturastes, ganhastes
Os prêmios de Novidade de quem, de cabeça baixa
Arremete contra o mistério de novos mares!

[Eh-eh-eh-eh-eh!

A vós todos num, a vós todos em vós todos como um,
A vós todos misturados, entrecruzados,
A vós todos sangrentos, violentos, odiados, temidos,

[sagrados,

Eu vos saúdo, eu vos saúdo, eu vos saúdo!
Eh-eh-eh-eh eh! Eh eh-eh-eh eh! Eh-eh-eh eh-eh-eh eh!
Eh lahô-lahô laHO-lahá-á-á-à-à!
Quero ir convosco, quero ir convosco,
Ao mesmo tempo com vós todos
Pra toda a parte pr'onde fostes!
Quero encontrar vossos perigos frente a frente,
Sentir na minha cara os ventos que engelharam as vossas,
Cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos,
Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas,
Chegar como vós, enfim, a extraordinários portos!
Fugir convosco à civilização!
Perder convosco a noção da moral!
Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!
Beber convosco em mares do sul
Novas selvajarias, novas balbúrdias da alma,
Novos fogos centrais no meu vulcânico espírito!
Ir convosco, despir de mim – ah! põe-te daqui pra fora! –
O meu traje de civilizado, a minha brandura de acções,
Meu medo inato das cadeias,
Minha pacífica vida,
A minha vida sentada, estática, regrada e revista!
No mar, no mar, no mar, no mar,
Eh! pôr no mar, ao vento, às vagas,
A minha vida!

Salgar de espuma arremessada pelos ventos
Meu paladar das grandes viagens.
Fustigar de água chicoteante as carnes da minha

[aventura,

Repassar de frios oceânicos os ossos da minha existência,
Flagelar, cortar, engelhar de ventos, de espumas, de sóis,
Meu ser ciclônico e atlântico,
Meus nervos postos como enxárcias,
Lira nas mãos dos ventos!
Sim, sim, sim... Crucificai-me nas navegações
E as minhas espáduas gozarão a minha cruz!
Atai-me às viagens como a postes
E a sensação dos postes entrará pela minha espinha
E eu passarei a senti-los num vasto espasmo passivo!
Fazei o que quiserdes de mim, logo que seja nos mares,
Sobre conveses, ao som de vagas,
Que me rasgueis, mateis, firaís!
O que quero é levar prà Morte
Uma alma a transbordar de Mar,
Ébria a cair das coisas marítimas,
Tanto dos marujos como das âncoras, dos cabos,
Tanto das costas longínquas como do ruído dos ventos,
Tanto do Longe como do Cais, tanto dos naufrágios
Como dos tranquilos comércios,
Tanto dos mastros como das vagas,
Levar prà Morte com dor, voluptuosamente,
Um corpo cheio de sanguessugas, a sugar, a sugar,
De estranhas verdes absurdas sanguessugas marítimas!
Façam enxárcias das minhas veias!
Amarras dos meus músculos!
Arranquem-me a pele, preguem-a às quilhas.
E possa eu sentir a dor dos pregos e nunca deixar de

[sentir!

Façam do meu coração uma flâmula de almirante
Na hora de guerra dos velhos navios!
Calquem aos pés nos conveses meus olhos arrancados!
Quebrem-me os ossos de encontro às amuradas!

Fustiguem-me atado aos mastros, fustiguem-me!
A todos os ventos de todas as latitudes e longitudes
Derramem meu sangue sobre as águas arremessadas
Que atravessam o navio, o tombadilho, de lado a lado.
Nas vascas bravas das tormentas!
Ter a audácia ao vento dos panos das velas!
Ser, como as gáveas altas, o assobio dos ventos!
A velha guitarra do Fado dos mares cheios de perigos,
Canção para os navegadores ouvirem e não repetirem!
Os marinheiros que se sublevaram
Enforcaram o capitão numa verga.
Desembarcaram um outro numa ilha deserta.

Marooned! [8]

O sol dos trópicos pôs a febre da pirataria antiga
Nas minhas veias intensivas.
Os ventos da Patagónia tatuaram a minha imaginação
De imagens trágicas e obscenas.
Fogo, fogo, fogo, dentro de mim!
Sangue! sangue! sangue! sangue!
Explode todo o meu cérebro!
Parte-se-me o mundo em vermelho!
Estoiram-me com o som de amarras as veias!
E estala em mim, feroz, voraz,
A canção do Grande Pirata,
A morte berrada do Grande Pirata a cantar
Até meter pavor plas espinhas dos seus homens abaixo.
Lá da ré a morrer, e a berrar, a cantar:

Fifteen men on the Dead Man's Chest.

Yo-ho ho and a bottle of rum! [9]

E depois a gritar, numa voz já irreel, a estoirar no ar:
Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw!
Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw!

Fetch a-a-aft the ru-u-u-u-u-u-u-u-u-u-u, Darby, [10]

Eia, que vida essa! essa era a vida, eia!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Eh-lahô-lahô-laHO-lahá-á-á-à-à!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Quilhas partidas, navios ao fundo, sangue nos mares!
Conveses cheios de sangue, fragmentos de corpos!
Dedos decepados sobre amuradas!
Cabeças de crianças, aqui, acolá!
Gente de olhos fora, a gritar, a uivar!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Embrulho-me em tudo isto como uma capa no frio!
Roço-me por tudo isto como uma gata com cio por

[um muro!

Rujo como um leão faminto para tudo isto!
Arremeto como um toiro louco sobre tudo isto!
Cravo unhas, parto garras, sangro dos dentes sobre isto!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
De repente estala-me sobre os ouvidos,
Como um clarim a meu lado,
O velho grito, mas agora irado, metálico,
Chamando a presa que se avista,
A escuna que vai ser tomada:
Ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó – yyy...
Schooner ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó – yyy.....
O mundo inteiro não existe para mim! Ardo vermelho!
Rujo na fúria da abordagem!
Pirata-mor! César-Pirata!
Pilho, mato, esfacelo, rasgo!
Só sinto o mar, a presa, o saque!
Só sinto em mim bater, baterem-me
As veias das minhas fontes!
Escorre sangue quente a minha sensação dos meus

[olhos!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Ah piratas, piratas, piratas!
Piratas, amai-me e odiai-me!
Misturai-me convosco, piratas!
Vossa fúria, vossa crueldade como falam ao sangue
Dum corpo de mulher que foi meu outrora e cujo cio

[sobrevive!

Eu queria ser um bicho representativo de todos os
Um bicho que cravasse dentes nas amuradas, nas quilhas
Que comesse mastros, bebesse sangue e alcatrão nos
Trincasse velas, remos, cordame e poleame,
Serpente do mar feminina e monstruosa cevando-se
E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas.
Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias de
De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,
Furibundamente, como um vendaval de calor pelo
Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez
E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as
Os piratas, a pirataria, os barcos, a hora,
Aquela hora marítima em que as presas são assaltadas
E o terror dos apresados foge prà loucura – essa hora,
No seu total de crimes, terror, barcos, gente, mar, céu,
Brisa, latitude, longitude, vozearia,
Queria eu que fosse em seu Todo meu corpo em seu
Que fosse meu corpo e meu sangue, compusesse meu
Florescesse como uma ferida comichando na carne
Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos
Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!
Ser quanto foi no lugar dos saques!
Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de
Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,
E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os

[vossos gestos,
[conveses,
[nos crimes!
[crimes.
[espírito,
[veias!
[nuvens,
[Todo, sofrendo,
[ser em vermelho,
[irreal da minha alma!
[componentes
[sangue!

[piratas do mundo!
 Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres
 Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos
 [piratas!
 Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles
 E sentir tudo isso – todas estas coisas duma só vez –
 [pela espinha!
 Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
 Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
 Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!
 Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,
 A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos
 [sonhos!
 Porque ela teria convosco, mas só em espírito, raivado
 Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!
 Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia
 [oceânica
 Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos
 [gestos
 Dos vossos corpos, dos vossos cutelos, das vossas mãos
 [estranguladoras!
 E ela em terra, esperando-vos, quando viésseis, se
 [acaso viésseis,
 Iria beber nos rugidos do vosso amor todo o vasto,
 Todo o nevoento e sinistro perfume das vossas vitórias,
 E através dos vossos espasmos silvaria um sabbat^[11] de
 [vermelho e amarelo!
 A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue
 [correndo!
 Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazíeis,
 Perco-me todo de mim, já não vos pertenço, sou vós,
 A minha femininidade que vos acompanha é ser as
 [vossas almas!
 Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a
 [praticáveis!
 Sugerir por dentro a vossa consciência das vossas
 [sensações

Quando tingíeis de sangue os mares altos,
Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões
Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das

[crianças

E leváveis as mãos às amuradas para verem o que lhes

[acontecia!

Estar convosco na carnagem, na pilhagem!

Estar orquestrado convosco na sinfonia dos saques!

Ah, não sei quê, não sei quanto queria eu ser de vós!

Não era só ser-vos a fêmea, ser-vos as fêmeas, ser-vos

[as vítimas,

Ser-vos as vítimas – homens, mulheres, crianças,

[navios –,

Não era só ser a hora e os barcos e as ondas,

Não era só ser vossas almas, vossos corpos, vossa fúria,

[vossa posse,

Não era só ser concretamente vosso acto abstracto de
 [orgia,
 Não era só isto que eu queria ser – era mais que isto o
 [Deus-isto!
 Era preciso ser Deus, o Deus dum culto ao contrário,
 Um Deus monstruoso e satânico, um Deus dum
 [panteísmo de sangue,
 Para poder encher toda a medida da minha fúria
 [imaginativa,
 Para poder nunca esgotar os meus desejos de identidade
 Com o cada, e o tudo, e o mais-que-tudo das vossas
 [vitórias!
 Ah, torturai-me para me curardes!
 Minha carne – fazei dela o ar que os vossos cutelos
 [atravessam
 Antes de caírem sobre as cabeças e os ombros!
 Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!
 Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!
 Minha inteligência o convés onde estais de pé matando!
 Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico,
 [absurdo,
 O grande organismo de que cada ato de pirataria que
 [se cometeu
 Fosse uma célula consciente – e todo eu turbilhonasse
 Como uma imensa podridão ondeando, e fosse aquilo
 [tudo!
 Com tal velocidade desmedida, pavorosa,
 A máquina de febre das minhas visões transbordantes
 Gira agora que a minha consciência, volante,
 É apenas um nevoento círculo assobiando no ar.
 Fifteen men on the Dead Man's Chest.
 Yo-ho ho and a bottle of rum!
 Eh-lahô-lahô-laHO – lahá-á-áá – ààà...
 Ah! a selvajaria desta selvajaria! Merda
 Pra toda a vida como a nossa, que não é nada disto!
 Eu prà'qui engenheiro, prático à força, sensível a tudo,
 Pr' aqui parado, em relação a vós, mesmo quando ando;

Mesmo quando ajo, inerte; mesmo quando me

[imponho, débil;

Estático, quebrado, dissidente cobarde da vossa Glória,
Da vossa grande dinâmica estridente, quente e sangrenta!
Arre! por não poder agir de acordo com o meu delírio!
Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!

Por andar com a douceur des mœurs ^[12] às costas, como

[um fardo de rendas!

Moços de esquina – todos nós o somos – do

[humanitarismo moderno!

Estupores de tísicos, de neurasténicos, de linfáticos,
Sem coragem para ser gente com violência e audácia,
Com a alma como uma galinha presa por uma perna!
Ah, os piratas! os piratas!
A ânsia do ilegal unido ao feroz,
A ânsia das coisas absolutamente cruéis e abomináveis,
Que rói como um cio abstracto os nossos corpos

[franzinos,

Os nossos nervos femininos e delicados,
E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!
Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!
Humilhai-me e batei-me!
Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!
E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone,
Ó meus senhores! ó meus senhores!
Tomar sempre gloriosamente a parte submissa
Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades

[estiradas!

Desabai sobre mim, como grandes muros pesados,
Ó bárbaros do antigo mar!
Rasgai-me e feri-me!
De leste a oeste do meu corpo
Riscai de sangue a minha carne!
Beijai com cutelos de bordo e açoites e raiva
O meu alegre terror carnal de vos pertencer.
A minha ânsia masoquista em me dar à vossa fúria,
Em ser objecto inerte e sentiente da vossa omnívora

[crueldade,

Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!
Ah, torturai-me,
Rasgai-me e abri-me!
Desfeito em pedaços conscientes
Entornai-me sobre os conveses,
Espalhai-me nos mares, deixai-me
Nas praias ávidas das ilhas!
Cevai sobre mim todo o meu misticismo de vós!
Cinzelai a sangue a minh'alma
Cortai, riscai!
Ó tatuadores da minha imaginação corpórea!
Esfoladores amados da minha carnal submissão!
Submetei-me como quem mata um cão a pontapés!
Fazei de mim o poço para o vosso desprezo de domínio!
Fazei de mim as vossas vítimas todas!
Como Cristo sofreu por todos os homens, quero sofrer
Por todas as vossas vítimas às vossas mãos,
Às vossas mãos calosas, sangrentas e de dedos decepados
Nos assaltos bruscos de amuradas!
Fazei de mim qualquer coisa como se eu fosse
Arrastado – ó prazer, ó beijada dor! –
Arrastado à cauda de cavalos chicoteados por vós...
Mas isto no mar, isto no ma-a-a-ar, isto no MA-A-A-AR!
Eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

[EH-EH-EH-EH-EH-EH! No MA-A-A-A-AR!

Yeh eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh!

[Yeh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Grita tudo! tudo a gritar! ventos, vagas, barcos,
Marés, gáveas, piratas, a minha alma, o sangue, e o ar, e

[o ar!

Eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh!

[Tudo canta a gritar!

FIFTEEN MEN ON THE DEAD MAN'S CHEST.

YO-HO-HO AND A BOTTLE OF RUM!

Eh-eh eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

[Eh eh-eh eh-eh-eh-eh!

Eh-lahô-lahô-laHO-O-O-ôô-lahá-á á – ààà!
AHÓ-Ó-Ó Ó Ó Ó-Ó Ó Ó Ó Ó – yyy!...
SCHOONER AHÓ-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó – yyyy!..
Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw-aw!
DARBY M'GRAW-AW AW-AW-AW-AW-AW!
FETCH A-A-AFT THE RU-U-U-U-U-UM, DARBY!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh eh-eh-eh!
EH-EH EH-EH-EH EH-EH-EH-EH EH-EH-EH!
EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH EH EH-EH!
EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!
EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!

Parte-se em mim qualquer coisa. O vermelho anoiteceu.
Senti demais para poder continuar a sentir.
Esgotou-se-me a alma, ficou só um eco dentro de mim.
Decresce sensivelmente a velocidade do volante.
Tiram-me um pouco as mãos dos olhos os meus sonhos.
Dentro de mim há um só vácuo, um deserto, um mar

[nocturno.

E logo que sinto que há um mar nocturno dentro de

[mim,

Sabe dos longes dele, nasce do seu silêncio,
Outra vez, outra vez o vasto grito antiquíssimo.
De repente, como um relâmpago de som, que não faz

[barulho mas ternura,

Subitamente abrangendo todo o horizonte marítimo
Húmido e sombrio marulho humano nocturno,
Voz de sereia longínqua chorando, chamando,
Vem do fundo do Longe, do fundo do Mar, da alma

[dos Abismos,

E à tona dele, como algas, boiam meus sonhos desfeitos...

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò – yy...

Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò – yy...

Ah, o orvalho sobre a minha excitação!

O frescor nocturno no meu oceano interior!

Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar

Cheia de enorme mistério humaníssimo das ondas

A lua sobe no horizonte

E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima,

[nocturnas.

[em mim.

O meu passado ressurge, como se esse grito marítimo

Fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção

Que fosse chamar ao meu passado

Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.

Era na velha casa sossegada ao pé do rio...

(As janelas do meu quarto, e as da casa-de-jantar

[também,

Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio próximo,

Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutro ponto, mais

[abaixo...

Se eu agora chegasse às mesmas janelas não chegava às

[mesmas Janelas.

Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar

[alto...)

Uma inexplicável ternura,

Um remorso comovido e lacrimoso,

Por todas aquelas vítimas – principalmente as crianças –

Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,

Emoção comovida, porque elas foram minhas vítimas;

Terna e suave, porque não o foram realmente;

Uma ternura confusa, como um vidro embaciado,

[azulada,

Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida.

Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas coisas?

Que longe estou do que fui há uns momentos!

Histeria das sensações – ora estas, ora as opostas!

Na loura manhã que se ergue, como o meu ouvido só

[escolhe

As cousas de acordo com esta emoção – o marulho das

[águas,

O marulho leve das águas do rio de encontro aos cais...,

A vela passando perto do outro lado do rio,

Os montes longínquos, dum azul japonês,

As casas de Almada,
E o que há de suavidade e de infância na hora

[matutina!...

Uma gaivota que passa,
E a minha ternura é maior.
Mas todo este tempo não estive a reparar para nada.
Tudo isto foi uma impressão só da pele, como uma

[carícia

Todo este tempo não tirei os olhos do meu sonho

[longínquo,

Da minha casa ao pé do rio,
Da minha infância ao pé do rio,
Das janelas do meu quarto dando para o rio de noite,
E a paz do luar esparsa nas águas!...
Minha velha tia, que me amava por causa do filho que

[perdeu...,

Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)...
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração e

[lavam-no da vida,

E ergue-me uma leve brisa marítima dentro de mim.
Às vezes ela cantava a “Nau Catrineta”:

Lá vai a Nau Catrineta

Por sobre as águas do mar...

E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão

[medieval,

Era a “Bela Infanta”... Relembro, e a pobre velha voz

[ergue-se dentro de mim

E lembra-me que pouco me lembrei dela depois, e ela

[amava-me tanto!

Como fui ingrato para ela – e afinal que fiz eu da vida?

Era a “Bela Infanta”... Eu fechava os olhos, e ela cantava:

Estando a Bela Infanta

No seu jardim assentada...

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar

E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era

[feliz.

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada,
Seu pente de ouro na mão,
Seus cabelos penteava
Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!
Não poder viajar pra o passado, para aquela casa e
[aquela afeição,
E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!
Mas tudo isto foi o Passado, lanterna a uma esquina de
[rua velha.
Pensar isto faz frio, faz fome duma cousa que se não
[pode obter.
Dá-me não sei que remorso absurdo pensar nisto.
Oh turbilhão lento de sensações desencontradas!
Vertigem ténue de confusas coisas na alma!
Fúrias partidas, ternuras como carrinhos de linha com
[que as crianças brincam,
Grandes desabamentos de imaginação sobre os olhos
[dos sentidos,
Lágrimas, lágrimas inúteis,
Leves brisas de contradição roçando pela face a alma...
Evoco, por um esforço voluntário, para sair desta emoção,
Evoco, com um esforço desesperado, seco, nulo,
A canção do Grande Pirata, quando estava a morrer;
Fifteen men on the Dead Man's Chest.
Yo-ho-ho and a bottle of rum!
Mas a canção é uma linha recta mal traçada dentro de
[mim...
Esforço-me e consigo chamar outra vez ante os meus
[olhos na alma,
Outra vez, mas através duma imaginação quase literária,
A fúria da pirataria, da chacina, o apetite, quase o
[paladar, do saque,
Da chacina inútil de mulheres e de crianças,
Da tortura fútil, e só para nos distrairmos, dos
[passageiros pobres
E a sensualidade de escangalhar e partir as coisas mais

[queridas dos outros,
Mas sonho isto tudo com um medo de qualquer coisa
[a respirar-me sobre a nuca.

Lembro-me de que seria interessante
Enforçar os filhos à vista das mães
(Mas sinto-me sem querer as mães deles),
Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro
[anos

Levando os pais em barcos até lá para verem
(Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não
[tenho e está dormindo tranquilo em casa).

Aguilhoo uma ânsia fria dos crimes marítimos,
Duma inquisição sem a desculpa da Fé,
Crimes nem sequer com razão de ser de maldade e de
[fúria,

Feitos a frio, nem sequer para ferir, nem sequer para
[fazer mal,

Nem sequer para nos divertirmos, mas apenas para passar o tempo, como
quem faz paciências a uma mesa de jantar de província com a toalha
atirada pra o outro lado da mesa depois de jantar,
Só pelo suave gosto de cometer crimes abomináveis e
[não os achar grande coisa,

De ver sofrer até ao ponto da loucura e da
[morte-pela-dor mas nunca deixar chegar lá...

Mas a minha imaginação recusa-se a acompanhar-me.
Um calafrio arrepia-me.

E de repente, mais de repente do que da outra vez, de
[mais longe, de mais fundo,

De repente – oh pavor por todas as minhas veias! –,
Oh frio repentino da porta para o Mistério que se abriu
[dentro de mim e deixou entrar uma corrente de ar!

Lembro-me de Deus, do Transcendental da vida, e de
[repente

A velha voz do marinheiro inglês Jim Barns com quem
[eu falava,

Tornada voz das ternuras misteriosas dentro de mim, das pequenas coisas
de regaço de mãe e de fita de cabelo de irmã,

Mas estupendamente vinda de além da aparência das
 [coisas,
 A Voz surda e remota tornada A Voz Absoluta, a Voz
 [Sem Boca,
 Vinda de sobre e de dentro da solidão noturna dos
 [mares,
 Chama por mim, chama por mim, chama por mim...
 Vem surdamente, como se fosse suprimida e se ouvisse,
 Longinquamente, como se estivesse soando noutro
 [lugar e aqui não se pudesse ouvir,
 Como um soluço abafado, uma luz que se apaga, um
 [hálito silencioso,
 De nenhum lado do espaço, de nenhum local no tempo,
 O grito eterno e nocturno, o sopro fundo e confuso:
 Ahô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô – yyy... ...
 Ahô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô – – yyy... ...
 Schooner ah-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô – – yy... ...
 Tremo com frio da alma repassando-me o corpo
 E abro de repente os olhos, que não tinha fechado.
 Ah, que alegria a de sair dos sonhos de vez!
 Eis outra vez o mundo real, tão bondoso para os nervos!
 Ei-lo a esta hora matutina em que entram os paquetes
 [que chegam cedo.
 Já não me importa o paquete que entrava. Ainda está
 [longe.
 Só o que está perto agora me lava a alma.
 A minha imaginação higiénica, forte, prática,
 Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e
 [úteis,
 Com os navios de carga, com os paquetes e os
 [passageiros,
 Com as fortes coisas imediatas, modernas, comerciais,
 [verdadeiras.
 Abranda o seu giro dentro de mim o volante.
 Maravilhosa vida marítima moderna,
 Toda limpeza, máquinas e saúde!
 Tudo tão bem arranjado, tão espontaneamente ajustado,

Todas as peças das máquinas, todos os navios pelos
[mares,
Todos os elementos da actividade comercial de
[exportação e importação
Tão maravilhosamente combinando-se
Que corre tudo como se fosse por leis naturais,
Nenhuma coisa esbarrando com outra!
Nada perdeu a poesia. E agora há a mais as máquinas
Com a sua poesia também, e todo o novo género de vida
Comercial, mundana, intelectual, sentimental,
Que a era das máquinas veio trazer para as almas.
As viagens agora são tão belas como eram dantes
E um navio será sempre belo, só porque é um navio.
Viajar ainda é viajar e o longe está sempre onde esteve –
Em parte nenhuma, graças a Deus!
Os portos cheios de vapores de muitas espécies!
Pequenos, grandes, de várias cores, com várias
[disposições de vigias,
De tão deliciosamente tantas companhias de navegação!
Vapores nos portos, tão individuais na separação
[destacada dos ancoramentos!
Tão prazenteiro o seu garbo quieto de cousas
[comerciais que andam no mar,
No velho mar sempre o homérico, ó Ulisses!
O olhar humanitário dos faróis na distância da noite,
Ou o súbito farol próximo na noite muito escura
("Que perto da terra que estávamos passando!") E o som
[da água canta-nos ao ouvido)!--
Tudo isto hoje é como sempre foi, mas há o comércio;
E o destino comercial dos grandes vapores
Envaidece-me da minha época!
A mistura de gente a bordo dos navios de passageiros
Dá-me o orgulho moderno de viver numa época onde
[é tão fácil
Misturarem-se as raças, transporem-se os espaços, ver
[com facilidade todas as coisas,
E gozar a vida realizando um grande número de sonhos.

Limpos, regulares, modernos como um escritório com
[guichets em redes de arame amarelo,
Meus sentimentos agora, naturais e comedidos como
[gentlemen.

São práticos, longe de desvairamentos, encham de ar
[marítimo os pulmões,
Como gente perfeitamente consciente de como é
[higiénico respirar o ar do mar.

O dia é perfeitamente já de horas de trabalho.
Começa tudo a movimentar-se, a regularizar-se.
Com um grande prazer natural e directo percorro a alma
Todas as operações comerciais necessárias a um
[embarque de mercadorias.

A minha época é o carimbo que levam todas as facturas,
E sinto que todas as cartas de todos os escritórios
Deviam ser endereçadas a mim.
Um conhecimento de bordo tem tanta individualidade,
E uma assinatura de comandante de navio é tão bela e
[moderna!

Rigor comercial do princípio e do fim das cartas:
Dear Sirs – Messieurs – Amigos e Srs.,

Yours faithfully – ...nos salutations empressées... [13]

Tudo isto não é só humano e limpo, mas também belo,
E tem ao fim um destino marítimo, um vapor onde
[embarquem

As mercadorias de que as cartas e as facturas tratam.
Complexidade da vida! As facturas são feitas por gente
Que tem amores, ódios, paixões políticas, às vezes
[crimes –

E são tão bem escritas, tão alinhadas, tão independentes
[de tudo isso!

Há quem olhe para uma factura e não sinta isto.
Com certeza que tu, Cesário Verde, o sentias.
Eu é até às lágrimas que o sinto humaníssimamente.
Venham dizer-me que não há poesia no comércio, nos
[escritórios!

Ora, ela entra por todos os poros... Neste ar marítimo

Por tudo isto vem a propósito dos vapores, da navegação
 [respiro-a,
 Porque as facturas e as cartas comerciais são o princípio
 [moderna,
 E os navios que levam as mercadorias pelo mar eterno
 [da história
 Ah, e as viagens, as viagens de recreio, e as outras,
 [são o fim.
 As viagens por mar, onde todos somos companheiros
 [dos outros
 Duma maneira especial, como se um mistério marítimo
 Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento
 Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta,
 Eternamente deslocando-se sobre a imensidade das
 [águas!
 Grandes hotéis do Infinito, oh transatlânticos meus!
 Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca
 [pararem num ponto
 E conterem todas as espécies de trajes, de caras, de raças!
 As viagens, os viajantes – tantas espécies deles!
 Tanta nacionalidade sobre o mundo! tanta profissão!
 [tanta gente!
 Tanto destino diverso que se pode dar à vida,
 À vida, afinal, no fundo sempre, sempre a mesma!
 Tantas caras curiosas! Todas as caras são curiosas
 E nada traz tanta religiosidade como olhar muito para
 [gente.
 A fraternidade afinal não é uma ideia revolucionária.
 É uma coisa que a gente aprende pela vida fora, onde
 [tem que tolerar tudo,
 E passa a achar graça ao que tem que tolerar,
 E acaba quase a chorar de ternura sobre o que tolerou!
 Ah, tudo isto é belo, tudo isto é humano e anda ligado
 Aos sentimentos humanos, tão conviventes e burgueses.
 Tão complicadamente simples, tão metafisicamente
 [tristes!
 A vida flutuante, diversa, acaba por nos educar no

Pobre gente! pobre gente toda a gente!
Despeço-me desta hora no corpo deste outro navio
Que vai agora saindo. É um tramp-steamer^[14] inglês,
Muito sujo, como se fosse um navio francês,
Com um ar simpático de proletário dos mares,
E sem dúvida anunciado ontem na última página das
Enternece-me o pobre vapor, tão humilde vai ele e tão
Parece ter um certo escrúpulo não sei em quê, ser
Cumpridora duma qualquer espécie de deveres.
Lá vai ele deixando o lugar defronte do cais onde estou.
Lá vai ele tranquilamente, passando por onde as naus
Outrora, outrora...
Para Cardiff? Para Liverpool? Para Londres? Não tem
Ele faz o seu dever. Assim façamos nós o nosso. Bela
Boa viagem! Boa viagem!
Boa viagem, meu pobre amigo casual, que me fizeste o
De levar contigo a febre e a tristeza dos meus sonhos,
E restituir-me à vida para olhar para ti e te ver passar.
Boa viagem! Boa viagem! A vida é isto...
Que aprumo tão natural, tão inevitavelmente matutino
Na tua saída do porto de Lisboa, hoje!
Tenho-te uma afeição curiosa e grata por isso...
Por isso quê? Sei lá o que é!... Vai... Passa...
Com um ligeiro estremecimento,
(T-t-t—t——t——t...)
O volante dentro de mim pára.
Passa, lento vapor, passa e não fiques...
Passa de mim, passa da minha vista,
Vai-te de dentro do meu coração,

[humano.

[gazetas.

[natural.

[pessoa honesta,

[estiveram

[importância.

[vida!

[favor

Perde-te no Longe, no Longe, bruma de Deus,
Perde-te, segue o teu destino e deixa-me...
Eu quem sou para que chore e interrogue?
Eu quem sou para que te fale e te ame?
Eu quem sou para que me perturbe ver-te?
Larga do cais, cresce o sol, ergue-se ouro,
Luzem os telhados dos edifícios do cais,
Todo o lado de cá da cidade brilha...
Parte, deixa-me, torna-te
Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nítido,
Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto,
Depois ponto vago no horizonte (ó minha angústia!),
Ponto cada vez mais vago no horizonte...,
Nada depois, e só eu e a minha tristeza,
E a grande cidade agora cheia de sol
E a hora real e nua como um cais já sem navios,
E o giro lento do guindaste que, como um compasso

[que gira,

Traça um semicírculo de não sei que emoção
No silêncio comovido da minh'alma...[15]

Os mortos! Que prodigiosamente
E com que horrível reminiscência
Vivem na nossa recordação deles!
A minha velha tia na sua antiga casa, no campo
Onde eu era feliz e tranquilo e a criança que eu era...
Penso nisso e uma saudade toda raiva repassa-me
E, além disso, penso, ela já morreu há anos...
Tudo isto, vendo bem, é misterioso como um

[lusco-fusco...

Penso, e todo o enigma do universo repassa-me...
Revejo aquilo na imaginação com tal realidade
Que depois, quando penso que aquilo acabou
E que ela está morta,
Encaro com o mistério mais palidamente
Vejo-o mais escuro, mais impiedoso, mais longínquo
E nem choro, de atento que estou ao terror da vida...
Aquilo era tão real, tão vivo, tão actual!...
Quando em mim o revejo, está outra vez vivo em mim
Pasma de que coisa tão real pudesse passar...
E não existir hoje e hoje ser tão diversa...
Corre para o mar a água do rio, abandona a minha vista,
Chega ao mar e perde-se no mar,
Mas a água perde-se de si-própria?
Uma coisa deixa de ser o que é absolutamente
Ou pecam de vida os nossos olhos e os nossos ouvidos
E a nossa consciência exterior do Universo?
Onde está hoje o meu passado?
Em que baú o guardou Deus que não sei dar com ele?
Quando o revejo em mim, onde é que o estou vendo?
Tudo isto deve ter um sentido – talvez muito simples –
Mas por mais que pense não atino com ele.

13/12/1914

Ah, os primeiros minutos nos cafés de novas cidades!
A chegada pela manhã a cais ou a gares
Cheios de um silêncio repousado e claro!
Os primeiros passantes nas ruas das cidades a que se

[chega...

E o som especial que o correr das horas tem nas

[viagens...

Os ómnibus ou os eléctricos ou os automóveis...
O novo aspecto das ruas de novas terras...
A paz que parecem ter para a nossa dor
O bulício alegre para a nossa tristeza
A falta de monotonia para o nosso coração cansado!...
As praças nitidamente quadradas e grandes,
As ruas com as casas que se aproximam ao fim,
As ruas transversais revelando súbitos interesses,
E através disto tudo, como uma coisa que inunda e

[nunca transborda,

O movimento, o movimento
Rápida coisa colorida e humana que passa e fica...
Os portos com navios parados,
Excessivamente navios parados,
Com barcos pequenos ao pé, esperando...

Através do ruído do café cheio de gente^[16]
Chega-me a brisa que passa pelo convés
Nas longas viagens, no alto mar, no verão
Perto dos trópicos (no amontoado nocturno do navio –
Sacudido regularmente pela hélice palpitante –
Vejo passar os uniformes brancos dos oficiais de bordo).
E essa brisa traz um ruído de mar-alto, pluromar
E a nossa civilização não pertence à minha reminiscência.

-
- [8]. Marooned: Abandonado em costa deserta. **VOLTAR**
- [9]. Quinze homens sobre o Peito do Homem Morto / Yo-ho ho e uma garrafa de rum! **VOLTAR**
- [10]. Chega depois do rum, Darby. **VOLTAR**.
- [11]. Vampiro. **VOLTAR**
- [12]. Doçura dos hábitos. (N.E.) **VOLTAR**.
- [13]. Seu – nossas cordiais saudações. **VOLTAR**.
- [14]. Barco a vapor. (N.E.) **VOLTAR**.
- [15]. Publicada na revista Orpheu, nº 2, abril-maio-junho de 1915. Como a “Ode Triunfal”, a “Ode Marítima” possui estilo e ritmo febril, consequência da aproximação de Campos ao Futurismo. Ele exalta a vida e seus perigos. Observe-se o forte simbolismo da viagem marítima, com tudo o que representa de descobertas, perigos e exaltação dos sentidos. A vida, para Campos, é um grande jogo de apostas, onde o que realmente conta é a intensidade das sensações, é por meio delas que se revelam o caos e o corpo, e, inclusive, um sentido animalesco e sadomasoquista. É o “sentir tudo de todas as maneiras” que faz do poeta agressor e vítima. **VOLTAR**
- [16]. Cleonice Berardinelli considera que daqui em diante inicia outro poema. Considera, também, até este verso, um texto suplementar à “Ode Marítima”. **VOLTAR**.

SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN[17]

Portugal-Infinito, onze de Junho de mil novecentos

[e quinze...

Hé-lá-á-á-á-á-á-á!

De aqui de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,
Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,
Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...
Eu tão contíguo à inércia, tão facilmente cheio de tédio,
Sou dos teus, tu bem sabes, e compreendo-te e amo-te,
E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que

[morrias,

Sei que me amaste também, que me conheceste, e

[estou contente.

Sei que me conheceste, que me contemplaste e me

[explicaste,

Sei que é isso que eu sou, quer em Brooklyn Ferry dez

[anos antes de eu nascer,

Quer pela rua do Ouro acima pensando em tudo que

[não é a rua do Ouro,

E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos

[de mãos dadas,

De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o

[universo na alma.

Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos

[absolutos,

Concubina ferosa do universo disperso,

Grande pederasta roçando-te contra a diversidade das

[coisas,

Sexualizado pelas pedras, pelas árvores, pelas pessoas,

[pelas profissões,

Cio das passagens, dos encontros casuais, das meras

[observações,

Meu entusiasta pelo conteúdo de tudo,

Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos

[pinotes,

E aos urros, e aos guinchos, e aos berros saudando Deus!
Cantor da fraternidade feroz e terna com tudo,
Grande democrata epidérmico, contíguo a tudo em

[corpo e alma,

Carnaval de todas as acções, bacanal de todos os

[propósitos,

Irmão gémeo de todos os arrancos,

Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de

[produzir máquinas,

Homero do insaisissable^[18] do flutuante carnal,

Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor,

Milton-Shelley do horizonte da Electricidade futura!

Íncubo de todos os gestos,

Espasmo pra dentro de todos os objectos-força,

Souteneur^[19] de todo o Universo,

Rameira de todos os sistemas solares...

Quantas vezes eu beijo o teu retrato!

Lá onde estás agora (não sei onde é mas é Deus)

Sentes isto, sei que o sentes, e os meus beijos são mais

[quentes em gente)

E tu assim é que os queres, meu velho, e agradeces de

[lá, –

Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu

[espírito

Uma erecção abstracta e indirecta no fundo da minha

[alma.

Nada do engageant^[20] em ti, mas ciclópico e musculoso,

Mas perante o Universo a tua atitude era de mulher,

E cada erva, cada pedra, cada homem era para ti o

[Universo.

Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!

Pertenço à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,

Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à

[náusea em meus sonhos,

Sou dos teus, olha pra mim, de aí desde Deus vê-me

[ao contrário:

De dentro para fora... Meu corpo é o que adivinhas,
[vês a minha alma –
Essa vês tu pròpriamente e através dos olhos dela o
[meu corpo –
Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos,
[engenheiro,
Poeta sensacionista [\[21\]](#),
Não sou teu discípulo, não sou teu amigo, não sou teu
[cantor,
Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!
Nunca posso ler os teus versos a fio... Há ali sentir
[demais...
Atravesso os teus versos como uma multidão aos
[encontrões a mim,
E cheira-me a suor, a óleos, a actividade humana e
[mecânica.
Nos teus versos, a certa altura não sei se leio ou se vivo,
Não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus
[versos,
Não sei se estou aqui, de pé sobre a terra natural,
Ou de cabeça pra baixo, pendurado numa espécie de
[estabelecimento,
No tecto natural da tua inspiração de tropel,
No centro do tecto da tua intensidade inacessível.
Abram-me todas as portas!
Por força que hei-de passar!
Minha senha? Walt Whitman!
Mas não dou senha nenhuma...
Passo sem explicações...
Se for preciso meto dentro as portas...
Sim – eu, franzino e civilizado, meto dentro as portas,
Porque neste momento não sou franzino nem civilizado,
Sou EU, um universo pensante de carne e osso,
[querendo passar,
E que há-de passar por força, porque quando quero
[passar sou Deus!
Tirem esse lixo da minha frente!

Metam-me em gavetas essas emoções!
Daqui pra fora, políticos, literatos,
Comerciantes pacatos, polícia, meretrizes, souteneurs,
Tudo isso é a letra que mata, não o espírito que dá a

[vida.

O espírito que dá a vida neste momento sou EU!
Que nenhum filho da puta se me achesse no caminho!
O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!
Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo,
É comigo, com Deus, com o sentido – eu da palavra

[Infinito...

Prà frente!
Meto esporas!
Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,
Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar

[com Deus,

Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,
Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com

[isso...

Loucura furiosa! Vontade de ganhar, de saltar,
De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo,
De me cramponner^[22] às rodas dos veículos e meter por

[baixo,

De me meter adiante do giro do chicote que vai bater,
De ser a cadela de todos os cães e eles não bastam,
De ser o volante de todas as máquinas e a velocidade

[tem limite.

De ser o esmagado, o deixado, o deslocado, o acabado,
Dança comigo, Walt, lá do outro mundo, esta fúria,
Salta comigo neste batuque que esbarra com os astros,
Cai comigo sem forças no chão,
Esbarra comigo tonto nas paredes,
Parte-te e esfrangalha-te comigo
Em tudo, por tudo, à roda de tudo, sem tudo,
Raiva abstracta do corpo fazendo maelstrons^[23] na alma...
Arre! Vamos lá prà frente!

Se o próprio Deus impede, vamos lá prà frente... Não [faz diferença...]

Vamos lá prà frente sem ser para parte nenhuma...
 Infinito! Universo! Meta sem meta! Que importa?
 (Deixa-me tirar a gravata e desabotoar o colarinho.
 Não se pode ter muita energia com a civilização à roda [do pescoço...])

Agora, sim, partamos, vá lá prà frente.
 Numa grande marche aux flambeaux^[24]-todas-as [-cidades-da-Europa,
 Numa grande marcha guerreira a indústria, o [comércio e ócio,
 Numa grande corrida, numa grande subida, numa [grande descida

Estrondeando, pulando e tudo pulando comigo,
 Salto a saudar-te,
 Berro a saudar-te,
 Desencadeio-me a saudar-te, aos pinotes, aos pinos, aos [guinos!

Por isso é a ti que endereço
 Meus versos soltos, meus versos pulos, meus versas [espasmos

Os meus versos-ataques-históricos,
 Os meus versos que arrastam o carro dos meus nervos.
 Aos trambolhões me inspiro,
 Mal podendo respirar, ter-me de pé me exalto,
 E os meus versos são eu não poder estoirar de viver.
 Abram-me todas as janelas!
 Arranquem-me todas as portas!
 Puxem a casa toda para cima de mim!
 Quero viver em liberdade no ar,
 Quero ter gestos fora do meu corpo,
 Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
 Quero ser pisado nas estradas largas como as pedras,
 Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos [mares,

Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!

Não quero fechos nas portas!
Não quero fechaduras nos cofres!
Quero intercalar-me, imiscuir-me, ser levado,
Quero que me façam pertença doída de qualquer outro,
Que me despejem dos caixotes,
Que me atirem aos mares,
Que me vão buscar a casa com fins obscenos,
Só para não estar sempre aqui sentado e quieto,
Só para não estar simplesmente escrevendo estes versos!
Não quero intervalos no mundo!
Quero a contiguidade penetrada e material dos

[objectos!

Quero que os corpos físicos sejam uns dos outros como

[as almas,

Não só dinamicamente, mas estáticamente também!

Quero voar e cair de muito alto!

Ser arremessado como uma granada!

Ir parar a... Ser levado até..

Abstracto auge no fim de mim e de tudo!

Clímax a ferro e motores!

Escadaria pela velocidade acima, sem degraus!

Bomba hidráulica desancorando-me as entranhas

[sentidas!

Ponham-me grilhetas só para eu as partir!

Só para eu as partir com os dentes, e que os dentes

[sangrem

Gozo masoquista, espasmódico a sangue, da vida!

Os marinheiros levaram-me preso,

As mãos apertaram-me no escuro,

Morri temporariamente de senti-lo,

Seguiu-se a minh'alma a lamber o chão do cárcere

[privado,

E a cegarrega das impossibilidades contornando o meu

[acinte.

Pula, salta, toma o freio nos dentes,

Pégaso-ferro-em-brasa das minhas ânsias inquietas,

Paradeiro indeciso do meu destino a motores!

He calls Walt^[25]:

Porta pra tudo!

Ponte pra tudo!

Estrada pra tudo!

Tua alma omnívora,

Tua alma ave, peixe, fera, homem, mulher.

Tua alma os dois onde estão dois,

Tua alma o um que são dois quando dois são um,

Tua alma seta, raio, espaço,

Amplexo, nexo, sexo, Texas, Carolina, New-York,

Brooklyn Ferry à tarde,

Brooklyn Ferry das idas e dos regressos,

Libertad! Democracy! Século vinte ao longe!

Pum! pum! pum! pum! pum!

PUM!

Tu, o que eras, tu o que vias, tu o que ouvias,

O sujeito e o objecto, o activo e o passivo,

Aqui e ali, em toda a parte tu,

Círculo fechando todas as possibilidades de sentir,

Marco miliário de todas as coisas que podem ser,

Deus Termo de todos os objectos que se imaginem e és tu!

Tu Hora,

Tu Minuto,

Tu Segundo!

Tu intercalado, liberto, desfraldado, ido,

Intercalamento, libertação, ida, desfraldamento,

Tu intercalador, libertador, desfraldador, remetente,

Carimbo em todas as cartas,

Nome em todos os endereços,

Mercadoria entregue, devolvida, seguindo...

Comboio de sensações a alma-quilómetro à hora,

À hora, ao minuto, ao segundo, PUM!

Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro.

Grande Libertador, volto submisso a ti.

Sem dúvida teve um fim a minha personalidade.

Sem dúvida porque se exprimiu, quis dizer qualquer

[coisa

Mas hoje, olhando para trás, só uma ânsia me fica –
Não ter tido a tua calma superior a ti-próprio,
A tua libertação constelada de Noite Infinita.
Não tive talvez missão alguma na terra.
Heia que eu vou chamar
Ao privilégio ruidoso e ensurdecador de saudar-te
Todo o formilhamento humano do Universo,
Todos os modos de todas as emoções,
Todos os feitios de todos os pensamentos,
Todas as rodas, todos os volantes, todos os êmbolos da

[alma.

Heia que eu grito
E num cortejo de Mim até ti estardalhaçam
Com uma algaravia metafísica e real,
Com um chinfrim de coisas passado por dentro sem nexos.
Ave, salve, viva ó grande bastardo de Apolo,
Amante impotente e feroso das nove musas e das graças,
Funicular do Olímpio até nós e de nós ao Olimpo. [\[26\]](#)

[17]. O poema é dedicado a Walt Whitman (1819-1892), poeta responsável por um conjunto de ideias e sentimentos voltados para a união, satisfação e realização humanas. Crítico realista e contundente da sociedade, provocou a ira do público e da crítica. Seu livro Folhas de relva hoje é tido como a mais famosa obra poética da literatura americana. **VOLTAR**

[18]. Intangível. (N.E.) **VOLTAR**

[19]. Sustentador. (N.E.) **VOLTAR**.

[20]. Engageant: característica daquilo que liga a um compromisso. **VOLTAR**.

[21]. Poeta que pertence ao Sensacionismo, “ismo” português criado por Fernando Pessoa, baseado no princípio de que não existe a realidade, tudo o que existe são as nossas sensações. O Sensacionismo, junto com o Paulismo e o Interseccionismos, movimentos também criados por Pessoa, modificam todo o código poético português. **VOLTAR**

[22]. Agarrar. **VOLTAR**

[23]. Tempestades. **VOLTAR**

[24]. Marcha com tochas. **VOLTAR**.

[25]. Ele grita para Walt. **VOLTAR**

[26]. Especialmente com “Ode triunfal”, com “Ode marítima” e “A passagem das horas”, a “Saudação a Walt Whitman” constitui a fase futurista de Campos. Além da homenagem ao poeta americano e de referir a seu homossexualismo (e não esqueçamos que Campos é a “mulher” da família heteronímica), o poema traz a própria concepção de mundo e da criação poética do heterônimo, baseada na sensação e na volúpia de liberdade. De Whitman, Campos herda a oralidade e a prosificação dos poemas. Cleonice Berardinelli, em Poemas de Álvaro de Campos, traz uma outra ordenação do poema.

Variantes: 20º verso – Sexualizado sobre as pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas profissões.

37º verso – Não sou teu discípulo, não sou teu amante, não sou teu cantor, **VOLTAR**.

WALT WHITMAN

Onde não sou o primeiro, prefiro não ser nada, não

[estar lá,

Onde não posso agir o primeiro, prefiro só ver agir os

[outros,

Onde não posso mandar, antes quero nem obedecer.

Excessivo na ânsia de tudo, tão excessivo que nem falo,

E não falo, porque não tento.

“Ou Tudo ou Nada”, tem um sentido pessoal para mim.

Mas ser universal – não o posso, porque sou particular.

Não posso ser todos, porque sou Um, um só, só eu.

Não posso ser o primeiro em qualquer coisa, porque

[não há o primeiro.

Prefiro por isso o nada de ser apenas eu sem ser nada.

Quando é que parte o último comboio, Walt?

Quero deixar esta cidade, a Terra,

Quero emergir de vez deste país, Eu,

Deixar o mundo com o que se comprova falido,

Como um caixeiro viajante que vende navios a

[habitantes do interior.

O fim a motores partidos!

Que foi todo o meu ser? Uma grande ânsia inútil –

Estéril realização com um destino impossível –

Máquina de louco para realizar o motu-continuo,

Theorema de absurdo para a quadratura do círculo,

Travessia a nado do Atlântico, falando na margem de cá

Antes da entrada na água, só com eles e o cálculo,

Atirar de pedras à lua,

Ânsia absurda do encontro dos paralelos Deus-vida.

Megalomania dos nervos,

Ânsia de elasticidade do corpo duro,

Raiva de meu concreto ser por não ser o auge-eixo

O carro da sensualidade de entusiasmo abstracto

O vácuo dinâmico do mundo!

Vamo-nos embora de Ser.

Larguemos de vez, definitivamente, a aldeia-Vida

O arrabalde-Mundo de Deus

E entremos na cidade à aventura, ao rasgo
Ao auge, loucamente ao Ir...
Larguemos de vez.
Quando parte, Walt, o último comboio p'ra ahi?
Que Deus fui para as minhas saudades serem estas ânsias?
Talvez partindo regresse.
Talvez acabando, chegue,
Quem sabe? Qualquer hora é a hora. Partamos,
Vamos! A estada tarda. Partir é ter ido.
Partamos para onde se fique.
Ó estrada para não-haver-estradas!
Terminus no Não-Parar!^[27]

[27]. O poema, assim como os oito próximos, pertence ao ciclo de Odes a Walt Whitman. Cleonice Berardinelli os coloca, entre outros, como textos suplementares à “Saudação a Walt Whitman”. [VOLTAR](#).

SAUDAÇÃO

Um comboio de criança movido a corda, puxado a cordel
Tem mais movimento real do que os nossos versos...
Os nossos versos que não têm rodas
Os nossos versos que não se deslocam
Os nossos versos que, nunca lidos, não saem para fora

[do papel.

(Estou farto – farto da vida, farto da arte –,
Farto de não ter cousas, a menos ou a medo –
Raboleva da minha respiração chegando a minha vida,
Fantoche absurdo de feira da minha ideia de mim.
Quando é que parte o último comboio?)
Sei que cantar-te assim não é cantar-te – mas que

[importa?

Sei que é cantar tudo, mas cantar tudo é cantar-te,
Sei que é cantar-me a mim – mas cantar-me a mim é cantar-te a ti
Sei que dizer que não posso cantar é cantar-te, Walt,

[ainda...

SAUDAÇÃO

Heia? Heia o quê e por quê?

O que tiro eu de heia! ou de qualquer cousa,

Que valha pensar em heia!

Decadentes, meu velho, decadentes é que nós somos...

No fundo de cada um de nós há uma Bisâncio a arder,

E nem sinto as chamas e nem sinto Bisâncio

Mas o Império finda nas nossas veias aguadas

E a Poesia foi a da nossa incompetência para agir...

Tu, cantador de profissões enérgicas, Tu o Poeta do

[Extremo, do Porto,

Tu, músculo da inspiração, com musas masculinas por

[destaque,

Tu, afinal, inocente em viva histeria,

Afinal apenas “acariciador da vida”,

Mole ocioso, paneleiro pelo menos na intenção,

– Bem... isso era contigo – mas onde é que aí está a Vida?

Eu, engenheiro como profissão, farto de tudo e de todos,

Eu, exageradamente supérfluo, guerreando as cousas

Eu, inútil, gasto, improfícuo, pretensioso e amoral,

Boia das minhas sensações desgarradas pelo temporal,

Âncora do meu navio já quebrada pr’ó fundo

Eu feito cantor da Vida e da Força – acreditas?

Eu, como tu, enérgico, salutar, nos versos –

E afinal sincero como tu, ardendo em ter toda a

[Europa ao cérebro,

No cérebro explosivo e sem diques,

Na inteligência mestra e dinâmica,

Na sensualidade carimbo, projector, marca, cheque

Pra que diabo vivemos, e fazemos versos?

Raios partam a mandriice que nos faz poetas,

A depressão que nos engana artistas,

O tédio fundamental que nos pretende enérgicos e

[modernos,

Quando o que queremos é distrair-nos, dar-nos ideia

[da vida

Porque nada fazemos e nada somos, a vida corre-nos

[lenta nas veias.

Vejamos ao menos, Walt, as cousas bem pela verdade...
Bebamos isto como um remédio amargo
E concordemos em mandar à merda o mundo e a vida
Sem quebranto no olhar, e não por desprezo ou aversão
Isto, afinal é saudar-te?
Seja o que for, é saudar-te,
Seja o que valha, é amar-te,
Seja o que calhe, é concordar contigo...
Seja o que for é isto. E tu compreendes, tu gostas,
Tu, a chorar no meu ombro, concordas, meu velho,

[comigo –

(Quando parte o último comboio? –
Vilegiatura em Deus...)
Vamos, confiadamente, vamos...
Isto tudo deve ter um outro sentido
Melhor que viver e ter tudo...
Deve haver um ponto da consciência
Em que a paisagem se transforme
E comece a interessar-nos, a acudir-nos, a sacudir-nos...
Em que comece a haver fresco na alma
E sol e campo nos sentidos despertos.
Seja onde for a Estação, lá nos encontraremos...
Espera-me à porta, Walt; lá estarei...
Lá estarei sem o universo, sem a vida, sem eu-próprio,

[sem nada...

E relembremos, a sós, silenciosos, com a nossa dor
O grande absurdo do mundo, a dura inépcia das cousas
E sentirei, o mistério sentirei tão longe, tão longe, tão

[longe,

Tão absoluta e abstractamente longe,
Definitivamente longe.

Heia o quê? Heia porquê? Heia para onde?
Heia até onde?
Heia para onde, corcel suposto?
Heia para onde, comboio imaginário?
Heia para onde, seta, pressa, velocidade
Todas só eu a penar por elas.
Todas só eu a não tê-las por todos os meus nervos fora.
Heia pra onde, se não há onde nem como?
Heia pra onde, se estou sempre onde estou e nunca adiante
Nunca adiante, nem sequer atrás,
Mas sempre fatalissimamente no lugar do meu corpo,
Humanissimamente no ponto-pensar da minha alma,
Sempre o mesmo átomo indivisível da personalidade

[divina?

Heia pra onde tristeza de não realizar o que quero?
Heia pra onde, para quê, o quê, sem o quê?
Heia, heia, heia, mas ó minha incerteza, pra onde?
Não escrever versos, versos, versos a respeito do ferro,
Mas ver, ter, ser o ferro e ser isso os meus versos,
Versos – ferro – versos, círculo material-psíquico-eu.
(quando parte o último comboio?)

Para saudar-te
Para saudar-te como se deve saudar-te
Preciso tornar os meus versos corcel,
Preciso tornar os meus versos comboio,
Preciso tornar os meus versos seta,
Preciso tornar os versos pressa,
Preciso tornar os versos nas cousas do mundo
Tudo cantavas, e em ti cantava tudo –
Tolerância magnífica e prostituída
A das tuas sensações de pernas abertas
Para os detalhes e os contornos do sistema do universo

Abram falência à nossa vitalidade!

Escrevemos versos, cantamos as cousas-falências; não

[as vivemos.

Como podemos viver todas as vidas e todas as esperas

E todas as formas de formas

E todos os gestos de gestos?

O que é fazer versos senão confessar que a vida não basta

O que é arte senão uma esperança que não é ninguém

Adeus, Walt, adeus!

Adeus até ao indefinido do para além do Fim.

Espera-me, se aí se pode esperar,

Quando parte o último comboio?

Quando parte? (Quando partimos?)

Para cantar-te,
Para saudar-te
Era preciso escrever aquele poema supremo,
Onde, mais que em todos os outros poemas supremos,
Vivesse, numa síntese completa feita de uma análise
[sem esquecimentos,
Todo o Universo de cousas, de vidas e de almas,
Todo o Universo de homens, mulheres, crianças,
Todo o Universo de gestos, de actos, de emoções, de
[pensamentos,
Todo o Universo das cousas que a humanidade faz,
Das cousas que acontecem à humanidade –
Profissões, leis, regimentos, medicinas, o Destino,
Escrito a entrecruzamentos, a intersecções constantes
No papel dinâmico dos Acontecimentos,
No papyrus rápido das combinações sociais,
No palimpsesto das emoções renovadas constantemente.

O verdadeiro poema moderno é a vida sem poemas,
É o comboio real e não os versos que o cantam
É o ferro dos rails, dos rails quentes, é o ferro das rodas,
[é o giro real d'ellas.

E não os meus poemas falando de rails e de rodas sem

[eles.

Paro, escuto, reconheço-me
O som da minha voz caiu no ar sem vida.
Fiquei o mesmo, tu estás morto, tudo é insensível...
Ó coração por salvar! Quem me salva de ti?
Saudar-te foi um modo de eu querer animar-me,
Para que te saudei sem que me julgue capaz
Da energia viva de saudar alguém!

A FERNANDO PESSOA

Depois de ler o seu drama estático
“O Marinheiro” em “Orpheu I”

Depois de doze minutos
Do seu drama O Marinheiro,
Em que os mais ágeis e astutos
Se sentem com sono e brutos,
E de sentido nem cheiro,
Diz uma das veladoras
Com langorosa magia:
De eterno e belo há apenas o sonho.
 Porque estamos nós falando ainda?
 Ora isso mesmo é que eu ia
 Perguntar a essas senhoras... [28]

[28]. Publicado em Solução Editora, nº 4, 1929. O marinheiro é um drama, escrito por Fernando Pessoa, de um único ato. Chama-se “drama estático”, porque, nele, não há qualquer movimento. Trata-se de um exercício hipersimbolista realizado por meio do diálogo de três mulheres diante da morta que está sendo velada. Interessante observar, aqui, o diálogo franco existente entre Campos e Pessoa. [VOLTAR](#)

PASSAGEM DAS HORAS[29]

Ode sensacionista

A José de Almada-Negreiros

Almada-Negreiros: você não imagina como
eu lhe agradeço o facto de você existir

Álvaro de Campos

I

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao
[mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e
[longínquo.
Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo,
Eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,
Aquilo com quem simpatizo, seja uma pedra ou uma
[ânsia,
Seja uma flor ou uma ideia abstracta,
Seja uma multidão ou um modo de compreender Deus.
E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.
São-me simpáticos os homens superiores porque são
[superiores,
E são-me simpáticos os homens inferiores porque são
[superiores também,
Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos de
[visão.
Simpatizo com alguns homens pelas suas qualidades
[de carácter,
E simpatizo com outros pela sua falta dessas qualidades,
E com outros ainda simpatizo por simpatizar com eles,
E há momentos absolutamente orgânicos em que esses
[são todos os homens
Sim, como sou rei absoluto na minha simpatia,
Basta que ela exista para que tenha razão de ser.
Estreito ao meu peito arfante num abraço comovido
(No mesmo abraço comovido)
O homem que dá a camisa ao pobre que desconhece,
O soldado que morre pela pátria sem saber o que é
[pátria,
E...
E o matricida, o fraticida, o incestuoso, o violador de

[crianças,
O ladrão de estradas, o salteador dos mares,
O gatuno de carteiras, o sombra que espera nas vielas –
Todos são a minha amante predilecta pelo menos um
[momento na vida.
Beijo na boca todas as prostitutas,
Beijo sobre os olhos todos os souteneurs,
A minha passividade jaz aos pés de todos os assassinos,
E a minha capa à espanhola esconde a retirada a todos
[os ladrões.
Tudo é a razão de ser da minha vida.
Cometi todos os crimes,
Vivi dentro de todos os crimes
(Eu próprio fui, não um nem o outro no vício,
Mas o próprio vício-pessoa praticado entre eles,
E dessas são as horas mais arco-de-triunfo da minha
[vida).
Multipliquei-me para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus
[diferente.
Os braços de todos os atletas apertaram-me subitamente
[feminino,
E eu só de pensar nisso desmaiei entre músculos
[supostos.
Foram dados na minha boca os beijos de todos os
[encontros,
Acenaram no meu coração os lenços de todas as
[despedidas,
Todos os chamamentos obscenos de gesto e olhares
Batem-me em cheio em todo o corpo com sede nos
[centros sexuais.
Fui todos os ascetas, todos os postos-de-parte, todos os
[como que esquecidos,
E todos os pederastas – absolutamente todos (não faltou

[nenhum)

Rendez-vous^[30] a vermelho e negro no fundo-inferno da

[minha alma!

(Freddie, eu chamava-te Baby, porque tu eras louro,

[branco eu amava-te

Quantas imperatrizes por reinar e princesas destronadas

[tu foste para mim!

Mary, com quem eu lia Burns em dias tristes como

[sentir-se viver,

Mary, mal tu sabes quantos casais honestos, quantas

[famílias felizes

Viveram em ti os meus olhos e o meu braço cingindo e

[a minha consciência incerta

A sua vida pacata, as suas casas suburbanas com

[jardim, os seus half-holidays^[31] inesperados...

Mary, eu sou infeliz...

Freddie, eu sou infeliz...

Oh, vós todos, todos vós, casuais, demorados,

Quantas vezes tereis pensado em pensar em mim, sem

[que o fizésseis,

Ah, quão pouco eu fui no que sois, quão pouco, quão

[pouco –

Sim, e o que tenho eu sido, ó meu subjectivo universo,

Ó meu sol, meu luar, minhas estrelas, meu momento,

Ó parte externa de mim perdida em labirintos de Deus!)

Passa tudo, todas as cousas num desfile por mim dentro,

E todas as cidades do mundo rumorejam-se dentro de

[mim. (...)

Meu coração tribunal, meu coração mercado, meu

[coração sala da Bolsa, meu coração balcão de Banco,

Meu coração rendez-vous de toda a humanidade,

Meu coração banco de jardim público, hospedaria,

[estalagem, calabouço número qualquer cousa

(“Aqui esteve el Manolo en vísperas de ir al patíbulo”^[32])

Meu coração dub^[33], sala, plateia, capacho, guichet,

[portaló,

Ponte, cancela, excursão, marcha, viagem, leilão, feira,

[arraial,

Meu coração postigo,

Meu coração encomenda,

Meu coração carta, bagagem, satisfação, entrega,

Meu coração a margem, o limite, a súmula, o índice,

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, bazar o meu coração.

Trago dentro do meu coração,

Como num cofre que se não pode fechar de cheio,

Todos os lugares onde estive,

Todos os portos a que cheguei,

Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,

Ou de tombadilhos, sonhando,

E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

A entrada de Singapura, manhã subindo, cor verde,

O coral das Maldivas em passagem cálida,

Macau à uma hora da noite... Acordo de repente...

Yat-lô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô... Ghi – ...

E aquilo soa-me do fundo de uma outra realidade...

A estatura norte-africana quase de Zanzibar ao sol...

Dar-es-Salaam (a saída é difícil)...

Majunga, Nossi-Bé, verduras de Madagascar...

Tempestades em torno ao Guardafui...

E o Cabo da Boa Esperança nítido ao sol da madrugada...

E a Cidade do Cabo com a Montanha da Mesa ao fundo...

Viajei por mais terras do que aquelas em que toquei...

Vi mais paisagens do que aquelas em que pus os olhos...

Experimentei mais sensações do que todas as sensações

[que senti,

Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que

[sentir

E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu infeliz.

A certos momentos do dia recordo tudo isto e

[apavoro-me,

Penso em que é que me ficará desta vida aos bocados,

[deste auge,

Desta estrada às curvas, deste automóvel à beira da

[estrada, deste aviso,
Desta turbulência tranquila de sensações
[desencontradas,
Desta transfusão, desta insubsistência, desta convergência
[iriada,
Deste desassossego no fundo de todos os cálices,
Desta angústia no fundo de todos os prazeres,
Desta saciedade antecipada na asa de todas as chávenas,
Deste jogo de cartas fastiento entre o Cabo da Boa
[Esperança e as Canárias.
Não sei se a vida é pouco ou de mais para mim.
Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
Se me falta escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na
[inteligência,
Consanguinidade com o mistério das coisas, choque
Aos contactos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos,
Ou se há outra significação para isto mais cómoda e
[feliz.
Seja o que for, era melhor não ter nascido,
Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no
[chão, de sair
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas
[as sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e
[esquecimentos,
Entre tombos, e perigos e ausência de amanhã,
E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida
[com o que eu penso,
Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó
[vida.
Cruzo os braços sobre a mesa, ponho a cabeça sobre os
[braços,
É preciso querer chorar, mas não sei ir buscar as
[lágrimas...
Por mais que me esforce por ter uma grande pena de

Tenho a alma rachada sob o indicador curvo que lhe

[mim, não choro,

[toca...

Que há-de ser de mim? Que há-de ser de mim?
Correram o bobo a chicote do palácio, sem razão,
Fizeram o mendigo levantar-se do degrau onde caíra.
Bateram na criança abandonada e tiraram-lhe o pão

[das mãos.

Oh mágoa imensa do mundo, o que falta é agir...
Tão decadente, tão decadente, tão decadente...
Só estou bem quando ouço música, e nem então.
Jardins do século dezoito antes de 89,
Onde estais vós, que eu quero chorar de qualquer

[maneira?

Como um bálsamo que não consola senão pela ideia

[de que é um bálsamo,

A tarde de hoje e de todos os dias pouco a pouco,

[monótona, cai.

Acenderam as luzes, cai a noite, a vida substitui-se.
Seja de que maneira for, é preciso continuar a viver.
Arde-me a alma como se fosse uma mão, fisicamente.
Estou no caminho de todos e esbarram comigo.
Minha quinta na província,
Haver menos que um comboio, uma diligência e a

[decisão de partir entre mim e ti.

Assim fico, fico... Eu sou o que sempre quer partir,
E fica sempre, fica sempre, fica sempre,
Até à morte fica, mesmo que parta, fica, fica, fica...
Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e

[solícito.

Só humanitariamente é que se pode viver.
Só amando os homens, as acções, a banalidade dos

[trabalhos,

Só assim – ai de mim! –, só assim se pode viver.
Só assim, ó noite, e eu nunca poderei ser assim!
Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco – não sei qual – e eu

[sofri.
 Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os
 [gestos,
 E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e
 [não conseguisse.
 Amei e odiei como toda a gente,
 Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo,
 E para mim foi sempre a excepção, o choque, a válvula,
 [o espasmo.
 Vem, ó noite, e apaga-me, vem e afoga-me em ti.
 Ó carinhosa do Além, senhora do luto infinito,
 Mágoa externa da Terra, choro silencioso do Mundo.
 Mão suave e antiga das emoções sem gesto,
 Irmã mais velha, virgem e triste, das ideias sem nexos,
 Noiva esperando sempre os nossos propósitos
 [incompletos,
 A direcção constantemente abandonada do nosso
 [destino,
 A nossa incerteza pagã sem alegria,
 A nossa fraqueza cristã sem fé,
 O nosso budismo inerte, sem amor pelas coisas nem
 [êxtases,
 A nossa febre, a nossa palidez, a nossa impaciência de
 [fracos,
 A nossa vida, ó mãe, a nossa perdida vida...
 Não sei sentir, não sei ser humano, conviver
 De dentro da alma triste com os homens meus irmãos
 [na terra.
 Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser
 [quotidiano, nítido,
 Ter um lugar na vida, ter um destino entre os homens
 Ter uma obra, uma força, uma vontade, uma horta,
 Uma razão para descansar, uma necessidade de me
 [distrair,
 Uma cousa vinda directamente da natureza para mim.
 Por isso sê para mim materna, ó noite tranquila...
 Tu, que tiras o mundo ao mundo, tu que és a paz,

Tu que não existes, que és só a ausência da luz,
Tu que não és uma coisa, um lugar, uma essência, uma

[vida,

Penélope da teia, amanhã desfeita, da tua escuridão,
Circe irreal dos febris, dos angustiados sem causa,
Vem para mim, ó noite, estende para mim as mãos,
E sê frescor e alívio, ó noite, sobre a minha frente...
Tu, cuja vinda é tão suave que parece um afastamento,
Cujo fluxo e refluxo de treva, quando a lua bafeja,
Tem ondas de carinho morto, frio de mares de sonho,
Brisas de paisagens supostas para a nossa angústia

[excessiva...

Tu, palidamente, tu, flébil, tu, liquidamente,
Aroma de morte entre flores, hálito de febre sobre

[margens,

Tu, rainha, tu, castelã, tu, dona pálida, vem...
Clarim claro da manhã ao fundo
Do semicírculo frio do horizonte,
Ténue clarim longínquo como bandeiras incertas
Desfraldadas para além de onde as cores são visíveis...
Clarim trémulo, poeira parada, onde a noite cessa,
Poeira de ouro parada no fundo da visibilidade...
Carro que chia limpidamente, vapor que apita,
Guindaste que começa a girar no meu ouvido,
Tosse seca, nova do que sai de casa,
Leve arrepio matutino na alegria de viver,
Gargalhada súbita velada pela bruma exterior não sei

[como,

Costureira fadada para pior que a manhã que sente,
Operário tísico desfeito para feliz nesta hora
Inevitavelmente vital,
Em que o relevo das cousas é suave, certo e simpático,
Em que os muros são frescos ao contacto da mão, e as

[casas

Abrem aqui e ali os olhos cortinados a branco...
Toda a madrugada é uma cortina que oscila,
E refresca ilusões e recordações na minha alma de

No meu coração banido de epidérmico espírito,
No meu cansado e velado [...]
[...]e caminha tudo
Para a hora cheia de luz em que as lojas baixam as

[transeunte,

[pálpebras

E rumor tráfego carroça comboio eu sinto sol estruge
Vertigem do meio-dia emoldurada a vertigens –
Sol dos vértices e nos[...] da minha visão estriada,
Do rodopio parado da minha retentiva seca,
Do abrumado clarão fixo da minha consciência de viver.
Rumor tráfego carroça comboio carros eu sinto sol rua,
Aros caixotes trolley^[34] loja rua vitrines saia olhos
Rapidamente calhas carroças caixotes rua atravessar rua
Passeio lojistas “perdão” rua
Rua a passear por mim pela rua por mim
Tudo espelhos as lojas de cá dentro das lojas de lá
A velocidade dos carros ao contrário nos espelhos

[oblíquos das montras,

O chão no ar o sol por baixo dos pés rua regas flores no

[cesto rua

O meu passado rua estremece camion^[35] rua não me

[recordo rua

Eu de cabeça pra baixo no centro da minha consciência

[de mim

Rua sem poder encontrar uma sensação só de cada vez

[rua

Rua pra trás e pra diante debaixo dos meus pés
Rua em X em Y em Z por dentro dos meus braços
Rua pelo meu monóculo em círculos de cinematógrafo

[pequeno,

Caleidoscópio em curvas iriadas nítidas rua
Bebedeira da rua e de sentir ver ouvir tudo ao mesmo

[tempo.

Bater das fontes de estar vindo para cá ao mesmo

[tempo que vou para lá.

Viro todos os dias todas as esquinas de todas as ruas,
E sempre que estou pensando numa cousa, estou

[pensando noutra

Não me subordino senão por atavismo,
E há sempre razões para emigrar para quem não está

[de cama.

Das terrasses de todos os cafés de todas as cidades
Acessíveis à imaginação
Reparo para a vida que passa, sigo-a sem me mexer,
Pertenco-lhe sem tirar um gesto da algibeira,
Nem tomar nota do que vi para depois fingir que o vi.
No automóvel amarelo a mulher definitiva de alguém

[passa,

Vou ao lado dela sem ela saber.
No trottoir imediato eles encontram-se por um acaso

[combinado,

Mas antes de o encontro deles lá estar já eu estava com

[eles lá.

Não há maneira de se esquivarem a encontrar-me, não
[há modo de eu não estar em toda a parte.

O meu privilégio é tudo

(Brevetée, Sans Garantie de Dieu ^[36] a minh'Alma).

Assisto a tudo e definitivamente.

Não há joia para mulher que não seja comprada por

[mim e para mim,

Não há intenção de estar esperando que não seja minha

[de qualquer maneira,

Não há resultado de conversa que não seja meu por

[acaso,

Não há toque de sino em Lisboa há trinta anos, noite

[de S. Carlos há cinquenta

Que não seja para mim por uma galantaria deposta.

Fui educado pela Imaginação,

Viajei pela mão dela sempre,

Amei, odiei, falei, pensei sempre por isso,

E todos os dias têm essa janela por diante,

Todas as horas parecem minhas dessa maneira.

Estatelo-me ao comprido em toda a vida
E urro em mim a minha ferocidade de viver...
Não há gestos de prazer pelo mundo que valham
A alegria stupenda de quem não tem outro modo de a

[exprimir

Que rolar-se pelo chão entre ervas e malmequeres
E misturar-se com terra até sujar o fato e o cabelo...
Não há versos que possam dar isto...
Arranquem um [...] de erva, trinquem-a e

[perceber-me-ão,

Perceberão completamente o que eu incompletamente

[exprimo.

Tenho a fúria de ser raiz
A perseguir-me as sensações por dentro como uma

[seiva...

Queria ter todos os sentidos, incluindo a inteligência,
A imaginação e a inibição
À flor da pele para me poder rolar pela terra rugosa
Mais de dentro, sentindo mais rugosidade e

[irregularidades.

Eu só estaria contente se o meu corpo fora a minha

[alma...

Assim todos os ventos, todos os sóis, e todas as chuvas
Seriam sentidos por mim do único modo que eu

[quereria...

Não podendo acontecer-me isto, desespero, raivo,
Tenho vontade de poder arrancar à dentada o meu fato
E depois ter pesadas garras de leão para me despedaçar
Até o sangue correr, correr, correr, correr...
Sofro porque tudo isto é absurdo
Como se me tivesse medo alguém,
Com o meu sentimento agressivo para o destino, para

[Deus,

Que nasce de encararmos com o Inefável
E medirmos bem, de repente, a nossa fraqueza e

[pequenez.

Todas as madrugadas são a madrugada e a vida.

Todas as auroras raíam no mesmo lugar:

Infinito...

Todas as alegrias de ave vêm da mesma garganta,
Todos os estremecimentos de folhas são da mesma

[árvore,

E todos os que se levantam cedo para ir trabalhar
Vão da mesma casa para a mesma fábrica por o

[mesmo caminho...

Rola, bola grande, formigueiro de consciências, terra,
Rola, auroreada, entardecida, a prumo sob sóis,

[nocturna,

Rola no espaço abstracto, na noite mal iluminada

[realmente

Rola e [...]

Sinto na minha cabeça a velocidade do giro da terra,
E todos os países e todas as pessoas giram dentro de

[mim,

Centrífuga ânsia, raiva de ir por os ares até aos astros
Bate pancadas de encontro ao interior do meu crânio,
Põe-me alfinetes vendados por toda a consciência do

[meu corpo,

Faz-me levantar-me mil vezes e dirigir-me para

[Abstracto,

Para inencontrável, Ali sem restrições nenhuma,
A Meta invisível todos os pontos onde eu não estou, e

[ao mesmo tempo

Ah, não estar parado nem a andar,

Não estar deitado nem de pé,

Nem acordado nem a dormir,

Nem aqui nem noutro ponto qualquer,

Resolver a equação desta inquietação prolixa,

Saber onde estar para poder estar em toda a parte,

Saber onde deitar-me para estar passeando por todas

[as ruas,

Saber onde

Ho-ho-ho-ho-ho-ho-ho

HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO

HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO
HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO

Cavalgada alada de mim por cima de todas as cousas,
Cavalgada estalada de mim por baixo de todas as cousas,
Cavalgada alada e estalada de mim por causa de todas

[as cousas...

Hup-la por cima das árvores, hup-la por baixo dos tanques,
Hup-la contra as paredes, hup-la raspando nos troncos,
Hup-la no ar, hup-la no vento, hup-la, hup-la nas praias,
Numa velocidade crescente, insistente, violenta,
Hup-la hup-la hup-la hup-la...

Cavalgada panteísta de mim por dentro de todas as

[cousas,

Cavalgada energética por dentro de todas as energias,
Cavalgada de mim por dentro do carvão que se

[queima, da lâmpada que arde,

De todos os consumos de energia

Cavalgada de mim ampères, []

Cavalgada explosiva, explodida, como uma bomba que

[rebenta,

Cavalgada rebentando para todos os lados ao mesmo

[tempo,

Cavalgada por cima do espaço, salto por cima do tempo,
Galga, cavalo electrónico – íon –, sistema solar

[resumido

Por dentro da acção dos êmbolos, por fora do giro dos

[volantes.

Dentro dos êmbolos, tornado velocidade abstracta e

[louca,

Ajo a ferro e velocidade, vai-vem, loucura, raiva contida,
Atado ao rasto de todos os volantes giro assombrosas

[horas,

E todo o universo range, estraleja e estropia-se em mim.
Ho-ho-ho-ho-ho...

Cada vez mais depressa, cada vez mais com o espírito

[adiante do corpo

Adiante da própria ideia veloz do corpo projectado,

Com o espírito atrás adiante do corpo, sombra, chispa,
He-la-ho-ho... Helahoho....
Toda a energia é a mesma e toda a natureza é o mesmo...
A seiva da seiva das árvores é a mesma energia que mexe
As rodas da locomotiva, as rodas do eléctrico, os
[volantes dos Diesel,
E um carro puxado a mulas ou a gasolina é puxado
[pela mesma coisa.
Raiva panteísta de sentir em mim formidandamente,
Com todos os meus sentidos em ebulição, com todos
[os meus poros em fumo,
Que tudo é uma só velocidade, uma só energia, uma só
[divina linha
De si para si, parada a ciclar violências de velocidade
[louca...
Ho-ho-ho-ho-ho-ho-ho
HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO
HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO
HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO
Ave, salve, viva a unidade veloz de tudo!
Ave, salve, viva a igualdade de tudo em seta!
Ave, salve, viva a grande máquina universo!
Ave, que sois o mesmo, árvores, máquinas, leis,
Ave, que sois o mesmo, vermes, êmbolos, ideias
[abstractas,
A mesma seiva vos enche, a mesma seiva vos torna,
A mesma coisa sois, e o resto é por fora e falso,
O resto, o estático resto que fica nos olhos que param,
Mas não nos meus nervos motor de explosão a óleos
[pesados ou leves,
Não nos meus nervos todas as máquinas, todos os
[sistemas de engrenagem,
Nos meus nervos locomotiva, carro-eléctrico, automóvel,
[debulhadora a vapor,
Nos meus nervos máquina marítima, Diesel,
[semi-Diesel, Campbel,
Nos meus nervos instalação absoluta a vapor, a gás, a

Máquina universal movida por correias de todos os
 [óleo e a electricidade,
 [momentos!
 Comboio parte-te de encontro ao resguardo da linha
 [de desvio!
 Vapor navega direito ao cais e racha-te contra ele!
 Automóvel guiado pela loucura de todo o universo
 [precipita-te
 Por todos os precipícios abaixo
 E choca-te, trz!, esfrangalha-te no fundo do meu coração!
 À moi, todos os objectos projecteis!
 À moi, todos os objectos direcções!
 À moi, todos os objectos invisíveis de velozes!
 Batam-me, trespassem-me, ultrapassem-me!
 Sou eu que me bato, que me trespasso, que me
 [ultrapasso!
 A raiva de todos os ímpetos fecha em círculo-mim!
 Hela-hoho comboio, automóvel, aeroplano minhas
 [ânsias,
 Velocidade entra por todas as ideias dentro,
 Choca de encontro a todos os sonhos e parte-os,
 Chamusca todos os ideais humanitários e úteis,
 Atropela todos os sentimentos normais, decentes,
 [concordantes,
 Colhe no giro do teu volante vertiginoso e pesado
 Os corpos de todas as filosofias, os trapos de todos os
 [poemas,
 Esfrangalha-os e fica só tu, volante abstracto nos ares,
 Senhor supremo da hora europeia, metálico a cio.
 Vamos, que a cavalgada não tenha fim nem em Deus!
 Vamos, que mesmo que eu fique atrás da cavalgada,
 [que eu fique Arrastado à cauda do cavalo, torcido, vazado, perdido
 Eu pobre, meu corpo e minha alma atingindo minha
 [maior altitude
 De onde anseio utopias de ultrapassar o universo,
 De deixar Deus atrás como um marco miliário [],
 De livrar o m []

Dói-me a imaginação não sei como, mas é ela que dói.
Declina dentro de mim o sol no alto do céu.
Começa a tender a entardecer no azul e nos meus nervos.
Vamos ó cavalgada, quem mais me consegues tornar?
Eu que, veloz, voraz, comilão da energia abstracta,
Queria comer, beber, esfolar e arranhar o mundo,
Eu, que só me contentaria com calcar o universo aos

[pés,

Calcar, calcar, calcar até não sentir..
Eu, sinto que ficou fora do que imaginei tudo o que

[quis,

Que embora eu quisesse tudo, tudo me faltou,
[...]
Cavalgada desmantelada por cima de todos os cimos,
Cavalgada desarticulada por baixo de todos os poços,
Cavalgada voo, cavalgada seta, cavalgada pensamento-

[relâmpago

Cavalgada eu, cavalgada eu, cavalgada o universo – eu.
Helahoho-o-o-o-o-o-o-o-o...
Meu ser elástico, mola, agulha, trepidação...

[29]. Optou-se pela leitura de Cleonice Berardinelli do poema. **VOLTAR**.

[30]. Encontro. **VOLTAR**.

[31]. Meio-feriados. **VOLTAR**

[32]. Aqui estive Manolo às vésperas de ir ao cadafalso. **VOLTAR**.

[33]. Clube. **VOLTAR**.

[34]. Bonde. **VOLTAR**.

[35]. Caminhão. **VOLTAR**.

[36]. Invenção sem garantia de Deus. **VOLTAR**

II

Sentir tudo de todas as maneiras,
Ter todas as opiniões,
Ser sincero contradizendo-se a cada minuto,
Desagradar a si-próprio pela plena liberalidade de

[espírito,

E amar as cousas como Deus.

Eu, que sou mais irmão de uma árvore que de um

[operário,

Eu, que sinto mais a dor suposta do mar ao bater na

[praia

Que a dor real das crianças em quem batem

(Ah, como isto deve ser falso, pobres crianças em quem

[batem

E porque é que as minhas sensações se revezam tão

[depressa?)

Eu enfim, que sou um diálogo contínuo,

Um falar-alto incompreensível, alta-noite na torre,

Quando os sinos oscilam vagamente sem que mão lhes

[toque

E faz pena saber que há vida que viver amanhã.

Eu, enfim, literalmente eu,

E eu metafòricamente também,

Eu, o poeta sensacionista, enviado do Acaso

Às leis irrepreensíveis da Vida,

Eu, o fumador de cigarros por profissão adequada,

O indivíduo que fuma ópio, que toma absinto, mas que,

[enfim,

Prefere pensar em fumar ópio a fumá-lo

E acha mais seu olhar para o absinto a beber que

[bebê-lo...

Eu, este degenerado superior sem arquivos na alma,

Sem personalidade com valor declarado,

Eu, o investigador solene das cousas fúteis,

Que era capaz de ir viver na Sibéria só por embirrar

[com isso,

E que acho que não faz mal não ligar importância à

[pátria
Porque não tenho raiz, como uma árvore, e portanto
[não tenho raiz...
Eu, que tantas vezes me sinto tão real como uma
[metáfora,
Como uma frase escrita por um doente no livro da
[rapariga que encontrou no terraço
Ou uma partida de xadrez no convés dum transatlântico,
Eu, a ama que empurra os perambulators em todos os
[jardins públicos,
Eu, o polícia que a olha, parado para trás na álea,
Eu, a criança no carro, que acena à sua inconsciência
[lúcida com um colar de guisos,
Eu, a paisagem por detrás disto tudo, a paz citadina
Coada através das árvores do jardim público,
Eu, o que os espera a todos em casa,
Eu, o que eles encontram na rua,
Eu, o que eles não sabem de si-próprios,
Eu, aquela cousa em que estás pensando e te marca esse
[sorriso,
Eu, o contraditório, o fictício, o aranzel, a espuma,
O cartaz posto agora, as ancas da francesa, o olhar do
[padre,
O largo onde se encontram as duas ruas e os chauffeurs
[dormem contra os carros,
A cicatriz do sargento mal-encarado,
O sebo na gola do explicador doente que volta para
[casa,
A chávena que era por onde o pequenito que morreu
[bebia sempre,
E tem uma falha na asa (e tudo isto cabe num coração
[de mãe e enche-o)...
Eu, o ditado de francês da pequenita que mexe nas ligas,
Eu, os pés que se tocam por baixo do bridge sob o lustre,
Eu, a carta escondida, o calor do lenço, a sacada com a
[janela entreaberta,
O portão de serviço onde a criada fala com os desejos

[do primo,
O sacana do José que prometeu vir e não veio
E a gente tinha uma partida para lhe fazer...
Eu, tudo isto, e além disto o resto do mundo...
Tanta cousa, as portas que se abrem, e a razão porque
[elas se abrem,
E as cousas que já fizeram as mãos que abrem as portas...
Eu, a infelicidade – nata de todas as expressões,
A impossibilidade de exprimir todos os sentimentos,
Sem que haja uma lápide no cemitério para o irmão
[de tudo isto,
E o que parece não querer dizer nada sempre quer dizer
[qualquer cousa...
Sim, eu, o engenheiro naval que sou supersticioso como
[uma camponesa madrinha,
E uso monóculo para não parecer igual à ideia real que
[faço de mim,
Que levo às vezes três horas a vestir-me e nem por isso
[acho isso natural,
Mas acho-o metafísico e se me batem à porta, zango-me,
Não tanto por me interromperem a gravata como por
[ficar sabendo que há a vida...
Sim, enfim, eu o destinatário das cartas lacradas,
O baú das iniciais gastas,
A intonação das vozes que nunca ouviremos mais –
Deus guarda isso tudo no Mistério, e às vezes sentimo-lo
E a vida pesa de repente e faz muito frio mais perto
[que o corpo.
A Brígida prima da minha tia,
O general em que elas falavam – general quando elas
[eram pequenas,
E a vida era guerra civil a todas as esquinas...
Vive le mélodrame où Margot a pleuré! [37]
Caem folhas secas no chão irregularmente,
Mas o facto é que sempre é outono no outono,
E o inverno vem depois fatalmente,
E há só um caminho para a vida, que é a vida...

Esse velho insignificante, mas que ainda conheceu os

[românticos,

Esse opúsculo político do tempo das revoluções

[constitucionais,

E a dor que tudo isso deixa, sem que se saiba a razão

Nem haja para chorar tudo mais razão que senti-lo.

Todos os amantes beijaram-se na minh'alma,

Todos os vadios dormiram um momento em cima de

[mim,

Todos os desprezados encostaram-se um momento ao

[meu ombro

Atravessaram a rua, ao meu braço, todos os velhos e os

[doentes,

E houve um segredo que me disseram todos os assassinos.

(Aquele cujo sorriso sugere a paz que eu não tenho,

Em cujo baixar-de-olhos há uma paisagem da Holanda,

Com as cabeças femininas coiffées de lin[38]

E todo o esforço quotidiano de um povo pacífico e

[limpo...

Aquele que é o anel deixado em cima da cómoda,

E a fita entalada com o fechar da gaveta,

Fita cor-de-rosa, não gosto da cor mas da fita entalada,

Assim como não gosto da vida, mas gosto de senti-la...

Dormir como um cão corrido no caminho, ao sol,

Definitivamente para todo o resto do Universo,

E que os carros me passem por cima).

Fui para a cama com todos os sentimentos,

Fui souteneur de todas as emoções,

Pagaram-me bebidas todos os acasos das sensações,

Troquei olhares com todos os motivos de agir,

Estive mão em mão com todos os impulsos para partir,

Febre imensa das horas!

Angústia da forja das emoções!

Raiva, espuma, a imensidão que não cabe no meu lenço,

A cadela a uivar de noite,

O tanque da quinta a passear à roda da minha insónia,

O bosque como foi à tarde, quando lá passeamos, a rosa,

A madeixa indiferente, o musgo, os pinheiros,
Toda a raiva de não conter isto tudo, de não deter isto

[tudo,

Ó fome abstracta das cousas, cio impotente dos

[momentos,

Orgia intelectual de sentir a vida!

Obter tudo por suficiência divina –

As vésperas, os consentimentos, os avisos,

As cousas belas da vida –

O talento, a virtude, a impunidade,

A tendência para acompanhar os outros a casa,

A situação de passageiro,

A conveniência em embarcar já para ter lugar,

E falta sempre uma cousa, um copo, uma brisa, uma

[frase,

E a vida dói quanto mais se goza e quanto mais se

[inventa.

Poder rir, rir, rir despejadamente,

Rir como um copo entornado,

Absolutamente doido só por sentir,

Absolutamente roto por me roçar contra cousas,

Ferido na boca por morder cousas,

Com as unhas em sangue por me agarrar a cousas,

E depois dêem-me a cela que quiserem que eu me

[lembrarei da vida. [\[39\]](#)

22/5/1916 a 10/4/1923

[37]. Viva o melodrama em que Margot chorou. **VOLTAR**

[38]. Cobertas de linho. (N.E.) **VOLTAR**.

[39]. Optamos por esta versão publicada por Cleonice Berardinelli em Poemas de Álvaro de Campos por ser mais completa. Esta é uma ode futurista em que Campos exprime a essência do Sensacionismo: “sentir tudo de todas as maneiras”. Aí aparecem a multiplicidade de “eu” do poeta e o seu desejo total de experimentar e abarcar a realidade. **VOLTAR**.

DIÁRIO NA SOMBRA

Lembras-te ainda de mim?

Tu conhecestes-me há muito tempo...

Eu era aquela criança triste de quem tu não gostavas,
E por quem depois, pouco a pouco, te foste interessando
(Pela angústia, e a tristeza, e mais qualquer coisa,)

E de quem tu acabaste por gostar, quase sem o saber!

Lembras-te? A criança triste que brincava na praia

Sozinha, longe dos outros, sossegadamente,

E de vez em quando lhes lançava um olhar triste mas

[sem pena...

Vejo que olhas para mim disfarçadamente de vez em

[quando...

Estás recordado? Queres ver se te recordas? bem sei...

Sem saber sentes ainda no meu rosto calmo e triste

A criança triste que brincava sempre longe dos outros

E de vez em quando olhava tristemente para eles, mas

[sem pena?

Sei que olhas, e que não compreendes qual a tristeza

Que me mostra triste...

Que não é pena, nem é saudade, nem desgosto, nem

[mágoa...

Ah, é a tristeza

Daquele a quem, no grande solo antenatal,

Deus daria o Segredo –

O segredo da vacuidade absoluta das cousas,

E da ilusão do mundo –

A tristeza irreparável

Daquele que sabe que nada serve nem vale,

Que o esforço é um absurdo desgaste,

Que a vida é um espaço vazio,

Porque a desilusão vem sempre através da ilusão

E parece que a Morte é o sentido da Vida...

É isto, mas não é só isto, que tu vês no meu rosto

E faz com que olhes para mim, de vez em quando,

[disfarçadamente

Há, além disto,

Aquele pasmo negro, aquele arrepio sombrio,
Que seria na alma
O ter havido um segredo de Deus
Dito no grande solo antenatal, quando a vida
Não raiava ainda ao longe,
E todo o Universo luminoso e complexo
Era ainda um destino inevitavelmente a cumprir.
Se isto me não define, nada me define
E isto não me define –
Porque o Segredo que Deus me disse não era só isto.
Amo esta cousa que é hoje estar do lado do irreal,
O fim que há nisso, o meu dever de compreender o

[incompreensível]

O meu sentimento d’haver quem não se pode sentir,
O meu grande interesse de impedir na infância,
O domínio dos sonhos architectados na luz.
Sim, é isto que põe
Uma velhice anterior à minha infância na minha face
E no meu olhar uma angústia interior à minha alegria.
Olhas-me disfarçadamente, de vez em quando,
E não me compreendes,
E tornas a olhar, disfarçadamente e sempre...
Sem Deus não há vida nesta vida
E não poderás nunca compreender...

17/9/1916

A CASA BRANCA NAU PRETA

Estou reclinado na poltrona, é tarde, o Verão apagou-se...

Nem sonho, nem cismo, um torpor alastra em meu

[cérebro...

Não existe manhã para o meu torpor nesta hora...

Ontem foi um mau sonho que alguém teve por mim...

Há uma interrupção lateral na minha consciência...

Continuam encostadas as portas da janela desta tarde

Apesar de as janelas estarem abertas de par em par...

Sigo sem atenção as minhas sensações sem nexos,

E a personalidade que tenho está entre o corpo e a

[alma...

Quem dera que houvesse

Um terceiro estado prà alma, se ela tiver só dois...

Um quarto estado prà alma, se são três os que ela tem...

A impossibilidade de tudo quanto eu nem chego a sonhar

Dói-me por detrás das costas da minha consciência de

[sentir...

As naus seguiram,

Seguiram viagem não sei em que dia escondido,

E a rota que deviam seguir estava escrita nos ritmos,

Os ritmos perdidos das canções mortas dos

[marinheiros de sonho...

Árvores paradas da quinta, vistas através da janela,

Árvores estranhas a mim a um ponto inconcebível à

[consciência de as estar vendo,

Árvores iguais todas a não serem mais que eu vê-las,

Não poder eu fazer qualquer coisa género haver árvores

[que deixasse de doer,

Não poder eu coexistir para o lado de lá com estar-vos

[vendo do lado de cá,

E poder levantar-me desta poltrona deixando os

[sonhos no chão...

Que sonhos?... Eu não sei se sonhei... Que naus

[partiram? para onde?

Tive essa impressão sem nexos porque no quadro

[fronteiro

Naus partem... naus não, barcos, mas as naus estão em
[mim,
E é sempre melhor o impreciso que embala do que o
[certo que basta,
Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não
[basta,
E nada que se pareça com isto devia ser o sentido da
[vida...
Quem pôs as formas das árvores dentro da existência
[das árvores?
Quem deu frondoso a arvoredos, e me deixou por
[verdecer?
Onde tenho o meu pensamento que me dói estar sem
[ele,
Sentir sem auxílio de poder para quando quiser, e o
[mar alto
E a última viagem, sempre para lá, das naus a subir...
Não há substância de pensamento na matéria de alma
[com que penso...
Há só janelas abertas de par em par encostadas por
[causa do calor que já não faz,
E o quintal cheio de luz sem luz agora ainda-agora, e eu...
Na vidraça aberta, fronteira ao ângulo com que o meu
[olhar a colhe
A casa branca distante onde mora... (O morador é
[abstracto.)
Fecho o olhar... e os meus olhos fitos na casa branca
[sem a ver
São outros olhos vendo sem estar fitos nela a nau que
[se afasta,
E eu, parado, mole, adormecido,
Tenho pela vista o tacto do mar lá embaixo
[embalando-me longe de aqui,
Tenho-o na inconsciência e sofro... [40]
Aos próprios palácios distantes a nau que penso não
[leva.
As escadas dando sobre o mar inatingível ela não

Aos jardins maravilhosos nas ilhas inexplícitas não

[alberga.

Tudo perde o sentido com que o abrigo em meu pórtico

[deixa.

E o mar entra por os meus olhos o pórtico cessando...

Caia a noite, não caia a noite, que importa a candeia

Por acender nas casas que não vejo na encosta e eu lá?

Húmida sombra nos sons do tanque nocturno sem lua,

[as rãs rangem

Coaxar tarde no vale, porque tudo é vale onde o som

[dói...

Milagre do aparecimento da Senhora das Angústias aos

[loucos,

Maravilha do enegrecimento do punhal tirado para os

[actos,

Os olhos fechados, a cabeça pendida contra a coluna

[certa,

E o mundo para além dos vitrais paisagem sem ruínas...

A casa branca nau preta...

Felicidade na Austrália...

11/10/1916

No lugar dos palácios desertos e em ruínas
À beira do mar,
Leiamos, sorrindo, os segredos das sinas
De quem sabe amar.
Qualquer que ele seja, o destino daqueles
Que o amor levou
Para a sombra, ou na luz se fez a sombra deles,
Qualquer fosse o vôo.
Por certo eles foram mais reais e felizes.

1/3/1917

Não sei. Falta-me um sentido, um tacto
Para a vida, para o amor, para a glória...
Para que serve qualquer história,
Ou qualquer facto?
Estou só, só como ninguém ainda esteve,
Oco dentro de mim, sem depois nem antes.
Parece que passam sem ver-me os instantes,
Mas passam sem que o seu passo seja leve.
Começo a ler, mas cansa-me o que inda não li.
Quero pensar, mas dói-me o que irei concluir.
O sonho pesa-me antes de o ter. Sentir
É tudo uma coisa como qualquer coisa que já vi
Não ser nada, ser uma figura de romance,
Sem vida, sem morte material, uma ideia,
Qualquer coisa que nada tornasse útil ou feia,
Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.

[40]. Optamos pela leitura de Cleonice Berardinelli para o poema. Na edição da Ática, a estrofe aparece da seguinte maneira: “Na vidraça aberta, fronteira ao ângulo com que meu olhar a colhe / A casa branca distante onde mora... Fecho o olhar... / e os meus olhos fitos na casa branca sem a ver / São outros olhos vendo sem estar fitos nela a nau que se afasta, / E eu, parado, mole, adormecido, / Tenho o ar embalando-me e sofro...”. **VOLTAR.**

PASSAGEM DAS HORAS

Nada me prende, a nada me ligo, a nada pertenco.
Todas as sensações me tomam e nenhuma fica.
Sou mais variado que uma multidão de acaso,
Sou mais diverso que o universo espontâneo,
Todas as épocas me pertencem um momento,
Todas as almas um momento tiveram seu lugar em mim.
Fluido de intuições, rio de supor-mas,
Sempre ondas sucessivas,
Sempre o mar – água desconhecendo-se
Sempre separando-se de mim, indefinidamente.
Ó cais onde eu embarque definitivamente para a Verdade,
Ó barco, com capitão e marinheiros, visível no símbolo,
Ó águas plácidas, como as de um rio que há, no

[crepúsculo

Em que me sonho possível –.
Onde estais que seja um lugar, quando sois que seja

[uma hora?

Quero partir e encontrar-me,
Quero voltar a saber de mim,
Como quem volta ao lar, como quem torna a ser

[recebido,

Como quem ainda é amado na aldeia antiga,
Como quem roça pela infância morta em cada pedra

[de muro,

E vê abertos em frente os eternos campos de outrora
E a saudade como uma canção de mãe a embalar flutua
Na tragédia de o passado ter passado,
Ó terras ao sol, conterrâneas, locais e vizinhas!
Merda prà vida!
Ter profissão pesa aos ombros como um fardo pago,
Ter deveres estagna,
Ter moral apaga,
Ter a revolta contra deveres e a revolta contra a moral
Vive na rua sem siso.
Ó linha dos horizontes, parda aos meus olhos,
Que tumulto de vento próximo me é ainda distante,

E como oscilas no que eu vejo de aqui! [\[41\]](#)

10/4/1923

Meu coração, bandeira içada
Em festas onde não há ninguém...
Meu coração, barco atado à margem
Esperando o dono, cadáver amarelado entre os juncais...
Meu coração, a mulher do forçado,
A estalajadeira dos mortos da noute,
Aguarda à porta, com um sorriso maligno,
Todo o sistema do universo,
Concluso a podridão e a esfinges...
Meu coração, algema partida...

[41]. Cleonice Berardinelli considera este poema, assim como o que se segue, suplementar a “A passagem das horas, ode sensacionista”. **VOLTAR**.

LISBON REVISITED

(1923)

Não: não quero nada.

Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me

[enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –

Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.

Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?

Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer

[coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

Assim, como sou, tenham paciência!

Vão para o diabo sem mim,

Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!

Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –,

Eterna verdade vazia e perfeita!

Ó macio Tejo ancestral e mudo,

Pequena verdade onde o céu se reflecte!

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!

Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar

[sòzinho! [\[42\]](#)]

[42]. Publicado na revista Contemporânea, nº 8, 1923. Este poema mostra toda a irreverência de Campos a Deus, à ciência e aos homens. Também podemos perceber o valor que a infância tem para o poeta. [VOLTAR](#).

LISBON REVISITED

(1926)

Nada me prende a nada.

Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.

Anseio com uma angústia de fome de carne

O que não sei que seja –

Definidamente pelo indefinido...

Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto

De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.

Fecharam-me todas as portas abstractas e necessárias.

Correram cortinas de todas as hipóteses que eu

[poderia ver na rua.

Não há na travessa achada número de porta que me

[deram,

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.

Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.

Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.

Até a vida só desejada me farta – até essa vida...

Compreendo a intervalos desconexos;

Escrevo por lapsos de cansaço;

E um tédio que é até do tédio arroja-me à praia.

Não sei que destino ou futuro compete à minha

[angústia sem leme;

Não sei que ilhas do Sul impossível aguardam-me

[náufrago;

Ou que palmares de literatura me darão ao menos um

[verso.

Não, não sei isto, nem outra coisa, nem coisa nenhuma...

E, no fundo do meu espírito, onde sonho o que sonhei,

Nos campos últimos da alma onde memoro sem causa

(E o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas),

Nas estradas e atalhos das florestas longínquas

Onde supus o meu ser,

Fogem desmantelados, últimos restos

Da ilusão final,

Os meus exércitos sonhados, derrotados sem ter sido,

As minhas coortes por existir, esfaceladas em Deus.

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar.
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?
Outra vez te revejo,
Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.
Outra vez te revejo – Lisboa e Tejo e tudo –,
Transeunte inútil de ti e de mim,
Estrangeiro aqui como em toda a parte,
Casual na vida como na alma,
Fantasma a errar em salas de recordações,
Ao ruído dos ratos e das tábuas que rangem
No castelo maldito de ter que viver...
Outra vez te revejo,
Sombra que passa através de sombras, e brilha
Um momento a uma luz fúnebre desconhecida,
E entra na noite como um rastro de barco se perde
Na água que deixa de se ouvir...
Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de

[mim –

Um bocado de ti e de mim!... [43]

26/4/1926

Se te queres matar, porque não te queres matar?
Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida,
Se ousasse matar-me, também me mataria...
Ah, se ousares, ousa!
De que te serve o quadro sucessivo das imagens externas
A que chamamos o mundo?
A cinematografia das horas representadas
Por actores de convenções e poses determinadas,
O circo policromo do nosso dinamismo sem fim?
De que te serve o teu mundo interior que desconheces?
Talvez, matando-te, o conheças finalmente...
Talvez, acabando, comeces...
E de qualquer forma, se te cansa seres,
Ah, cansa-te nobremente,
E não cantes, como eu, a vida por bebedeira,
Não saúdes como eu a morte em literatura!
Fazes falta? Ó sombra fútil chamada gente!
Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém...
Sem ti correrá tudo sem ti.
Talvez seja pior para outros existires que matares-te...
Talvez peses mais durando, que deixando de durar...
A mágoa dos outros?... Tens remorso adiantado
De que te chorem?
Descansa: pouco te chorarão...
O impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco,
Quando não são de coisas nossas,
Quando são do que acontece aos outros, sobretudo a

[morte,

Porque é a coisa depois da qual nada acontece aos

[outros...

Primeiro é a angústia, a surpresa da vinda
Do mistério e da falta da tua vida falada...
Depois o horror do caixão visível e material,
E os homens de preto que exercem a profissão de estar

[ali.

Depois a família a velar, inconsolável e contando

Lamentando a pena de teres morrido,
Interseccionando a pena de teres morrido com o último

[anedotas,

E tu mera causa ocasional daquela carpidação,
Tu verdadeiramente morto, muito mais morto que

[crime...

Muito mais morto aqui que calculas,
Mesmo que estejas muito mais vivo além...
Depois a trágica retirada para o jazigo ou a cova,
E depois o princípio da morte da tua memória.
Há primeiro em todos um alívio
Da tragédia um pouco maçadora de teres morrido...
Depois a conversa aligeira-se quotidianamente,
E a vida de todos os dias retoma o seu dia...
Depois, lentamente esqueceste.
Só és lembrado em duas datas, aniversariamente:
Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que

[calculas...

Mais nada, mais nada, absolutamente mais nada.
Duas vezes no ano pensam em ti.
Duas vezes no ano suspiram por ti os que te amaram,
E uma ou outra vez suspiram se por acaso se fala em ti.
Encara-te a frio, e encara a frio o que somos...
Se queres matar-te, mata-te...
Não tenhas escrúpulos morais, receios de inteligência!...
Que escrúpulos ou receios tem a mecânica da vida?
Que escrúpulos químicos tem o impulso que gera
As seivas, e a circulação do sangue, e o amor?
Que memória dos outros tem o ritmo alegre da vida?
Ah, pobre vaidade de carne e osso chamada homem,
Não vês que não tens importância absolutamente

[morreste;

És importante para ti, porque é a ti que te sentes.
És tudo para ti, porque para ti és o universo,
E o próprio universo e os outros
Satélites da tua subjetividade objectiva.

[nenhuma?

És importante para ti porque só tu és importante para ti.
E se és assim, ó mito, não serão os outros assim?
Tens, como Hamlet, o pavor do desconhecido?
Mas o que é conhecido? O que é que tu conheces,
Para que chames desconhecido a qualquer coisa em

[especial?

Tens, como Falstaff^[44], o amor gorduroso da vida?
Se assim a amas materialmente, ama-a ainda mais

[materialmente:

Torna-te parte carnal da terra e das coisas!
Dispersa-te, sistema físico-químico
De células nocturnamente conscientes
Pela nocturna consciência da inconsciência dos corpos,
Pelo grande cobertor não-cobrindo-nada das aparências,
Pela relva e a erva da proliferação dos seres,
Pela névoa atômica das coisas,

Pelas paredes turbilhonantes

Do vácuo dinâmico do mundo...[\[45\]](#)

26/4/1926

Faróis distantes,
De luz súbitamente tão acesa,
De noite e ausência tão rapidamente volvida,
Na noite, no convés, que consequências aflitas!
Mágoa última dos despedidos,
Ficção de pensar...
Faróis distantes...
Incerteza da vida...
Voltou crescendo a luz acesa avançadamente,
No acaso do olhar perdido...
Faróis distantes...
A vida de nada serve...
Pensar na vida de nada serve...
Pensar de pensar na vida de nada serve...
Vamos para longe e a luz que vem grande vem menos

[grande.

Faróis distantes...

30/4/1926

O florir do encontro casual
Dos que hão sempre de ficar estranhos...
O único olhar sem interesse recebido no acaso
Da estrangeira rápida...
O olhar de interesse da criança trazida pela mão
Da mãe distraída...
As palavras de episódio trocadas
Com o viajante episódico
Na episódica viagem...
Grandes mágoas de todas as coisas serem bocados...
Caminho sem fim...

30/4/1926

Nas praças vindouras – talvez as mesmas que as nossas –
Que elixires serão apregoados?
Com rótulos diferentes, os mesmos do Egipto dos Faraós;
Com outros processos de os fazer comprar, os que já

[são nossos.

E as metafísicas perdidas nos cantos dos cafés de toda a

[parte,

As filosofias solitárias de tanta trapeira de falhado,
As ideias casuais de tanto casual, as intuições de tanto

[ninguém –

Um dia talvez, em fluido abstracto, e substância

[implausível,

Formem um Deus, e ocupem o mundo.

Mas a mim, hoje, a mim

Não há sossego de pensar nas propriedades das coisas,

Nos destinos que não desvendo,

Na minha própria metafísica, que tenho porque penso

[e sinto.

Não há sossego,

E os grandes montes ao sol têm-no tão nitidamente!

Têm-no? Os montes ao sol não têm coisa nenhuma do

[espírito.

Não seriam montes, não estariam ao sol, se o tivessem.

O cansaço de pensar, indo até ao fundo de existir,

Faz-me velho desde antes de ontem com um frio até

[no corpo.

O que é feito dos propósitos perdidos, e dos sonhos

[impossíveis?

E porque é que há propósitos mortos e sonhos sem

[razão?

Nos dias de chuva lenta, contínua, monótona, uma,

Custa-me levantar-me da cadeira onde não dei por me

[ter sentado,

E o universo é absolutamente oco em torno de mim.

O tédio que chega a constituir nossos ossos encharcou-me

[o ser,

E a memória de qualquer coisa de que me não lembro
[esfria-me a alma.
Sem dúvida que as ilhas dos mares do sul têm
[possibilidades para o sonho,
E que os areais dos desertos todos compensam um pouco
[a imaginação;
Mas no meu coração sem mares nem desertos nem ilhas
[sinto eu,
Na minha alma vazia estou,
E narro-me prolixamente sem sentido, como se um
[parvo estivesse com febre.
Fúria fria do destino,
Intersecção de tudo,
Confusão das coisas com as suas causas e os seus efeitos,
Consequência de ter corpo e alma,
E o som da chuva chega até eu ser, e é escuro.

3/2/1927

Perdi a esperança como uma carteira vazia...

Troçou de mim o Destino; fiz figas para o outro lado,

E o ressaltado bem podia ser bordado a missanga por

[minha avó

E ser relíquia da sala da casa velha que não tenho.

(Jantávamos cedo, num outrora que já me parece de

[outra encarnação,

E depois tomava-se chá nas noites sossegadas que não

[voltam.

Minha infância, mesmo quando eu adolescência, passou,

Fiquei triste, como se a verdade me tivesse sido dita,

Mas nunca me foi dita verdade nenhuma enquanto

[sentia o passado).

[43]. Publicado na revista Contemporânea, 3ª Série, nº 2, junho de 1926. **VOLTAR**

Variantes: 10º verso – Não há na travessa buscada o número de porta que me deram, 19º verso (1ª variante) – Não sei que ilhas do Sul impossível aguardam o naufrago, 19º verso (2ª variante) – Não sei que ilhas do Sul impossível aguardam que naufrago, 32º verso – Cidade da minha infância pavorosamente passada...

[44]. Personagem de William Shakespeare, gordo e beerrão. **VOLTAR**

[45]. Este poema foi escrito no dia em que completavam dez anos do suicídio, em Paris, depois de escrever cartas angustiadas a Pessoa, do grande parceiro de aventura literária e amigo: o poeta Mário de Sá-Carneiro. Variantes: 55º verso – Que escrúpulos ou receios tem a química da vida? 56º verso – Deixadas aos molhos em alinhamentos destruídos pelo vento. **VOLTAR**

TABACARIA

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,

Do meu quarto de um dos milhões do mundo que

[ninguém sabe quem é

(E se soubessem quem é, o que saberiam?),

Dais para o mistério de uma rua cruzada

[constantemente por gente.

Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,

Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente

[certa,

Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos

[seres,

Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos

[brancos nos homens,

Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela

[estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.

Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,

E não tivesse mais irmandade com as coisas

Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado

[da rua

A fileira de carruagens de um comboio e uma partida

[apitada

De dentro da minha cabeça,

E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de

[ossos na ida.

Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e

[esqueceu.

Estou hoje dividido entre a lealdade que devo

À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por

[fora,

E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por

[dentro.

Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse

[nada.

A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa.
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de

[pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode

[haver tantos!

Génio? Neste momento
Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,
E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.
Não, não creio em mim.
Em todos os manicómios há doidos malucos com

[tantas certezas!

Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou

[menos certo?

Não, nem em mim...
Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo
Não estão nesta hora génios-para-si-mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas –
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas –,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de

[gente?

O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda

[que tenha razão.

Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades

[do que Cristo,

Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant

[escreveu.

Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,

Ainda que não more nela;

Serei sempre o que não nasceu para isso;

Serei sempre só o que tinha qualidades;

Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta

[ao pé de uma parede sem porta,

E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,

E ouviu a voz de Deus num poço tapado.

Crer em mim? Não, nem em nada.

Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente

O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,

E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.

Escravos cardíacos das estrelas,

Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da

[cama;

Mas acordamos e ele é opaco,

Levantámo-nos e ele é alheio,

Sáímos de casa e ele é a terra inteira,

Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;

Come chocolates!

Olha que não há mais metafísica no mundo senão

[chocolates.

Olha que as religiões todas não ensinam mais que a

[confeitaria.

Come, pequena suja, come!

Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade

[com que comes!

Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas

[de estanho,

Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei

A caligrafia rápida destes versos,

Pórtico partido para o Impossível.

Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo

[sem lágrimas,

Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.
(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno – não concebo bem o quê –,
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que

[inspire!

Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos

[invoco

A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)
Vivi, estudei, amei, e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não

[ser eu.

Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem

[amasses nem cresses

(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem

[fazer nada disso);

Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem

[cortam o rabo

E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente.
Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.

Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti,
[e perdi-me.

Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.

Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.

Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não
[tinha tirado.

Deitei fora a máscara e dormi no vestiário

Como um cão tolerado pela gerência

Por ser inofensivo

E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,

Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,

E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,

Calcando aos pés a consciência de estar existindo,

Como um tapete em que um bêbado tropeça

Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia

[nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.

Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada

E com o desconforto da alma mal-entendendo.

Ele morrerá e eu morrerei.

Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.

A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos

[também.

Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a

[tabuleta,

E a língua em que foram escritos os versos.

Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.

Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa

[como gente

Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por

[baixo de coisas como tabuletas,

Sempre uma coisa defronte da outra,

Sempre uma coisa tão inútil como a outra,

Sempre o impossível tão estúpido como o real,

Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de
[mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa
[nem outra.
Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar
[tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o
[contrário.
Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os
[pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência
[de estar mal disposto.
Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.
(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira
[das calças?).
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e
[viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o
[universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono
[da Tabacaria sorriu. [\[46\]](#)

15/1/1928

[46]. Publicado na revista Presença, nº 39, julho, 1933. O poema chegou a ser intitulado “Marcha da derrota”. É o poema que melhor mostra a última fase de Campos, a da melancolia, da amargura, da desilusão e do pessimismo. Observa-se a atuação das duas realidades: a externa (real), quando ele olha pela janela, e a interna (própria da interioridade do poeta). **VOLTAR**.

ESCRITO NUM LIVRO ABANDONADO EM VIAGEM

Venho dos lados de Beja.

Vou para o meio de Lisboa.

Não trago nada e não acharei nada.

Tenho o cansaço antecipado do que não acharei,

E a saudade que sinto não é nem no passado nem do

[futuro.

Deixo escrita neste livro a imagem do meu desígnio

[morto:

Fui, como ervas, e não me arrancaram. [\[47\]](#)

25/1/1928

[47]. Publicado na revista Presença, nº 10, março, 1928. Variantes: 5º verso – E a saudade que sinto não é nem do passado nem do futuro. **VOLTAR**.

APOSTILA

Aproveitar o tempo!

Mas o que é o tempo, que eu o aproveite?

Aproveitar o tempo!

Nenhum dia sem linha...

O trabalho honesto e superior...

O trabalho à Virgílio, à Milton...

Mas é tão difícil ser honesto ou superior!

É tão pouco provável ser Milton ou ser Virgílio!

Aproveitar o tempo!

Tirar da alma os bocados precisos – nem mais nem

[menos –

Para com eles juntar os cubos ajustados

Que fazem gravuras certas na história

(E estão certas também do lado de baixo que se não vê)...

Pôr as sensações em castelo de cartas, pobre China dos

[serões,

E os pensamentos em dominó, igual contra igual,

E a vontade em carambola difícil...

Imagens de jogos ou de paciências ou de passatempos –

Imagens da vida, imagens das vidas, Imagens da Vida...

Verbalismo...

Sim, verbalismo...

Aproveitar o tempo!

Não ter um minuto que o exame de consciência

[desconheça...

Não ter um acto indefinido nem fictício...

Não ter um movimento desconforme com propósitos...

Boas maneiras da alma...

Elegância de persistir...

Aproveitar o tempo!

Meu coração está cansado como mendigo verdadeiro.

Meu cérebro está pronto como um fardo posto ao canto.

Meu canto (verbalismo!) está tal como está e é triste.

Aproveitar o tempo!

Desde que comecei a escrever passaram cinco minutos.

Aproveitei-os ou não?

Se não sei se os aproveitei, que saberei de outros minutos?!
(Passageira que viajavas tantas vezes no mesmo

[compartimento comigo

No comboio suburbano,
Chegaste a interessar-te por mim?
Aproveitei o tempo olhando para ti?
Qual foi o ritmo do nosso sossego no comboio andante?
Qual foi o entendimento que não chegamos a ter?
Qual foi a vida que houve nisto? Que foi isto a vida?)
Aproveitar o tempo!
Ah, deixem-me não aproveitar nada!
Nem tempo, nem ser, nem memórias de tempo ou de

[ser!...

Deixem-me ser uma folha de árvore, titilada por brisa,
A poeira de uma estrada involuntária e sòzinha,
O vinco deixado na estrada pelas rodas enquanto não

[vêm outras,

O pião do garoto, que vai a parar,
E oscila, no mesmo movimento que o da alma,
E cai, como caem os deuses, no chão do Destino. **[48]**

11/4/1928

[48]. Publicado na revista Presença, nº 1, 2ª Série, novembro de 1939. [VOLTAR](#).

DEMOGORGON

Na rua cheia de sol vago há casas paradas e gente que anda.

Uma tristeza cheia de pavor esfria-me.

Pressinto um acontecimento do lado de lá das fronteiras

[e dos movimentos.

Não, não, isso não!

Tudo menos saber o que é o Mistério!

Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas,

Não vos ergais nunca!

O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se!

Deixai-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber

[nada!

A razão de haver ser, a razão de haver seres, de haver

[tudo,

Deve trazer uma loucura maior que os espaços

Entre as almas e entre as estrelas.

Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta

[gente;

Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente...

Que abafó horrível e frio me toca em olhos fechados?

Não os quero abrir de viver! Ó Verdade, esquece-te de

[mim!

12/4/1928

ADIAMENTO

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,
E assim será possível; mas hoje não...
Não, hoje nada; hoje não posso.
A persistência confusa da minha subjectividade

[objectiva,

O sono da minha vida real, intercalado,
O cansaço antecipado e infinito,
Um cansaço de mundos para apanhar um eléctrico...
Esta espécie de alma...
Só depois de amanhã...
Hoje quero preparar-me,
Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...
Ele é que é decisivo.
Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...
Amanhã é o dia dos planos.
Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o

[mundo;

Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...
Tenho vontade de chorar,
Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...
Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.
Só depois de amanhã...
Quando era criança o circo de domingo divertia-me

[toda a semana.

Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana

[da minha infância...

Depois de amanhã serei outro,
A minha vida triunfar-se-á,
Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido e

[prático

Serão convocadas por um edital...
Mas por um edital de amanhã...
Hoje quero dormir, redigirei amanhã...
Por hoje qual é o espectáculo que me repetiria a infância?
Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,

Que depois de amanhã é que está bem o espetáculo...

Antes, não...

Depois de amanhã terei a pose pública que amanhã

[estudarei.

Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não

[posso nunca ser.

Só depois de amanhã...

Tenho sono como o frio de um cão vadio.

Tenho muito sono.

Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...

Sim, talvez só depois de amanhã...

O porvir...

Sim, o porvir... [49]

14/4/1928

Mestre, meu mestre querido!
Coração do meu corpo intelectual e inteiro!
Vida da origem da minha inspiração!
Mestre, que é feito de ti nesta forma de vida?
Não cuidaste se morrerias, se viverias, nem de ti nem

[de nada,

Alma abstracta e visual até aos ossos,
Atenção maravilhosa ao mundo exterior sempre

[múltiplo,

Refúgio das saudades de todos os deuses antigos,
Espírito humano da terra materna,
Flor acima do dilúvio da inteligência subjectiva...

Mestre, meu mestre!

Na angústia sensacionista de todos os dias sentidos,
Na mágoa quotidiana das matemáticas de ser,
Eu, escravo de tudo como um pó de todos os ventos,
Ergo as mãos para ti, que estás longe, tão longe de mim!
Meu mestre e meu guia!

A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
Seguro como um sol fazendo o seu dia

[involuntariamente,

Natural como um dia mostrando tudo,
Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua

[serenidade.

Meu coração não aprendeu nada.

Meu coração não é nada,

Meu coração está perdido.

Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu.

Que triste a grande hora alegre em que primeiro te ouvi!

Depois tudo é cansaço neste mundo subjectivado,

Tudo é esforço neste mundo onde se querem coisas,

Tudo é mentira neste mundo onde se pensam coisas,

Tudo é outra coisa neste mundo onde tudo se sente.

Depois, tenho sido como um mendigo deixado ao

[relento

Pela indiferença de toda a vila.

Depois, tenho sido como as ervas arrancadas,
Deixadas aos molhos em alinhamentos sem sentido.
Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,
E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro nem

[ninguém

Depois, mas porque é que ensinaste a clareza da vista,
Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver

[clara?

Porque é que me chamaste para o alto dos montes
Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?
Porque é que me deste a tua alma se eu não sabia que

[fazer dela

Como quem está carregado de ouro num deserto,
Ou canta com voz divina entre ruínas?
Porque é que me acordaste para a sensação e a nova

[alma,

Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de sempre a

[minha?

Prouvera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre aquele
Poeta decadente, estupidamente pretensioso,
Que poderia ao menos vir a agradar,
E não surgisse em mim a pavorosa ciência de ver.
Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!
Feliz o homem marçano,
Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda

[que pesada,

Que tem a sua vida usual,
Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio,
Que dorme sono,
Que come comida,
Que bebe bebida, e por isso tem alegria.
A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquietação.
Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.
Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir. [50]

15/4/1928

Na última página de uma antologia nova
Tantos bons poetas!
Tantos bons poemas!
São realmente bons e tais,
Com tanta concorrência não fica ninguém,
Ou ficam ao acaso, numa lotaria da posteridade,
Obtendo lugares por capricho do Empresário...
Tantos bons poetas!
Para que escrevo eu versos?
Quando os escrevo parecem-me
O que a minha emoção, com que os escrevi, me parece –
A única coisa grande no mundo –
Enche o universo de frio o pavor de mim.
Depois, escritos, visíveis, legíveis...
Ora...E nesta antologia de poetas menores?
Tantos bons poetas!
O que é génio, afinal, ou como é que se distingue
O génio da habilidade, e os bons poemas dos bons poetas?
Sei lá se realmente se distingue...
O melhor é dormir...
Fecho a antologia mais cansado do que do mundo
Sou vulgar?...
Há tantos bons poetas!
Santo Deus!.....

1/5/1928

Na noite terrível, substância natural de todas as noites,
Na noite de insónia, substância natural de todas as

[minhas noites,

Relembro, velando em modorra incómoda,
Relembro o que fiz e o que podia ter feito na vida.
Relembro, e uma angústia
Espalha-se por mim todo como um frio do corpo ou

[um medo.

O irreparável do meu passado – esse é que é o cadáver!
Todos os outros cadáveres pode ser que sejam ilusão.
Todos os mortos pode ser que sejam vivos noutra parte.
Todos os meus próprios momentos passados pode ser

[que existam algures,

Na ilusão do espaço e do tempo,
Na falsidade do decorrer.

Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem

[sequer sonhei;

O que só agora vejo que deveria ter feito,
O que só agora claramente vejo que deveria ter sido –
Isso é que é morto para além de todos os Deuses,
Isso – e foi afinal o melhor de mim – é que nem os

[Deuses fazem viver...

Se em certa altura

Tivesse voltado para a esquerda em vez de para a direita;

Se em certo momento

Tivesse dito sim em vez de não, ou não em vez de sim;

Se em certa conversa

Tivesse tido as frases que só agora, no meio-sono,

[elaboro –

Se tudo isso tivesse sido assim,

Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro

Seria insensivelmente levado a ser outro também.

Mas não virei para o lado irreparavelmente perdido,

Não virei nem pensei em virar, e só agora o percebo;

Mas não disse não ou não disse sim, e só agora vejo o

[que não disse;

Mas as frases que faltou dizer nesse momento surgem-me

[todas,

Claras, inevitáveis, naturais,

A conversa fechada concludentemente,

A matéria toda resolvida...

Mas só agora o que nunca foi, nem será para trás, me

[dói.

O que falhei deveras não tem esperança nenhuma

Em sistema metafísico nenhum.

Pode ser que para outro mundo eu possa levar o que

[sonhei,

Mas poderei eu levar para outro mundo o que me

[esqueci de sonhar?

Esses sim, os sonhos por haver, é que são o cadáver.

Enterro-o no meu coração para sempre, para todo o

[tempo, para todos os universos,

Nesta noite em que não durmo, e o sossego me cerca

Como uma verdade de que não partilho,

E lá fora o luar, como a esperança que não tenho, é

[invisível p'ra mim.

11/5/1928

Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,
Ao luar e ao sonho, na estrada deserta,
Sòzinho guio, guio quase devagar, e um pouco
Me parece, ou me forço um pouco para que me pareça,
Que sigo por outra estrada, por outro sonho, por
[outro mundo,
Que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter,
Que sigo, e que mais haverá em seguir senão não parar
[mas seguir?
Vou passar a noite a Sintra por não poder passá-la em
[Lisboa,
Mas, quando chegar a Sintra, terei pena de não ter ficado
[em Lisboa.
Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexo, sem
[consequência,
Sempre, sempre, sempre,
Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma,
Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na
[estrada da vida...
Maleável aos meus movimentos subconscientes do
[volante,
Galga sob mim comigo o automóvel que me
[emprestaram.
Sorrio do símbolo, ao pensar nele, e ao virar à direita.
Em quantas coisas que me emprestaram eu sigo no
[mundo!
Quantas coisas que me emprestaram guio como minhas!
Quanto me emprestaram, ai de mim!, eu próprio sou!
À esquerda o casebre – sim, o casebre – à beira da
[estrada.
À direita o campo aberto, com a lua ao longe.
O automóvel, que parecia há pouco dar-me liberdade,
É agora uma coisa onde estou fechado,
Que só posso conduzir se nele estiver fechado,
Que só domino se me incluir nele, se ele me incluir a
[mim.

À esquerda lá para trás o casebre modesto, mais que
[modesto.
A vida ali deve ser feliz, só porque não é a minha.
Se alguém me viu da janela do casebre, sonhará:
[Aquele é que é feliz.
Talvez à criança espreitando pelos vidros da janela do
[andar que está em cima
Fiquei (com o automóvel emprestado) como um
[sonho, uma fada real.
Talvez à rapariga que olhou, ouvindo o motor, pela
[janela da cozinha
No pavimento térreo,
Sou qualquer coisa do príncipe de todo o coração de
[rapariga,
E ela me olhará de esguelha, pelos vidros, até à curva
[em que me perdi.
Deixarei sonhos atrás de mim, ou é o automóvel que
[os deixa?
Eu, guiador do automóvel emprestado, ou o automóvel
[emprestado que eu guio?
Na estrada de Sintra ao luar, na tristeza, ante os campos
[e a noite,
Guiando o Chevrolet emprestado desconsoladamente,
Perco-me na estrada futura, sumo-me na distância que
[alcanço,
E, num desejo terrível, súbito, violento, inconcebível,
Acelero...
Mas o meu coração ficou no monte de pedras, de que
[me desviei ao vê-lo sem vê-lo,
À porta do casebre,
O meu coração vazio,
O meu coração insatisfeito,
O meu coração mais humano do que eu, mais exacto
[que a vida.
Na estrada de Sintra, perto da meia-noite, ao luar, ao
[volante,
Na estrada de Sintra, que cansaço da própria imaginação,

Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,
Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim...

[49]. Publicado na Solução Editora, nº 1, 1929. **VOLTAR**

[50]. Poema dedicado a Alberto Caeiro, um poema angustiado de um poeta que não consegue seguir os ensinamentos do mestre. “Há frases repentinas, profundas porque vêm do profundo, que definem um homem, ou, antes, com que um homem se define [...] O meu mestre Caeiro, como não dizia senão o que era, pode ser definido por qualquer frase sua, escrita ou falada, sobretudo depois do período que começa do meio em diante de “O guardador de rebanhos”. Mas entre tantas frases que escreveu e se imprimem, entre tantas que me disse e relato ou não relato, a que o contém com maior simplicidade é aquela que uma vez me disse em Lisboa. Falava-se de não sei quê que tinha que ver com as relações de cada qual consigo mesmo. E eu perguntei de repente ao meu mestre Caeiro: ‘Está contente consigo?’. E ele respondeu: ‘Não: estou contente’. Era como a voz da terra, que é tudo e ninguém.”

“Nunca vi triste o meu mestre Caeiro. Não sei se estava triste quando morreu, ou nos dias antes. Seria possível sabê-lo, mas a verdade é que nunca ousei perguntar aos que assistiram à morte qualquer coisa da morte ou de como ele a teve. Em todo o caso, foi uma das angústias da minha vida – das angústias reais em meio de tantas que têm sido fictícias – que Caeiro morresse sem eu estar ao pé dele. Isto é estúpido mas humano, e é assim. Eu estava em Inglaterra. O próprio Ricardo Reis não estava em Lisboa; estava de volta no Brasil. Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse. O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro. Nada me consola de não ter estado em Lisboa nesse dia, a não ser aquela consolação que pensar no meu mestre Caeiro espontaneamente me dá. Ninguém é inconsolável ao pé da memória de Caeiro, ou dos seus versos; e a própria ideia do nada – a mais pavorosa de todas se se pensa com a sensibilidade – tem, na obra e na recordação do meu mestre querido, qualquer coisa de luminoso e de alto, como o sol sobre as neves dos píncaros inatingíveis.” Escreve Campos em “Notas para a recordação do meu mestre” (extrato publicado na revista Presença, nº 30, janeiro-fevereiro de 1931). **VOLTAR**.

NUVENS

No dia triste o meu coração mais triste que o dia...
Obrigações morais e civis?
Complexidade de deveres, de consequências?
Não, nada...
O dia triste, a pouca vontade para tudo...
Nada...
Outros viajam (também viajei), outros estão ao sol
(Também estive ao sol, ou supus que estive),
Todos têm razão, ou vida, ou ignorância simétrica,
Vaidade, alegria e sociabilidade,
E emigram para voltar, ou para não voltar,
Em navios que os transportam simplesmente.
Não sentem o que há de morte em toda a partida,
De mistério em toda a chegada,
De horrível em todo o novo...
Não sentem: por isso são deputados e financeiros,
Dançam e são empregados no comércio,
Vão a todos os teatros e conhecem gente...
Não sentem: para que haveriam de sentir?
Gado vestido dos currais dos Deuses,
Deixá-lo passar engrinaldado para o sacrifício
Sob o sol, álaque, vivo, contente de sentir-se...
Deixai-o passar, mas ai, vou com ele sem grinalda
Para o mesmo destino!
Vou com ele sem o sol que sinto, sem a vida que tenho.
Vou com ele sem desconhecer...
No dia triste o meu coração mais triste que o dia...
No dia triste todos os dias...
No dia tão triste...

13/5/1928

NOCTURNO DE DIA

...Não: o que tenho é sono.

O quê? Tanto cansaço por causa das responsabilidades,
Tanta amargura por causa de talvez se não ser célebre,
Tanto desenvolvimento de opiniões sobre a

[imortalidade...

O que tenho é sono, meus velhos, sono...

Deixem-me ao menos ter sono; quem sabe que mais

[terei?

16/6/1928

“THE TIMES”

Sentou-se bêbado à mesa e escreveu um fundo
Do Times, claro, inclassificável, lido,
Supondo (coitado!) que ia ter influência no mundo...

.....
Santo Deus!... E talvez a tenha tido!

16/8/1928

CANÇÃO À INGLESA

Cortei relações com o sol e as estrelas, pus ponto no

[mundo.

Levei a mochila dos ardis que sei para o lado e pro fundo.

Fiz a viagem, comprei o inútil, achei o incerto,

E o meu coração é o mesmo que fui, um céu e um

[deserto.

Falhei no que fui, falhei no que quis, falhei no que soube.

Não tenho já alma que a luz me desperte ou a treva me

[roube,

Não sou senão náusea, não sou senão cisma, não sou

[senão ânsia,

Sinto em ânsia que fui a uma grande distância

E vou, só porque o meu ser é imundo e profundo,

Colado como um escarro a uma das rodas do mundo.

1/12/1928

GAZETILHA

Dos Lloyd Georges da Babilónia
Não reza a história nada.
Dos Briands da Assíria ou do Egipto,
Dos Trotskys de qualquer colónia
Grega ou romana já passada,
O nome é morto, inda que escrito.
Só o parvo dum poeta, ou um louco
Que fazia filosofia,
Ou um geómetra maduro,
Sobrevive a esse tanto pouco
Que está lá para trás no escuro
E nem a história já historia.
Ó grandes homens do Momento!
Ó grandes glórias a ferver
De quem a obscuridade foge!
Aproveitem sem pensamento!
Tratem da fama e do comer,
Que amanhã é dos loucos de hoje! [\[51\]](#)

O soslaio do operário estúpido ao engenheiro doido –

O engenheiro doido fora da engenharia...

O sorriso trocado que sinto nas costas quando passo

[entre os normais –

(Quando me olham cara a cara e não os sinto sorrir).

22/1/1929

Talvez não seja mais do que o meu sonho...
Esse sorriso será para outro, ou a propósito doutro,
Loura débil...
Esse olhar para mim casual como um calendário...
Esse agradecer-me quando a não deixei cair do eléctrico,
Um agradecimento... Perfeitamente...
Gosto de lhe ouvir em sonho o seguimento que não
[houve
De conversas que não chegou a haver.
Há gente que nunca é adulta mas prematura!
Creio mesmo que pouca gente chega a ser adulta –
[prematura –
E a que chega a ser adulta e prematura morre sem dar
[por isso
Loura débil, figura de inglesa absolutamente portuguesa,
Cada vez que te encontro lembro-me dos versos que
[esqueci...
É claro que não me importo nada contigo
Nem me lembro de te ter esquecido senão quando te
[vejo,
Mas o encontrar-te dá ser ao dia e ao destino
Uma poesia de superfície,
Uma coisa a mais no a menos da improficuidade da
[vida...
Loira débil, feliz porque não és inteiramente real,
Porque nada que vale a pena ser lembrado é
[inteiramente real,
E nada que vale a pena ser real vale a pena.

25/1/1929

[51]. Publicado na revista Presença, nº 18, janeiro, 1929. **VOLTAR.**

INSÓNIA

Não durmo, nem espero dormir.
Nem na morte espero dormir.
Espera-me uma insónia da largura dos astros,
E um bocejo inútil do comprimento do mundo.
Não durmo; não posso ler quando acordo de noite.
Não posso escrever quando acordo de noite,
Não posso pensar quando acordo de noite –
Meu Deus, nem posso sonhar quando acordo de noite!
Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer!
Não durmo, jazo, cadáver acordado, sentindo,
E o meu sentimento é um pensamento vazio.
Passam por mim, transtornadas, coisas que me

[sucederam –

Todas aquelas de que me arrependo e me culpo –;
Passam por mim, transtornadas, coisas que me não

[sucederam –

Todas aquelas de que me arrependo e me culpo –;
Passam por mim, transtornadas, coisas que não são

[nada,

E até dessas me arrependo, me culpo, e não durmo.
Não tenho força para ter energia para acender um

[cigarro.

Fito a parede fronteira do quarto como se fosse o

[universo.

Lá fora há o silêncio dessa coisa toda.
Um grande silêncio apavorante noutra ocasião qualquer,
Noutra ocasião qualquer em que eu pudesse sentir.
Estou escrevendo versos realmente simpáticos –
Versos a dizer que não tenho nada que dizer,
Versos a teimar em dizer isso,
Versos, versos, versos, versos, versos...
Tantos versos...
E a verdade toda, e a vida toda fora deles e de mim!
Tenho sono, não durmo, sinto e não sei em que sentir
Sou uma sensação sem pessoa correspondente,
Uma abstracção de autoconsciência sem de quê,

Salvo o necessário para sentir consciência,
Salvo – sei lá salvo o quê...
Não durmo. Não durmo. Não durmo.
Que grande sono em toda a cabeça e em cima dos olhos
[e na alma!]
Que grande sono em tudo excepto no poder dormir!
Ó madrugada, tardas tanto... Vem...
Vem, inútilmente,
Trazer-me outro dia igual a este, a ser seguido por
[outra noite igual a esta...]
Vem trazer-me a alegria dessa esperança triste,
Porque sempre és alegre, e sempre trazes esperanças,
Segundo a velha literatura das sensações.
Vem, traz a esperança, vem, traz a esperança.
O meu cansaço entra pelo colchão dentro.
Doem-me as costas de não estar deitado de lado.
Se estivesse deitado de lado doíam-me as costas de
[estar deitado de lado.
Vem, madrugada, chega!
Que horas são? Não sei.
Não tenho energia para estender uma mão para o relógio,
Não tenho energia para nada, para mais nada...
Só para estes versos, escritos no dia seguinte.
Sim, escritos no dia seguinte.
Todos os versos são sempre escritos no dia seguinte.
Noite absoluta, sossego absoluto, lá fora.
Paz em toda a Natureza.
A Humanidade repousa e esquece as suas amarguras.
Exactamente.
A Humanidade esquece as suas alegrias e amarguras.
Costuma dizer-se isto.
A Humanidade esquece, sim, a Humanidade esquece,
Mas mesmo acordada a Humanidade esquece.
Exactamente. Mas não durmo.

27/3/1929

ACASO

No acaso da rua o acaso da rapariga loira.

Mas não, não é aquela.

A outra era noutra rua, noutra cidade, e eu era outro.

Perco-me súbitamente da visão imediata,

Estou outra vez na outra cidade, na outra rua,

E a outra rapariga passa.

Que grande vantagem o recordar intransigentemente!

Agora tenho pena de nunca mais ter visto a outra

[rapariga,

E tenho pena de afinal nem sequer ter olhado para esta.

Que grande vantagem trazer a alma virada do avesso!

Ao menos escrevem-se versos.

Escrevem-se versos, passa-se por doido, e depois por

[génio, se calhar.

Se calhar, ou até sem calhar,

Maravilha das celebridades!

Ia eu dizendo que ao menos escrevem-se versos...

Mas isto era a respeito de uma rapariga,

De uma rapariga loira,

Mas qual delas?

Havia uma que vi há muito tempo numa outra cidade,

Numa outra espécie de rua;

E houve esta que vi há muito tempo numa outra cidade,

Numa outra espécie de rua;

Porque todas as recordações são a mesma recordação,

Tudo que foi é a mesma morte,

Ontem, hoje, quem sabe se até amanhã?

Um transeunte olha para mim com uma estranheza

[ocasional.

Estaria eu a fazer versos em gestos e caretas?

Pode ser... A rapariga loira?

É a mesma afinal...

Tudo é o mesmo afinal...

Só eu, de qualquer modo, não sou o mesmo, e isso é o

[mesmo também afinal.

27/3/1929

Ah, abram-me outra realidade!

Quero ter, como Blake^[52], a contiguidade dos anjos
E ter visões por almoço.

Quero encontrar as fadas na rua!

Quero desimaginar-me deste mundo feito com ganas,

Desta civilização feita com pregos,

Quero viver, como uma bandeira à brisa,

Símbolo de qualquer coisa no alto de uma coisa qualquer!

Depois enterrem-me onde queiram.

Meu coração verdadeiro continuará velando

Pano brasonado a esfinges,

No alto do mastro da visão

Aos quatro ventos do Mistério.

O Norte – o que todos querem

O Sul – o que todos desejam

O Este – de onde tudo vem

O Oeste – aonde tudo finda

– Os quatro ventos do místico ar da civilização

– Os quatro modos de não ter razão e de entender o

[mundo.

4/4/1929

[52]. William Blake (1757-1827), místico inglês, poeta e artista plástico, foi um grande inovador no seu tempo. [VOLTAR](#).

MARINETTI, ACADÉMICO

Lá chegam todos, lá chegam todos...
qualquer dia, salvo venda, chego eu também...
Se nascem, afinal, todos para isso...
Não tenho remédio senão morrer antes,
Não tenho remédio senão escalar o Grande Muro...
Se fico cá, prendem-me para ser social...
Lá chegam todos, porque nasceram para Isso,
E só se chega ao Isso para que se nasceu...
Lá chegam todos...
Marinetti, académico...
As Musas vingaram-se com focos eléctricos, meu velho,
Puseram-te por fim na ribalta da cave velha,
E a tua dinâmica, sempre um bocado italiana, f-f-f-f-f-

[f-f-f.....

7/4/1929

A luz cruel do estio prematuro
Sai como um grito do ar da primavera...
Meus olhos ardem-me como se viesse da Noite...
Meu cérebro está tonto, como se eu quisesse justiça...
Contra a luz crua todas as formas são silhuetas.

14/4/1929

RETICÊNCIAS

Arrumar a vida, pôr prateleiras na vontade e na acção.
Quero fazer isto agora, como sempre quis, com o [mesmo resultado;
Mas que bom ter o propósito claro, firme só na clareza,
[de fazer qualquer coisa!
Vou fazer as malas para o Definitivo,
Organizar Álvaro de Campos,
E amanhã ficar na mesma coisa que antes de ontem –
[um antes de ontem que é sempre...
Sorrio do conhecimento antecipado da coisa-nenhuma
[que serei.
Sorrio ao menos; sempre é alguma coisa o sorrir...
Produtos românticos, nós todos...
E se não fôssemos produtos românticos, se calhar não
[seríamos nada.
Assim se faz a literatura...
Santos Deuses, assim até se faz a vida!
Os outros também são românticos,
Os outros também não realizam nada, e são ricos e
[pobres,
Os outros também levam a vida a olhar para as malas a
[arrumar,
Os outros também dormem ao lado dos papéis meio
[compostos,
Os outros também são eu.
Vendedeira da rua cantando o teu pregão como um
[hino inconsciente,
Rodinha dentada na relojoaria da economia política,
Mãe, presente ou futura, de mortos no descascar dos
[Impérios,
A tua voz chega-me como uma chamada a parte
[nenhuma, como o silêncio da vida...
Olho dos papéis que estou pensando em arrumar para
[a janela por onde não vi a vendedeira que ouvi por ela,
E o meu sorriso, que ainda não acabara, inclui uma
[crítica metafísica.

Descri de todos os deuses diante de uma secretária por [arrumar,
Fitei de frente todos os destinos pela distração de ouvir [apregoando,
E o meu cansaço é um barco velho que apodrece na [praia deserta,
E com esta imagem de qualquer outro poeta fecho a [secretária e o poema...
Como um deus, não arrumei nem uma coisa nem [outra... [\[53\]](#)

[53]. Este poema tem, num dos originais, o título de “Quase”. 12^o verso – Coitadinhos Deuses, assim até se faz a vida! 23^o verso (1^a variante) – E o meu sorriso, que ainda não acabara inclui uma situação metafísica. (2^a variante) – E o meu sorriso, que ainda não acabara, inclui uma posição metafísica. (3^a variante) – E o meu sorriso, que ainda não acabara, acaba no meu cérebro em metafísica. 28^o verso – Como um deus, não arrumei nem a verdade nem a vida... **VOLTAR**

APONTAMENTO

A minha alma partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada.
Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.
Asneira? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por

[sacudir.

Fiz barulho na queda como um vaso que se partia.
Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada
E fitam os cacos que a criada deles fez de mim.
Não se zangam com ela.
São tolerantes com ela.
O que eu era um vaso vazio?
Olham os cacos absurdamente conscientes,
Mas conscientes de si-mesmos, não conscientes deles.
Olham e sorriem.
Sorriem tolerantes à criada involuntária.
Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.
Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os

[astros.

A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
Um caco.

E os deuses olham-no especialmente, pois não sabem porque ficou ali.

Ah a frescura na face de não cumprir um dever!
Faltar é positivamente estar no campo!
Que refúgio o não se poder ter confiança em nós!
Respiro melhor agora que passaram as horas dos

[encontros.

Faltei a todos, com uma deliberação do desleixo,
Fiquei esperando a vontade de ir para lá, que eu saberia

[que não vinha.

Sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.
Estou nu, e mergulho na água da minha imaginação.
É tarde para eu estar em qualquer dos dois pontos onde

[estaria à mesma hora,

Deliberadamente à mesma hora...

Está bem, ficarei aqui sonhando versos e sorrindo em

[itálico.

É tão engraçada esta parte assistente da vida!
Até não consigo acender o cigarro seguinte... Se é um

[gesto,

Fique com os outros, que me esperam, no desencontro

[que é a vida.

17/6/1929

[54]. Publicado na revista Presença, nº 20, abril-maio, 1929. [VOLTAR](#).

POEMA DE CANÇÃO SOBRE A ESPERANÇA

I

Dá-me lírios, lírios,
E rosas também.
Mas se não tens lírios
Nem rosas a dar-me,
Tem vontade ao menos
De me dar os lírios
E também as rosas.
Basta-me a vontade,
Que tens, se a tiveres,
De me dar os lírios
E as rosas também,
E terei os lírios –
Os melhores lírios –
E as melhores rosas
Sem receber nada,
A não ser a prenda
Da tua vontade
De me dares lírios
E rosas também.

II

Usas um vestido
Que é uma lembrança
Para o meu coração.
Usou-o outrora
Alguém que me ficou
Lembrada sem vista.
Tudo na vida
Se faz por recordações.
Ama-se por memória.
Certa mulher faz-nos ternura
Por um gesto que lembra a nossa mãe.
Certa rapariga faz-nos alegria
Por falar como a nossa irmã.
Certa criança arranca-nos da desatenção
Porque amámos uma mulher parecida com ela
Quando éramos jovens e não lhe falávamos.
Tudo é assim, mais ou menos,
O coração anda aos trambulhões.
Viver é desencontrar-se consigo mesmo.
No fim de tudo, se tiver sono, dormirei.
Mas gostava de te encontrar e que falássemos.
Estou certo que simpatizaríamos um com o outro.
Mas se não nos encontrarmos, guardarei o momento
Em que pensei que nos poderíamos encontrar.
Guardo tudo,
Guardo as cartas que me escrevem,
Guardo até as cartas que não me escrevem –
Santo Deus, a gente guarda tudo mesmo que não queira,
E o teu vestido azulinho, meu Deus, se eu te pudesse

[atrair

Através dele até mim!
Enfim, tudo pode ser...
És tão nova – tão jovem, como diria o Ricardo Reis –
E a minha visão de ti explode literariamente,
E deito-me para trás na praia e rio como um elemental

[inferior

Arre, sentir cansa, e a vida é quente quando o sol está

[alto.

Boa noite na Austrália!

17/6/1929

Não se preocupem comigo: também tenho a verdade.
Tenho-a a sair da algibeira
Como um prestidigitador.
Também pertenço...
Ninguém conclui sem mim, é claro,
E estar triste é ter ideias destas.
Ó meu capricho entre terraços aristocráticos,
Comes acorda [\[55\]](#) em mangas de camisa no meu coração.

18/6/1929

Ah, no terrível silêncio do quarto
O relógio com o seu som de silêncio!
Monotonia!
Quem me dará outra vez a minha infância perdida?
Quem me encontrará no meio da estrada de Deus –
Perdida definitivamente, como um lenço no comboio.

16/8/1929

A liberdade, sim, a liberdade!
A verdadeira liberdade!
Pensar sem desejos nem convicções.
Ser dono de si mesmo sem influência de romances!
Existir sem Freud nem aeroplanos,
Sem cabarets, nem na alma, sem velocidades, nem no

[cansaço

A liberdade do vagar, do pensamento são, do amor às

[coisas naturais

A liberdade de amar a moral que é preciso dar à vida!
Como o luar quando as nuvens abrem
A grande liberdade cristã da minha infância que rezava
Estende de repente sobre a terra inteira o seu manto de

[prata para mim...

A liberdade, a lucidez, o raciocínio coerente,
A noção jurídica da alma dos outros como humana,
A alegria de ter estas coisas, e poder outra vez
Gozar os campos sem referência a coisa nenhuma
E beber água como se fosse todos os vinhos do mundo!
Passos todos passinhos de criança...
Sorriso da velha bondosa...
Apertar da mão do amigo sério...
Que vida que tem sido a minha!
Quanto tempo de espera no apeadeiro!
Quanto viver pintado em impresso da vida!
Ah, tenho uma sede sã. Dêem-me a liberdade,
Dêem-ma no púcaro velho de ao pé do pote
Da casa do campo da minha velha infância...
Eu bebia e ele chiava,
Eu era fresco e ele era fresco,
E como eu não tinha nada que me ralasse, era livre.
E salvo este desejo de liberdade e de bem e de ar, que é

[de mim?

Que é do púcaro e da inocência?
Que é de quem eu deveria ter sido?

17/8/1930

[55]. Migalhas de pão ensopadas em água fervente, com azeite e alho. [VOLTAR](#).

DILUENTE

A vizinha do número catorze ria hoje da porta
De onde há um mês saiu o enterro do filho pequeno.
Ria naturalmente com a alma na cara.

Está certa: é a vida.

A dor não dura porque a dor não dura.

Está certa.

Repito: está certa.

Mas o meu coração não está certo.

O meu coração romântico faz enigmas do egoísmo da

[vida.

Cá está a lição, ó alma de gente!

Se a mãe esquece o filho que saiu dela e morreu,

Quem se vai dar ao trabalho de se lembrar de mim?

Estou só no mundo, como um tijolo partido...

Posso morrer como o orvalho seca,

Por uma arte natural da natureza solar.

Posso morrer à vontade da deslembração,

Posso morrer como ninguém...

Mas isto dói,

Isto é indecente para quem tem coração...

Isto...

Sim, isto fica-me nas goelas como uma sandwich com

[lágrimas...

Glória? Amor? O anseio de uma alma humana?

Apoteose às avessas...

Dêem-me Água de Vidago^[56], que eu quero esquecer a

[Vida!...

29/8/1929

[56]. Água medicinal da aldeia de mesmo nome, em Portugal. [VOLTAR](#)

DE LA MUSIQUE

Ah, pouco a pouco, entre as árvores antigas,
A figura dela emerge e eu deixo de pensar..
Pouco a pouco, da angústia de mim vou eu mesmo

[emergindo...

As duas figuras encontram-se na clareira ao pé do lago...
...As duas figuras sonhadas,
Porque isto foi só um raio de luar e uma tristeza minha,
E uma suposição de outra coisa,
E o resultado de existir..
Verdadeiramente, ter-se-iam encontrado as duas figuras
Na clareira ao pé do lago?
(...Mas se não existem?...)
...Na clareira ao pé do lago?...

17/9/1929

ANIVERSÁRIO

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de

[há séculos,

E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma

[religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da

[vida.

Sim, o que fui de suposto a mim mesmo,
O que fui de coração e parentesco,
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino.
O que fui, ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!
O que eu sou hoje é como a humidade no corredor do

[fim da casa,

Pondo gelado nas paredes...

O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme

[através das minhas lágrimas),

O que eu sou hoje é terem vendido a casa,

É terem morrido todos,

É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um

[fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!

Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,

Por uma viagem metafísica e carnal,

Com uma dualidade de eu para mim...

Comer o passado como pão de fome, sem tempo de

[manteiga nos dentes!
Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para
[o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores
[desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto
[na sombra debaixo do alçado –,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por
[minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

[57]. Publicado na revista *Presença*, nº 27, junho-julho, 1930. Segundo Cleonice Berardinelli (o. cit.), Pessoa teria escrito a João Gaspar Simões: “A data está fictícia; escrevi esses versos no dia dos meus anos (de mim), quer dizer, a 13 de junho, mas o Álvaro nasceu a 15 de outubro, e assim se erra a data certa”. Poesia de caráter confessional, coloca na criança, portanto no passado, a possibilidade de felicidade pelo “não perceber coisa alguma” e pela sua posição de “centro” do universo familiar. O adulto (presente) é o esvaziamento dessa possibilidade. É terem vendido a sua casa. É a perda da sensação de totalidade, de família, de alegria. **VOLTAR.**

P-HÁ

Hoje, que sinto nada a vontade, e não sei que dizer,
Hoje, que tenho a inteligência sem saber o que qu'rer,
Quero escrever o meu epitáfio: Álvaro de Campos jaz
Aqui, o resto a Antologia Grega traz...

E a que propósito vem este bocado de rimas?
Nada... Um amigo meu, chamado (suponho) Simas,
Perguntou-me na rua o que é que estava a fazer,
E escrevo estes versos assim em vez de lho não saber

[dizer.

É raro eu rimar, e é raro alguém rimar com juízo.
Mas às vezes rimar é preciso.
Meu coração faz pá como um saco de papel socado
Com força, cheio de sopro, contra a parede do lado.
E o transeunte, num sobressalto, volta-se de repente
E eu acabo este poema indeterminadamente.

2/12/1929

Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça
O sair de um lugar, o chegar a um lugar, conhecido ou

[desconhecido,

Perco, ao partir, ao chegar, e na linha móbil que os une,
A sensação de arrepio, o medo do novo, a náusea –
Aquela náusea que é o sentimento que sabe que o corpo

[tem a alma.

Trinta dias de viagem, três dias de viagem, três horas

[de viagem –

Sempre a opressão se infiltra no fundo do meu coração.

31/12/1929

Ah, o som do jantar nas casas felizes!
Passo, e os meus ouvidos vêm para dentro das casas.
Passo, na noite da rua suburbana,
Regresso da conferência com peritos como eu.
Regresso só, e poeta agora, sem perícia nem engenharia,
Humano até ao som dos meus sapatos solitários no

[princípio da noite

Onde ao longe a porta da tenda tardia se encobre com

[o último taipal.

O meu exílio natural entenece-se no escuro
Da rua meu lar, da rua meu ser, da rua meu sangue.
Ser a criança economicamente garantida,
Com a cama fofa e o sono da infância e a criada!
Ó meu coração sem privilégio!
Minha sensibilidade da exclusão!
Minha mágoa externa de ser eu!
Quem fez lenha de todo o berço da minha infância?
Quem fez trapos de limpar o chão dos meus lençóis de

[menino?

Quem expôs por cima das cascas e do algodão das casas
Nos caixotes do lixo do mundo
As rendas daquela camisa que fizeram para me

[baptizarem?

Quem me vendeu ao Destino?
Quem me trocou por mim?
Venho de falar precisamente em circunstâncias positivas.
Pus pontos concretos, como um numerador automático.
Tive razão como uma balança.
Disse como sabia.

Agora, a caminho do carro eléctrico do terminus de

[onde se volta à cidade,

Passo, bandido, metafísico, sob a luz dos candeeiros

[afastados,

E na sombra entre os dois candeeiros afastados tenho

[vontade de não seguir...

Mas apanharei o eléctrico.

Soará duas vezes a campainha lá do fim invisível da
[correia derreada
Pelas mãos de dedos grossos do condutor por barbear.
Apanharei o eléctrico.
Ai de mim, apesar de tudo, sempre apanhei o eléctrico –
Sempre, sempre, sempre...
Voltei sempre à cidade,
Voltei sempre à cidade, depois de especulações e desvios,
Voltei sempre com vontade de jantar,
Mas nunca jantei o jantar que soa atrás de persianas
Das casas felizes dos arredores por onde se volta ao
[eléctrico,
Das casas conjugais da normalidade da vida!
Pago o bilhete através de interstícios,
E o condutor passa por mim como se eu fosse a Crítica
[da Razão Pura...
– Paguei o bilhete. Cumpri o dever. Sou vulgar.
E tudo isto são coisas que nem o suicídio cura...
M d'A Estás a ler isso? Para que é que estás a ler isso?
Percebes alguma coisa? Não, é para ver se percebo.

6/1/1930

Hoje que tudo me falta, como se fosse o chão,
Que me conheço atrozmente, que toda a literatura
Que uso de mim para mim, para ter consciência de

[mim,

Caiu, como o papel que embrulhou um rebuçado mau –
Hoje tenho uma alma parecida com a morte dos nervos –
Necrose da alma,
Apodrecimento dos sentidos.

Tudo quanto tenho feito, conheço-o claramente: é nada.
Tudo quanto sonhei, podia tê-lo sonhado o moço de

[fretes.

Tudo quanto amei, se hoje me lembro que o amei,

[morreu há muito

Ó Paraíso Perdido da minha infância burguesa,
Meu Éden agasalhando o chá nocturno,
Minha colcha de crochet de menino!
O Destino acabou-me como a um manuscrito in-

[terrompido

Nem altos nem baixos – consciência de nem sequer a ter..
Papelotes da velha solteira – toda a minha vida.
Tenho uma náusea do estômago nos pulmões.
Custa-me a respirar para sustentar a alma.
Tenho uma quantidade de doenças tristes nas juntas

[da vontade.

Minha grinalda de poeta – eras de flores de papel,
A tua imortalidade presumida era o não teres vida.
Minha coroa de louros de poeta – sonhada

[petrarquicamente

Sem capotinho mas com fama,
Sem dados mas com Deus –
Tabuleta de vinho falsificado na última taberna da

[esquina!

9/3/1930

Há tantos deuses!

São como os livros – não se pode ler tudo, nunca se

[sabe nada.

Feliz quem conhece só um deus, e o guarda em segredo.

Tenho todos os dias crenças diferentes –

Às vezes no mesmo dia tenho crenças diferentes –

E gostava de ser a criança que me atravessa agora

A visão da janela abaixo –

Comendo um bolo barato (ela é pobre) sem causa

[eficiente nem final,

Animal inutilmente erguido acima dos outros

[vertebrados

E cantando, entre as dentadas, uma cantiga obscena de

[revista...

Sim, há muitos deuses...

Mas dava eu tudo ao deus que me matasse aquela criança.

9/3/1930

Cesário, que conseguiu
Ver claro, ver simples, ver puro,
Ver o mundo nas suas cousas,
Ser um olhar com uma alma por trás, e que vida tão

[breve!

Criança alfacinha do Universo,
Bendito sejas com tudo quanto está à vista!
Enfeito, no meu coração, a praça da Figueira para ti
E não há recanto que não veja por ti, nos recantos de seus recantos.

6/4/1930

PARAGEM ZONA

Tragam-me esquecimento em travessas!

Quero comer o abandono da vida!

Quero perder o hábito de gritar para dentro.

Arre, já basta! Não sei o quê, mas já basta...

Então viver amanhã, hein?... E o que se faz hoje?

Viver amanhã por ter adiado hoje?

Comprei por acaso um bilhete para esse espectáculo?

Que gargalhadas daria quem pudesse rir!

E agora aparece o eléctrico – o de que eu estou à espera –

Antes fosse outro...Ter de subir já!

Ninguém me obriga, mas deixá-lo passar, porquê?

Só deixando passar todos, e a mim mesmo, e à vida...

Que náusea no estômago real que é a alma consciente!

Que sono bom o ser outra pessoa qualquer...

Já compreendo porque é que as crianças querem ser

[guarda-freios...

Não, não compreendo nada....

Tarde de azul e ouro, alegria das gentes, olhos claros da

[vida...

28/5/1930

DIAGNÓSTICO

Pouca verdade! Pouca verdade!

Tenho razão enquanto não penso.

Pouca verdade...

Devagar...

Pode alguém chegar à vidraça...

Nada de emoções!...

Cautela!

Sim, se mo dessem aceitaria... Não precisas insistir,

[aceitaria...

Para quê?

Que pergunta! Aceitaria...

18/6/1930

BICARBONATO DE SODA

Súbita, uma angústia...

Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!

Que amigos que tenho tido!

Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!

Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,

Uma desconsolação da epiderme da alma,

Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...

Renego.

Renego tudo.

Renego mais do que tudo.

Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.

Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no

[estômago e na circulação do sangue?

Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?

Não: vou existir. Arre! Vou existir.

E-xis-tir...

E – xis – tir ...

Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!

Renunciar de portas todas abertas,

Perante a paisagem todas as paisagens,

Sem esperança, em liberdade,

Sem nexo,

Acidente da inconsequência da superfície das coisas,

Monótono mas dorminhoco,

E que brisas quando as portas e as janelas estão todas

[abertas!

Que verão agradável dos outros!

Dêem-me de beber, que não tenho sede!

26/6/1930

A rapariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa
Que queria casar comigo...
Que pena eu não ter casado com ela...
Teria sido feliz
Mas como é que eu sei se teria sido feliz?
Como é que eu sei qualquer coisa a respeito do que

[teria sido,

Do que teria sido, que é o que nunca foi?
Hoje arrependo-me de não ter casado com ela,
Mas antes por até a hipótese de me poder arrepender

[de ter casado com ela

E assim é tudo arrependimento,
E o arrependimento é pura abstracção.
Dá um certo desconforto
Mas também dá um certo sonho...
Sim, aquela rapariga foi uma oportunidade da minha

[alma.

Hoje o arrependimento é que é afastado da minha alma.
Santo Deus! que complicação por não ter casado com

[uma inglesa que já me deve ter esquecido!...

Mas se não me esqueceu?
Se (porque há disso) me lembra ainda e é constante
(Escuso de me achar feio, porque os feios também são

[amados

E às vezes podem melhorar!)
Se não me esqueceu, ainda me lembra.
Isto, realmente, é já outra espécie de arrependimento.
E fazer sofrer alguém não tem esquecimento.
Mas, afinal, isto são conjecturas da vaidade.
Bem se há-de ela lembrar de mim, com o quarto filho

[nos braços,

Debruçada sobre o Daily Mirror a ver a Pussy Maria.
Pelo menos é melhor pensar que é assim.
É um quadro de casa suburbana inglesa,
É uma boa paisagem interior de cabelos louros,
E os remorsos são sombras...

Em todo o caso, se assim é, fica um bocado de ciúme.
O quarto filho do outro, o Daily Mirror na casa deles.
O que podia ter sido...

Sim, sempre o abstracto, o impossível, o irreal mas

[perverso –

O que podia ter sido.

Comem marmelade ao pequeno almoço em Inglaterra...

Vingo-me em toda a linguagem inglesa de ser um

[parvo português.

Ah, mas ainda vejo

O teu olhar realmente tão sincero como azul

A olhar como uma outra criança para mim...

E não é com piadas de sal do verso que te apago da

[imagem

Que tens no meu coração,

Não te disfarço, meu único amor, e não quero nada da

[vida.

29/6/1930

CUL DE LAMPE[58]

Pouco a pouco,
Sem que qualquer coisa me falte,
Sem que qualquer coisa me sobre,
Sem que qualquer coisa esteja exactamente em
[qualquer posição,
Vou andando parado,
Vou vivendo morrendo,
Vou sendo eu através de uma quantidade de gente sem
[ser.
Vou sendo tudo menos eu.
Acabei.
Pouco a pouco,
Sem que ninguém me falasse
(Que importa tudo quanto me tem sido dito na vida?),
Sem que ninguém me escutasse
(Que importa quanto disse e me ouviram dizer?)
Sem que ninguém me quisesse
(Que importa o que disse quem me disse que queria?),
Muito bem...
Pouco a pouco,
Sem nada disso,
Sem nada que não seja isso,
Vou parando.
Vou parar,
Acabei.
Qual acabei!
Estou farto de sentir e de fingir em pensar,
E não acabei ainda.
Ainda estou a escrever versos.
Ainda estou a escrever.
Ainda estou.
(Não, não vou acabar... ainda...
Não vou acabar.
Acabei.)

Subitamente, na rua transversal, uma janela no alto e

[que vulto nela?
E o horror de ter perdido a infância em que ali não estive
E o caminho vagabundo da minha consciência

[inexequível.

Que mais querem? Acabei.

Nem falta o canário da vizinha, ó manhã de outro tempo,

Nem o som (cheio de cesto) do padeiro na escada

Nem os pregões que não sei já onde estão –

Nem o enterro (ouço vejo) na rua,

Nem o trovão súbito da madeira das taboinhas de

[defronte no ar de verão,

Nem... quanta coisa, quanta alma, quanto irreparável!

Afinal, agora, tudo cocaína...

Meu amor infância!

Meu passado bibe!

Meu repouso pão com manteiga boa à janela!

Basta, que já estou cego para o que vejo!

Arre, acabei!

Basta!

2/7/1930

Sim, é claro,
O universo é negro, sobretudo de noite.
Mas eu sou como toda a gente,
Não tenha eu dores de dentes nem calos, e as outras

[dores passam.

Com as outras dores fazem-se versos.
Com as que doem, irrita-se.
A constituição íntima da poesia
Ajuda muito...
(Como analgésico serve para as dores da alma, que são

[fracas...)

Deixem-me dormir.

3/7/1930

Não! Só quero a liberdade!
Amor, glória, dinheiro são prisões.
Bonitas salas? Bons estofos? Tapetes moles?
Ah, mas deixem-me sair para ir ter comigo.
Quero respirar o ar sozinho,
Não tenho pulsações em conjunto,
Não sinto em sociedade por quotas,
Não sou senão eu, não nasci senão quem sou, estou

[cheio de mim.

Onde quero dormir? No quintal...
Nada de paredes – só o grande entendimento –
Eu e o universo,
E que sossego, que paz não ver antes de dormir o

[espectro do guarda-fato

Mas o grande esplendor, negro e fresco de todos os

[astros juntos,

O grande abismo infinito para cima
A pôr brisas e bondades do alto na caveira tapada de

[carne que é a minha cara,

Onde só os olhos – outro céu – revelam o grande céu

[subjectivo.

Não quero! Dêem-me a liberdade!
Quero ser igual a mim mesmo.
Não me capem com ideais!
Não me vistam as camisas de forças das maneiras!
Não me façam elogiável ou inteligível!
Não me matem em vida!
Quero saber atirar com essa bola alta à lua
E ouvi-la cair no quintal do lado!
Quero ir deitar-me na relva, pensando “amanhã vou

[buscá-la...

Amanhã vou buscá-la ao quintal ao lado...
Amanhã vou buscá-la ao quintal ao lado...
Amanhã vou buscá-la ao quintal
Buscá-la ao quintal
Ao quintal

Ao lado...”

11/8/1930

[58]. Termo tipográfico para designar um ornamento colocado na parte inferior da página indicando fim do capítulo ou do livro. **VOLTAR**.

TRAPO

O dia deu em chuvoso.

A manhã, contudo, estava bastante azul.

O dia deu em chuvoso.

Desde manhã eu estava um pouco triste.

Antecipação? Tristeza? Coisa nenhuma?

Não sei: já ao acordar estava triste.

O dia deu em chuvoso.

Bem sei: a penumbra da chuva é elegante.

Bem sei: o sol oprime, por ser tão ordinário, um elegante.

Bem sei: ser susceptível às mudanças de luz não é

[elegante.

Mas quem disse ao sol ou aos outros que eu quero ser

[elegante?

Dêem-me o céu azul e o sol visível.

Névoa, chuvas, escuros – isso tenho eu em mim.

Hoje quero só sossego.

Até amaria o lar, desde que o não tivesse.

Chego a ter sono de vontade de ter sossego.

Não exageremos!

Tenho efectivamente sono, sem explicação.

O dia deu em chuvoso.

Carinhos? Afectos? São memórias...

É preciso ser-se criança para os ter...

Minha madrugada perdida, meu céu azul verdadeiro!

O dia deu em chuvoso.

Boca bonita da filha do caseiro,

Polpa de fruta de um coração por comer...

Quando foi isso? Não sei...

No azul da manhã...

O dia deu em chuvoso. [\[59\]](#)

10/09/1930

Chega através do dia de névoa alguma coisa do

[esquecimento,

Vem brandamente com a tarde a oportunidade da perda.

Adormeço sem dormir, ao relento da vida.

É inútil dizer-me que as acções têm consequências.

É inútil eu saber que as acções usam consequências.

É inútil tudo, é inútil tudo, é inútil tudo.

Através do dia de névoa não chega coisa nenhuma.

Tinha agora vontade

De ir esperar ao comboio da Europa o viajante

[anunciado,

De ir ao cais ver entrar o navio e ter pena de tudo.

Não vem com a tarde oportunidade nenhuma.

21/9/1930

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto
Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo.
Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes –
Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu.
Grandes são os desertos, minha alma!
Grandes são os desertos.
Não tirei bilhete para a vida,
Errei a porta do sentimento,
Não houve vontade ou ocasião que eu não perdesse.
Hoje não me resta, em vésperas de viagem,
Com a mala aberta esperando a arrumação adiada,
Sentado na cadeira em companhia com as camisas que

Hoje não me resta (à parte o incómodo de estar assim

[não cabem,

[sentado)

Senão saber isto:

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Grande é a vida, e não vale a pena haver vida.
Arrumo melhor a mala com os olhos de pensar em

[arrumar

Que com arrumação das mãos factícias (e creio que

[digo bem).

Acendo o cigarro para adiar a viagem,
Para adiar todas as viagens.
Para adiar o universo inteiro.
Volta amanhã, realidade!
Basta por hoje, gentes!
Adia-te, presente absoluto!
Mais vale não ser que ser assim.
Comprem chocolates à criança a quem sucedi por erro,
E tirem a tabuleta porque amanhã é infinito.
Mas tenho que arrumar a mala,
Tenho por força que arrumar a mala,
A mala.

Não posso levar as camisas na hipótese e a mala na razão
Sim, toda a vida tenho tido que arrumar a mala.
Mas também, toda a vida, tenho ficado sentado sobre
[o canto das camisas empilhadas,
A ruminar, como um boi que não chegou a Ápis, destino.
Tenho que arrumar a mala de ser.
Tenho que existir a arrumar malas.
A cinza do cigarro cai sobre a camisa de cima do monte.
Olho para o lado, verifico que estou a dormir.
Sei só que tenho que arrumar a mala,
E que os desertos são grandes e tudo é deserto,
E qualquer parábola a respeito disto, mas dessa é que já
[me esqueci.

Ergo-me de repente todos os Césares.
Vou definitivamente arrumar a mala.
Arre, hei-de arrumá-la e fechá-la;
Hei-de vê-la levar de aqui,
Hei-de existir independentemente dela.
Grandes são os desertos e tudo é deserto,
Salvo erro, naturalmente.
Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!
Mais vale arrumar a mala.
Fim. [\[60\]](#)

4/10/1930

Cruz na porta da tabacaria!
Quem morreu? O próprio Alves? Dou
Ao diabo o bem-estar que trazia.
Desde ontem a cidade mudou.
Quem era? Ora, era quem eu via.
Todos os dias o via. Estou
Agora sem essa monotonia.
Desde ontem a cidade mudou.
Ele era o dono da tabacaria.
Um ponto de referência de quem sou
Eu passava ali de noite e de dia.
Desde ontem a cidade mudou.
Meu coração tem pouca alegria,
E isto diz que é morte aquilo onde estou.
Horror fechado da tabacaria!
Desde ontem a cidade mudou.
Mas ao menos a ele alguém o via,
Ele era fixo, eu, o que vou,
Se morrer, não falto, e ninguém diria.
Desde ontem a cidade mudou. [61]

14/10/1930

Tenho escrito mais versos que verdade.
Tenho escrito principalmente
Porque outros têm escrito.
Se nunca tivesse havido poetas no mundo,
Seria eu capaz de ser o primeiro?
Nunca!
Seria um indivíduo perfeitamente consentível,
Teria casa própria e moral.
Senhora Gertrudes!
Limpou mal este quarto:
Tire-me estas ideias de aqui!

15/10/1930

Tenho uma grande constipação,
E toda a gente sabe como as grandes constipações
Alteram todo o sistema do universo,
Zangam-nos contra a vida,
E fazem espirrar até à metafísica.
Tenho o dia perdido cheio de me assoar.
Dói-me a cabeça indistintamente.
Triste condição para um poeta menor!
Hoje sou verdadeiramente um poeta menor.
O que fui outrora foi um desejo; partiu-se.
Adeus para sempre, rainha das fadas!
As tuas asas eram de sol, e eu cá vou andando.
Não estarei bem se não me deitar na cama.
Nunca estive bem senão deitando-me no universo.
Excusez un peu... Que grande constipação física!
Preciso de verdade e da aspirina. [\[62\]](#)

[59]. Publicado na revista Presença, nº 31-32, março-junho, 1931 **VOLTAR**.

[60]. Variante: 27º verso – Mais vale não ter que ser assim. **VOLTAR**.

[61]. Na edição organizada por Cleonice Berardinelli, as duas últimas estrofes aparecem assim – Meu coração tem pouca alegria,/ Vejo que a morte está onde estou./ Tapais jazigo – tabacaria!/ Desde ontem a cidade mudou. // Mas ao menos a ele, alguém o via,/ Ele era fixo. Eu, porque vou,/ Não falto; por mim ninguém diria/ Desde ontem a cidade mudou.

Outras variantes: 14º verso – E isto diz que é morte aqui onde estou. 15º verso – Taipais caixão da tabacaria! **VOLTAR**.

[62]. Publicado na revista Presença, 2ª Série, nº 1, novembro, 1939. A expressão “excusez un peu” não tem qualquer sentido; no penúltimo verso, Cleonice Berardinelli corrige para “excusez du peu”, que significa “perdoe o exagero”. **VOLTAR**.

OXFORDSHIRE

Quero o bem, e quero o mal, e afinal não quero nada.
Estou mal deitado sobre a direita, e mal deitado sobre a

[esquerda

E mal deitado sobre a consciência de existir.
Estou universalmente mal, metafisicamente mal,
Mas o pior é que me dói a cabeça.
Isso é mais grave que a significação do universo.
Uma vez, ao pé de Oxford, num passeio campestre,
Vi erguer-se, duma curva da estrada, na distância próxima,
A torre-velha duma igreja acima de casas da aldeia ou

[vila.

Ficou-me fotográfico esse incidente nulo
Como uma dobra transversal escangalhando o vinco

[das calças.

Agora vem a propósito...
Da estrada eu previa espiritualidade a essa torre de igreja
Que era a fé de todas as eras, e a eficaz caridade.
Da vila, quando lá cheguei, a torre da igreja era a torre

[da igreja,

E ainda por cima, estava ali.
É-se feliz na Austrália, desde que lá se não vá.

9/6/1931

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,
Espécie de acessório ou sobresselente próprio,
Arredores irregulares da minha emoção sincera,
Sou eu aqui em mim, sou eu.
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.
Quanto amei ou deixei de amar é a mesma saudade em

[mim.

E ao mesmo tempo, a impressão, um pouco

[inconsequente,

Como de um sonho formado sobre realidades mistas,
De me ter deixado, a mim, num banco de carro eléctrico,
Para ser encontrado pelo acaso de quem se lhe ir

[sentar em cima.

E, ao mesmo tempo, a impressão, um pouco longínqua,
Como de um sonho que se quer lembrar na penumbra

[a que se acorda,

De haver melhor em mim do que eu.

Sim, ao mesmo tempo, a impressão, um pouco

[dolorosa,

Como de um acordar sem sonhos para um dia de muitos

[credores,

De haver falhado tudo como tropeçar no capacho,
De haver embrulhado tudo como a mala sem as escovas,
De haver substituído qualquer coisa a mim algures na

[vida.

Baste! É a impressão um tanto ou quanto metafísica,
Como o sol pela última vez sobre a janela da casa a

[abandonar,

De que mais vale ser criança que querer compreender

[o mundo –

A impressão de pão com manteiga e brinquedos,
De um grande sossego sem Jardins de Prosérpina,
De uma boa vontade para com a vida encostada de

[testa à janela,

Num ver chover com som lá fora

E não as lágrimas mortas de custar a engolir.
Baste, sim baste! Sou eu mesmo, o trocado,
O emissário sem carta nem credenciais,
O palhaço sem riso, o bobo com o grande fato de outro,
A quem tinem as campainhas da cabeça
Como chocalhos pequenos de uma servidão em cima.
Sou eu mesmo, a charada sincopada
Que ninguém da roda decifra nos serões de província.
Sou eu mesmo, que remédio!...

6/8/1931

Não sei se os astros mandam neste mundo,
Nem se as cartas –
As de jogar ou as do Tarot –
Podem revelar qualquer coisa.
Não sei se deitando dados
Se chega a qualquer conclusão.
Mas também não sei
Se vivendo como o comum dos homens
Se atinge qualquer coisa.
Sim, não sei
Se hei-de acreditar neste sol de todos os dias,
Cuja autenticidade ninguém me garante,
Ou se não será melhor, por melhor ou por mais

[cômodo,

Acreditar em qualquer outro sol –
Outro que ilumine até de noite,
Qualquer profundidade luminosa das coisas
De que não percebo nada...
Por enquanto...
(Vamos devagar)
Por enquanto
Tenho o corrimão da escada absolutamente seguro,
Seguro com a mão –
O corrimão que me não pertence
E apoiado ao qual ascendo...
Sim... Ascendo...
Ascendo até isto:
Não sei se os astros mandam neste mundo...

5/1/1935

Ah! Ser indiferente!

É do alto do poder da sua indiferença

Que os chefes dos chefes dominam o mundo.

Ser alheio até a si mesmo!

É do alto do sentir desse alheamento

Que os mestres dos santos dominam o mundo.

Ser esquecido de que se existe!

É do alto do pensar desse esquecer

Que os deuses dos deuses dominam o mundo.

(Não ouvi o que dizias...

ouvi só a musica, e nem a essa ouvi...

Tocavas e falavas ao mesmo tempo?

Sim, creio que tocavas e falavas ao mesmo tempo...

Com quem?

Com alguém em quem tudo acabava no dormir do

[mundo...)

12/1/1935

REGRESSO AO LAR

Há quanto tempo não escrevo um soneto
Mas não importa: escrevo este agora.
Sonetos são infância, e, nesta hora,
A minha infância é só um ponto preto,
Que num imóvel e fatal trajecto
Do comboio que sou me deita fora.
E o soneto é como alguém que mora
Há dois dias em tudo que projecto.
Graças a Deus, ainda sei que há
Quatorze linhas a cumprir iguais
Para a gente saber onde é que está...
Mas onde a gente está, ou eu, não sei...
Não quero saber mais de nada mais
E berdamerda para o que saberei.

3/2/1935

Sim, está tudo certo.

Está tudo perfeitamente certo.

O pior é que está tudo errado.

Bem sei que esta casa é pintada de cinzento

Bem sei qual é o número desta casa –

Não sei, mas poderei saber, como está avaliada

Nessas oficinas de impostos que existem para isto –

Bem sei, bem sei...

Mas o pior é que há Almas lá dentro

E a Tesouraria de Finanças não conseguiu livrar

A vizinha do lado de lhe morrer o filho.

A Repartição de não sei quê não pôde evitar

Que o marido da vizinha do andar mais acima lhe

[fugisse com a cunhada...

Mas, está claro, está tudo certo...

E, excepto estar errado, é assim mesmo: está certo...

5/3/1935

AH, UM SONETO...

Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a vai relembrando pouco a pouco
em casa a passear, a passear...
No movimento (eu mesmo me desloco
nesta cadeira, só de o imaginar)
o mar abandonado fica em foco
nos músculos cansados de parar.
Há saudades nas pernas e nos braços.
Há saudades no cérebro por fora.
Há grandes raivas feitas de cansaços.
Mas – esta é boa! – era do coração
que eu falava... e onde diabo estou eu agora
com almirante em vez de sensação?... [63]

12/10/1931

Bamboleamos, moscas, com asas e presas,
No mundo, teia de aranha sobre o abismo.
Não fales alto, que isto aqui é vida –
Vida e consciência dela,
Porque a noite avança, estou cansado, não durmo,
E, se chego à janela,
Vejo, de sob as pálpebras da besta, os muitos lugares

[das estrelas...

Cansei o dia com esperanças de dormir de noite.
É noite quase outro dia. Tenho sono. Não durmo.
Sinto – em toda a humanidade e através do cansaço –
Um cansaço que quase me faz espuma os ossos... –
Somos todos aquilo...

21/10/1931

É inútil prolongar a conversa de todo este silêncio...
Jazes sentado, fumando, no canto do sofá grande –
Jazo sentado, fumando, no sofá de cadeira funda.
Entre nós não houve, vai para uma hora,
Senão os olhares de uma só vontade de dizer.
Renovávamos, apenas, os cigarros – o novo no ocaso

[do velho

E continuávamos a conversa silenciosa,
Interrompida apenas pelo desejo olhado de falar...
Sim, é inútil,
Mas tudo, até a vida ao ar livre, é igualmente inútil.
Há coisas que são difíceis de dizer...
Este problema, por exemplo.
De qual de nós é que ela gosta? Como é que podemos

[chegar a discutir isso?

Nem falar nela, não é verdade?
E sobretudo não ser o primeiro a pensar em falar nela!
A falar nela ao impassível outro e amigo...
Caiu a cinza do teu cigarro no teu casaco preto –
Ia advertir-te, mas para isso era preciso falar...
Entreolhámo-nos de novo, como transeuntes cruzados.
E o pecado mútuo que não cometemos
Assomou ao mesmo tempo ao fundo dos dois olhares.
De repente espreguiças-te, semi-ergues-te. Escusas de

[falar...

“Vou-me deitar!” disseste, só porque o vais dizer.
E tudo isto, tão psicológico, tão involuntário,
Por causa de uma empregada de escritório agradável e

[solene.

Ah, vamo-nos deitar!
Se fizer versos a respeito disto, já sabes, é desprezo!

22/11/1931

Acordo de noite, muito de noite, no silêncio todo.
São – tictac visível – quatro horas e tarda o dia.
Abro a janela directamente, no desespero da insónia.
E, de repente, humano,
O quadrado com cruz de uma janela iluminada!
Fraternidade na noite!
Fraternidade involuntária, incógnita, na noite!
Estamos ambos despertos e a humanidade é alheia.
Dorme. Nós temos luz.
Quem serás? Doente, moedeiro falso, insone simples

[como eu?

Não importa. A noite eterna, informe, infinita,
Só tem, neste lugar, a humanidade das nossas duas

[janelas,

O coração latente das nossas duas luzes,
Neste momento e lugar, ignorando-nos, somos toda a

[vida.

Sobre o parapeito da janela da traseira da casa,
Sentindo húmida da noite a madeira onde agarro,
Debruço-me para o infinito e, um pouco, para mim.
Nem galos gritando ainda no silêncio definitivo!
Que fazes, camarada na janela com luz?
Sonho, falta de sono, vida?
Tom amarelo cheio da tua janela incógnita...
Tem graça: não tens luz eléctrica.
Ó candeeiros de petróleo da minha infância perdida!

25/11/1931

Quero acabar entre rosas, porque as amei na infância.
Os crisântemos de depois, desfolhei-os a frio.
Falem pouco, devagar.
Que eu não oiça, sobretudo com o pensamento.
O que quis? Tenho as mãos vazias,
Crispadas flèbilmente sobre a colcha longínqua.
O que pensei? Tenho a boca seca, abstracta.
O que vivi? Era tão bom dormir! [\[64\]](#)

8/12/1931

[63]. Publicado na revista Presença, nº 34, novembro, 1931/fevereiro, 1932. **VOLTAR**

[64]. Publicado na revista Descobrimento, nº de inverno, 1932. **VOLTAR**

NOTAS EM TAVIRA

Cheguei finalmente à vila da minha infância.

Desci do comboio, recordo-me, olhei, vi, comparei.

(Tudo isto levou o espaço de tempo de um olhar

[cansado).

Tudo é velho onde fui novo.

Desde já – outras lojas, e outras frontarias de pinturas

[nos mesmos prédios –

Um automóvel que nunca vi (não os havia antes)

Estagna amarelo escuro ante uma porta entreaberta.

Tudo é velho onde fui novo.

Sim, porque até o mais novo que eu é ser velho o resto.

A casa que pintaram de novo é mais velha porque a

[pintaram de novo.

Paro diante da paisagem, e o que vejo sou eu.

O outrora aqui antevi-me esplendoroso aos 40 anos –

Senhor do mundo –

E aos 41 que desembarco do comboio involuntário.

O que conquistei? Nada.

Nada, aliás, tenho a valer conquistado.

Trago o meu tédio e a minha falência fisicamente no

[pesar-me mais a mala...

De repente avanço seguro, resolutamente.

Passou toda a minha hesitação.

Esta vila da minha infância é afinal uma cidade

[estrangeira.

(Estou à vontade, como sempre, perante o estranho, o

[que me não é nada).

Sou forasteiro, tourist, transeunte.

E claro: é isso que sou.

Até em mim, meu Deus, até em mim.

8/12/1931

REALIDADE

Sim, passava aqui frequentemente há vinte anos...

Nada está mudado – ou, pelo menos, não dou por isso –

Nesta localidade da cidade...

Há vinte anos!...

O que eu era então! Ora, era outro...

Há vinte anos, e as casas não sabem de nada...

Vinte anos inúteis (e sei lá se o foram!

Sei eu o que é útil ou inútil?)...

Vinte anos perdidos (mas o que seria ganhá-los?)

Tento reconstruir na minha imaginação

Quem eu era e como era quando por aqui passava

Há vinte anos...

Não me lembro, não me posso lembrar.

O outro que aqui passava então,

Se existisse hoje, talvez se lembrasse...

Há tanta personagem de romance que conheço

[melhor por dentro

De que esse eu-mesmo que há vinte anos passava aqui!

Sim, o mistério do tempo.

Sim, o não se saber nada,

Sim, o termos todos nascido a bordo.

Sim, sim, tudo isso, ou outra forma de o dizer...

Daquela janela do segundo-andar, ainda idêntica a si

[mesma,

Debruçava-se então uma rapariga mais velha que eu,

[mais lembradamente de azul.

Hoje, se calhar, está o quê?

Podemos imaginar tudo do que nada sabemos.

Estou parado física e moralmente: não quero imaginar

[nada...

Houve um dia em que subi esta rua pensando

[alegremente no futuro,

Pois Deus dá licença que o que não existe seja

[fortemente iluminado.

Hoje, descendo esta rua, nem no passado penso

[alegremente.

Quando muito, nem penso...

Tenho a impressão que as duas figuras se cruzaram na

[rua, nem então nem agora,

Mas aqui mesmo, sem tempo a perturbar o cruzamento.

Olhámos indiferentemente um para o outro.

E eu o antigo lá subi a rua imaginando um futuro

[girassol.

E eu o moderno lá desci a rua não imaginando nada.

Talvez isto realmente se desse...

Verdadeiramente se desse...

Sim, carnalmente se desse...

Sim, talvez...

15/12/1932

E o esplendor dos mapas, caminho abstracto para a
[imaginação concreta,
Letras e riscos irregulares abrindo para a maravilha.
O que de sonho jaz nas encadernações vetustas,
Nas assinaturas complicadas (ou tão simples e esguias)
[dos velhos livros.
(Tinta remota e desbotada aqui presente para além da
[morte,
Ó enigma visível do tempo, o nada vivo em que estamos!)
O que de negado à nossa vida quotidiana vem nas
[ilustrações,
O que certas gravuras de anúncios sem querer anunciam.
Tudo quanto sugere, ou exprime o que não exprime.
Tudo o que diz o que não diz,
E a alma sonha, diferente e distraída.

14/1/1933

PSIQUETIPIA (OU PSICOTIPIA)

Símbolos. Tudo símbolos...

Se calhar, tudo é símbolos...

Serás tu um símbolo também?

Olho, desterrado de ti, as tuas mãos brancas

Postas, com boas maneiras inglesas, sobre a toalha da

[mesa,

Pessoas independentes de ti...

Olho-as: também serão símbolos?

Então todo o mundo é símbolo e magia?

Se calhar é...

E porque não há-de ser?

Símbolos...

Estou cansado de pensar..

Ergo finalmente os olhos para os teus olhos que me

[olham.

Sorris, sabendo bem em que eu estava pensando...

Meu Deus! e não sabes...

Eu pensava nos símbolos...

Respondo fielmente à tua conversa por cima da mesa...

“It was very strange, wasn’t it?”

“Awfully strange. And how did it end?”

“Well, it didn’t end. It never does, you know.”^[65]

Sim, you know... Eu sei...

Sim, eu sei...

É o mal dos símbolos, you know.

Yes, I know.

Conversa perfeitamente natural... Mas os símbolos?

Não tiro os olhos de tuas mãos... Quem são elas?

Meu Deus! Os símbolos... Os símbolos...

7/11/1933

[65]. Era muito estranho, não era? / Horrivelmente estranho. E como terminou? / Bem, não terminou. Nunca termina, você sabe. **VOLTAR**

MAGNIFICAT

Quando é que passará esta noite interna, o universo,
E eu, a minha alma, terei o meu dia?
Quando é que despertarei de estar acordado?
Não sei. O sol brilha alto,
Impossível de fitar.
As estrelas pestanejam frio,
Impossíveis de contar.
O coração pulsa alheio,
Impossível de escutar.
Quando é que passará este drama sem teatro,
Ou este teatro sem drama,
E recolherei a casa?
Onde? Como? Quando?
Gato que me fitas com olhos de vida, quem tens lá no

É esse! É esse!
Esse mandará como Josué parar o sol e eu acordarei;
E então será dia.
Sorri, dormindo, minha alma!
Sorri, minha alma, será dia!

[fundo?

7/11/1933

PECADO ORIGINAL

Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, se alguém a escrever,
A verdadeira história da humanidade.
O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o

[mundo;

O que não há somos nós, e a verdade está aí.
Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.
Que é daquela nossa verdade – o sonho à janela da

[infância?

Que é daquela nossa certeza – o propósito à mesa de

[depois?

Medito, a cabeça curvada contra as mãos sobrepostas
Sobre o parapeito alto da janela de sacada,
Sentado de lado numa cadeira, depois de jantar.
Que é da minha realidade, que só tenho a vida?
Que é de mim, que sou só quem existo?
Quantos Césares fui!
Na alma, e com alguma verdade;
Na imaginação, e com alguma justiça;
Na inteligência, e com alguma razão –
Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!

7/12/1933

DACTILOGRAFIA

Traço sòzinho, no meu cubículo de engenheiro, o plano,
Firmo o projecto, aqui isolado,
Remoto até de quem eu sou.

Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro
O tic-tac estalado das máquinas de escrever.

Que náusea da vida!

Que abjecção esta regularidade!

Que sono este ser assim!

Outrora, quando fui outro, eram castelos e cavaleiros
(Ilustrações, talvez, de qualquer livro de infância),

Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho,
Eram grandes paisagens do Norte, explícitas de neve,
Eram grandes palmares do Sul, opulentos de verdes.

Outrora...

Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
O tic-tac estalado das máquinas de escrever.

Temos todos duas vidas:

A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos num substrato

[de névoa;

A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,

Aquela em que acabam por nos meter num caixão.

Na outra não há caixões, nem mortes,

Há só ilustrações de infância:

Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;

Grandes páginas de cores para recordar mais tarde.

Na outra somos nós,

Na outra vivemos;

Nesta morremos, que é o que viver quer dizer;

Neste momento, pela náusea, vivo só na outra...

Mas ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,

Se, desmeditando, acordo,

Ergue a voz o tic-tac estalado das máquinas de escrever. ^[66]

19/12/1933

Puseram-me uma tampa –
Todo o céu.
Puseram-me uma tampa.
Que grandes aspirações!
Que magnas plenitudes!
E algumas verdadeiras...
Mas sobre todas elas
Puseram-me uma tampa.
Como a um daqueles penicos –
Lá nos largos tradicionais da província –
Uma tampa.

12/4/1934

Não será melhor
Não fazer nada?
Deixar tudo ir de escantilhão pela vida abaixo
Para um naufrágio sem água?
Não será melhor
Colher coisa nenhuma
Nas roseiras sonhadas,
E jazer quieto, a pensar no exílio dos outros,
Nas primaveras por haver?
Não será melhor
Renunciar, como um rebentar de bexiga popular
Na atmosfera das feiras,
A tudo,
Sim, a tudo,
Absolutamente a tudo?

12/4/1934

Lisboa com suas casas
De várias cores,
Lisboa com suas casas
De várias cores,
Lisboa com suas casas
De várias cores...
À força de diferente, isto é monótono.
Como à força de sentir, fico só a pensar.
Se, de noite, deitado mas desperto,
Na lucidez inútil de não poder dormir,
Quero imaginar qualquer coisa
E surge sempre outra (porque há sono,
E, porque há sono, um bocado de sonho),
Quero alongar a vista com que imagino
Por grandes palmares fantásticos.
Mas não vejo mais,
Contra uma espécie de lado de dentro de pálpebras,
Que Lisboa com suas casas
De várias cores.
Sorrio, porque, aqui, deitado, é outra coisa.
À força de monótono, é diferente.
E, à força de ser eu, durmo e esqueço que existo.
Fica só, sem mim, que esqueci porque durmo,
Lisboa com suas casas
De várias cores.

11/5/1934

Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.
Transbordou.

Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregar na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre,
Este quase,
Este poder ser que...,
Isto.
Um internado num manicómio é, ao menos, alguém,
Eu sou um internado num manicómio sem

[manicómio.

Estou doido a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos
Estou assim...
Pobre velha casa da minha infância perdida!
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!
Que é do teu menino? Está maluco.
Que é de quem dormia sossegado sob o teu tecto

[provinciano?

Está maluco.
Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.
Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!
Por exemplo, por aquele manipanso
Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.
Era feiíssimo, era grotesco,
Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.
Se eu pudesse crer num manipanso qualquer –

Júpiter, Jeová, a Humanidade –
Qualquer serviria,
Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?
Estala, coração de vidro pintado!

16/6/1934

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!
Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas não vi.
São felizes, porque não são eu.
As crianças, que brincam às sacadas altas,
Vivem entre vasos de flores,
Sem dúvida, eternamente.
As vozes, que sobem do interior do doméstico,
Cantam sempre, sem dúvida.
Sim, devem cantar.
Quando há festa cá fora, há festa lá dentro.
Assim tem que ser onde tudo se ajusta –
O homem à Natureza, porque a cidade é Natureza.
Que grande felicidade não ser eu!
Mas os outros não sentirão assim também?
Quais outros? Não há outros.
O que os outros sentem é uma casa com a janela fechada,
Ou, quando se abre,
É para as crianças brincarem na varanda de grades,
Entre os vasos de flores que nunca vi quais eram.
Os outros nunca sentem.
Quem sente somos nós,
Sim, todos nós,
Até eu, que neste momento já não estou sentindo nada
Nada? Não sei...
Um nada que dói...

16/6/1934

Saí do comboio,
Disse adeus ao companheiro de viagem,
Tínhamos estado dezoito horas juntos.
A conversa agradável,
A fraternidade da viagem,
Tive pena de sair do comboio, de o deixar.
Amigo casual cujo nome nunca soube.
Meus olhos, senti-os, marejaram-se de lágrimas...
Toda despedida é uma morte...
Sim, toda despedida é uma morte.
Nós, o comboio a que chamamos a vida
Somos todos casuais uns para os outros,
E temos todos pena quando por fim desembarcamos.
Tudo que é humano me comove, porque sou homem.
Tudo me comove, porque tenho,
Não uma semelhança com ideias ou doutrinas,
Mas a vasta fraternidade com a humanidade verdadeira.
A criada que saiu com pena
A chorar de saudade
Da casa onde a não tratavam muito bem...
Tudo isso é no meu coração a morte e a tristeza de partir.
Tudo isso vive, porque morre, dentro do meu coração.
E o meu coração é um pouco maior que o universo

[inteiro.

4/7/1934

A música, sim, a música...
Piano banal do outro andar...
A música em todo o caso, a música...
Aquilo que vem buscar o choro imanente
De toda criatura humana,
Aquilo que vem torturar a calma
Com o desejo duma calma melhor...
A música... Um piano lá em cima
Com alguém que o toca mal...
Mas é música...
Ah, quantas infâncias tive!
Quantas boas mágoas!
A música...
Quantas mais boas mágoas!
Sempre a música...
O pobre piano tocado por quem não sabe tocar.
Mas apesar de tudo é música.
Ah, lá conseguiu uma música seguida –
Uma melodia racional –
Racional, meu Deus!
Como se alguma coisa fora racional!
Que novas paisagens de um piano mal tocado!
A música!... A música!

19/7/1934

Domingo irei para as hortas na pessoa dos outros,
Contente da minha anonimidade.
Domingo serei feliz – eles, eles...
Domingo...
Hoje é quinta-feira da semana que não tem domingo...
Nenhum domingo. –
Nunca domingo. –
Mas sempre haverá alguém nas hortas no domingo que

[vem.

Assim passa a vida,
Subtil para quem sente,
Mais ou menos para quem pensa:
Haverá sempre alguém nas hortas ao domingo,
Não no nosso domingo,
Não no meu domingo,
Não no domingo...
Mas sempre haverá outros nas hortas e ao domingo!

9/8/1934

Começa a haver meia-noite, e a haver sossego,
Por toda a parte das casas sobrepostas,
Os andares vários da acumulação da vida...
Calaram o piano no terceiro andar...
Não oiço já passos no segundo andar...
No rés-do-chão o rádio está em silêncio...
Vai tudo dormir...
Fico sòzinho com o universo inteiro.
Não quero ir à janela:
Se eu olhar, que de estrelas!
Que grandes silêncios maiores há no alto!
Que céu anti-citadino! –
Antes, recluso,
Num desejo de não ser recluso,
Escuto ansiosamente os ruídos da rua...
Um automóvel! – demasiado rápido! –
Os duplos passos em conversa falam-me...
O som de um portão que se fecha brusco dói-me...
Vai tudo dormir...
Só eu velo, sonolentemente escutando,
Esperando
Qualquer coisa antes que durma...
Qualquer coisa. [\[67\]](#)

9/8/1934

Há tanto tempo que não sou capaz
De escrever um poema extenso!...
Há anos...
Perdi a virtude do desenvolvimento rítmico
Em que a ideia e a forma,
Numa unidade de corpo com alma,
Unanimemente se moviam....
Perdi tudo que me fazia consciente –
De uma certeza qualquer no meu ser...
Hoje o que me resta?
O sol que está sem que eu o chamasse...
O dia que me não custou esforço...
Uma brisa, com a festa de uma brisa,
Que me dá uma consciência do ar...
E o egoísmo doméstico de não querer mais nada.
Mas, ah!, minha Ode Triunfal,
O teu movimento rectilíneo!
Ah, minha Ode Marítima,
A tua estrutura geral em estrofe, antístrofe e epodo!
E os meus planos, então, os meus planos –
Esses é que eram as grandes odes!
E aquela, a última, a suprema, a impossível!

9/8/1934

...Como, nos dias de grandes acontecimentos no

[centro da cidade,

Nos bairros quase-excêntricos as conversas em

[silêncio às portas...

A expectativa em grupos...

Ninguém sabe nada.

Leve rastro de brisa...

Coisa nenhuma que é real

E que, com um afago ou um sopro,

Toca o que há até que seja...

Magnificência da naturalidade...

Coração...

Que Áfricas inéditas em cada desejo!

Que melhores cousas que tudo lá longe!

Meu cotovelo toca no da vizinha do eléctrico

Com uma involuntariedade fruste,

Curto-circuito da proximidade...

Ideias ao acaso

Como um balde que se entorna...

Fito-o: é um balde entornado...

Jaz: jazo...

16/8/1934

Depus a máscara e vi-me ao espelho. –
Era a criança de há quantos anos.
Não tinha mudado nada...
É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
É-se sempre a criança,
O passado que foi
A criança.
Depus a máscara, e tornei-a a pô-la.
Assim é melhor,
Assim sou a máscara.
E volto à personalidade como a um terminus de linha.

18/8/1934

Depois de não ter dormido,
Depois de já não ter sono,
Interminável madrugada em que se pensa sempre sem

[se pensar,

Vi o dia vir
Como a pior das maldições –
A condenação ao mesmo.
Contudo, que riqueza de azul verde e amarelo dourado

[de vermelho

No céu eternamente longínquo...
Nesse oriente que estragaram
Dizendo que vêm de lá as civilizações;
Nesse oriente que nos roubaram
Com o Conto do Vigário dos mitos solares,
Maravilhoso oriente sem civilizações nem mitos,
Simplesmente céu e luz,
Material sem materialidade...
Todo luz, mesmo assim
A sombra, que é a luz da noite dada ao dia,
Enche por vezes, irresistivelmente natural,
O grande silêncio do trigo sem vento,
O verdor esbatido dos campos afastados,
A vida e o sentimento da vida.
A manhã inunda toda a cidade.
Meus olhos pesados do sono que não tivestes,
Que amanhã inundará o que está por trás de vós,
Que é vós,
Que sou eu?

5/9/1934

Na véspera de não partir nunca
Ao menos não há que arrumar malas
Nem que fazer planos em papel,
Com acompanhamento involuntário de esquecimentos,
Para o partir ainda livre do dia seguinte.
Não há que fazer nada
Na véspera de não partir nunca.
Grande sossego de já não haver sequer de que ter sossego!
Grande tranquilidade a que nem sabe encolher ombros
Por, pobre tédio, ter passado o tédio
É o ter chegado deliberadamente a nada.
Grande alegria de não ter precisão de ser alegre,
Como uma oportunidade virada do avesso. [68]
Há quantos meses vivo
A vida vegetativa do pensamento!
Todos os dias sine linea
Sossego, sim, sossego...
Grande tranquilidade...
Que repouso, depois de tantas viagens, físicas e
Que prazer olhar para as malas fechadas como para
Dormita, alma, dormita!
Aproveita, dormita!
Dormita!
É pouco o tempo que tens! Dormita!
É a véspera de não partir nunca...

[psíquicas!

[nada!

27/9/1934

O que há em mim é sobretudo cansaço –
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.
A subtileza das sensações inúteis,
As paixões violentas por coisa nenhuma,
Os amores intensos por o suposto em alguém,
Essas coisas todas –
– Essas e o que falta nelas eternamente –;
Tudo isso faz um cansaço,
Este cansaço,
Cansaço.
Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada –
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser...
E o resultado?
Para eles a vida vivida ou sonhada,
Para eles o sonho sonhado ou vivido,
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, a vida...
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço,
íssimo, íssimo, íssimo,
Cansaço... [69]

9/10/1934

Subiste à glória pela escada abaixo.
Paradoxo?
Não: a realidade.
O paradoxo é o que é palavras;
A realidade é o que és.
Subiste porque desceste.
Está bem.
Amanhã talvez eu faça a mesma coisa.
Por ora, se calhar, invejo-te,
Não sei se te invejo a vitória,
Não sei se te invejo o consegui-la,
Mas realmente creio que te a invejo...
Sempre é vitória...
Façam um embrulho de mim
E depois deem-me ao rio.
E não esqueçam o “se calhar” quando lá me deitarem.
Isso é importante.
Não esqueçam o “se calhar”.
Isso é que é importante.
Porque tudo é se calhar..

30/11/1934

(À memória de Soame Jenyns^[70], lembrado depois de escrito)

Às vezes tenho ideias, felizes,

Ideias súbitamente felizes, em ideias

E nas palavras em que naturalmente se despegam...

Depois de escrever, leio...

Porque escrevi isto?

Onde fui buscar isto?

De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu...

Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta

Com que alguém escreve a valer o que nós aqui

[traçamos?...

18/12/1934

Símbolos? Estou farto de símbolos...
Mas dizem-me que tudo é símbolo.
Todos me dizem nada.
Quais símbolos? Sonhos. –
Que o sol seja um símbolo, está bem...
Que a lua seja um símbolo, está bem...
Que a terra seja um símbolo, está bem...
Mas quem repara no sol senão quando a chuva cessa,
E ele rompe as nuvens e aponta para trás das costas
Para o azul do céu?
Mas quem repara na lua senão para achar
Bela a luz que ela espalha, e não bem ela?
Mas quem repara na terra, que é o que pisa?
Chama terra aos campos, às árvores, aos montes.
Por uma diminuição instintiva,
Porque o mar também é terra...
Bem, vá, que tudo isso seja símbolo...
Mas que símbolo é, não o sol, não a lua, não a terra,
Mas neste poente precoce e azulando-se
O sol entre farrapos finos de nuvens,
Enquanto a lua é já vista, mística, no outro lado,
E o que fica da luz do dia
Doira a cabeça da costureira que pára vagamente à

[esquina

Onde se demorava outrora com o namorado que a

[deixou?

Símbolos? Não quero símbolos...
Queria – pobre figura de miséria e desamparo! –
Que o namorado voltasse para a costureira.

18/12/1934

Ali não havia electricidade.
Por isso foi à luz de uma vela mortíça
Que li, inserto na cama,
O que estava à mão para ler –
A Bíblia, em português (coisa curiosa!), feita para

[protestantes

E reli a “Primeira Epístola aos Coríntios”.
Em torno de mim o sossego excessivo de noite de

[província

Fazia um grande barulho ao contrário,
Dava-me uma tendência do choro para a desolação.
A “Primeira Epístola aos Coríntios”...
Relia-a à luz de uma vela súbitamente antiquíssima,
E um grande mar de emoção ouvia-se dentro de mim...
Sou nada...
Sou uma ficção...
Que ando eu a querer de mim ou de tudo neste mundo?
“Se eu não tivesse a caridade”.
E a soberana luz manda, e do alto dos séculos,
A grande mensagem com que a alma é livre...
“Se eu não tivesse a caridade”...

Meu Deus, e eu que não tenho a caridade!... [71]

20/12/1934

Não: devagar.
Devagar, porque não sei
Onde quero ir.
Há entre mim e os meus passos
Uma divergência instintiva.
Há entre quem sou e estou
Uma diferença de verbo
Que corresponde à realidade.
Devagar...
Sim, devagar...
Quero pensar no que quer dizer
Este devagar...
Talvez o mundo exterior tenha pressa demais.
Talvez a alma vulgar queira chegar mais cedo.
Talvez a impressão dos momentos seja muito próxima...
Talvez isso tudo...
Mas o que me preocupa é esta palavra devagar...
O que é que tem que ser devagar?
Se calhar é o universo...
A verdade manda Deus que se diga.
Mas ouviu alguém isso a Deus?

30/12/1934

Os antigos invocavam as Musas.
Nós invocamo-nos a nós mesmos.
Não sei se as Musas apareciam –
Seria sem dúvida conforme o invocado e a invocação. –
Mas sei que nós não aparecemos.
Quantas vezes me tenho debruçado
Sobre o poço que me suponho
E balido “Ah!” para ouvir um eco,
E não tenho ouvido mais que o visto –
O vago alvor escuro com que a água resplandece
Lá na inutilidade do fundo...
Nenhum eco para mim...
Só vagamente uma cara,
Que deve ser a minha, por não poder ser de outro.
É uma coisa quase invisível,
Excepto como luminosamente vejo
Lá no fundo...
No silêncio e na luz falsa do fundo...
Que Musa!.....

3/1/1935

Há mais de meia hora
Que estou sentado à secretária
Com o único intuito
De olhar para ela.
(Estes versos estão fora do meu ritmo.
Eu também estou fora do meu ritmo).
Tinteiro grande à frente.
Canetas com aparos novos à frente.
Mais para cá papel muito limpo.
Ao lado esquerdo um volume da “Enciclopédia

[Britânica”.

Ao lado direito –
Ah, ao lado direito!
A faca de papel com que ontem
Não tive paciência para abrir completamente
O livro que me interessava e não lerei.
Quem pudesse sintonizar^[72] tudo isto!

3/1/1935

Depois de quando deixei de pensar em depois
Minha vida tornou-se mais calma –
Isto é, menos vida.
Passei a ser o meu acompanhamento em surdina.
Olho, do alto da janela baixa,
As garotas que dançam a brincar na rua.
O seu destino inevitável
Dói-me.
Vejo-lho no vestido entreaberto nas costas, e dói-me.
Grande cilindro, quem te manda cilindrar esta estrada
Que está calçada de almas?
(Mas a tua voz interrompe-me
– Voz alta, lá de fora, do jardim, rapariga –
E é como se eu deixasse
Cair irresolutamente um livro no chão.)
Não teremos, meu amor, nesta dança da vida,
Que fazemos por brincadeira natural,
As mesmas costas desabotoadas
E o mesmo decote a mostrar-nos a pele por cima da

[camisa suja?

3/1/1935

Eu, eu mesmo...

Eu, cheio de todos os cansaços

Quantos o mundo pode dar. —

Eu...

Afinal tudo, porque tudo é eu,

E até as estrelas, ao que parece,

Me saíram da algibeira para deslumbrar crianças...

Que crianças não sei...

Eu...

Imperfeito? Incógnito? Divino?

Não sei...

Eu...

Tive um passado? Sem dúvida...

Tenho um presente? Sem dúvida...

Terei um futuro? Sem dúvida...

A vida que pare de aqui a pouco...

Mas eu, eu...

Eu sou eu,

Eu fico eu,

Eu...

4/1/1935

Estou cansado, é claro,
Porque, a certa altura, a gente tem que estar cansado.
De que estou cansado, não sei:
De nada serviria sabê-lo,
Pois o cansaço fica na mesma.
A ferida dói como dói
E não em função da causa que a produziu.
Sim, estou cansado,
E um pouco sorridente
De o cansaço ser só isto –
Uma vontade de sono no corpo,
Um desejo de não pensar na alma,
E por cima de tudo uma transparência lúcida
Do entendimento retrospectivo...
E a luxúria única de não ter já esperanças?
Sou inteligente: eis tudo.
Tenho visto muito e entendido muito o que tenho visto,
E há um certo prazer até no cansaço que isto nos dá,
Que afinal a cabeça sempre serve para qualquer coisa.

24/6/1935

Não estou pensando em nada
E essa coisa central, que é coisa nenhuma,
É-me agradável como o ar da noite,
Fresco em contraste com o Verão quente do dia,
Não estou pensando em nada, e que bom!
Pensar em nada
É ter a alma própria e inteira.
Pensar em nada
É viver intimamente
O fluxo e o refluxo da vida...
Não estou pensando em nada.
É como se me tivesse encostado mal.
Uma dor nas costas, ou num lado das costas,
Há um amargo de boca na minha alma:
É que, no fim de contas,
Não estou pensando em nada,
Mas realmente em nada,
Em nada...

6/7/1935

O sono que desce sobre mim,
O sono mental que desce fisicamente sobre mim,
O sono universal que desce individualmente sobre mim –
Esse sono
Parecerá aos outros o sono de dormir,
O sono da vontade de dormir,
O sono de ser sono.
Mas é mais, mais de dentro, mais de cima:
É o sono da soma de todas as decepções,
É o sono da síntese de todas as desesperanças,
É o sono de haver mundo comigo lá dentro
Sem que eu houvesse contribuído em nada para isso.
O sono que desce sobre mim
É contudo como todos os sons.
O cansaço tem ao menos brandura,
O abatimento tem ao menos sossego,
A rendição é ao menos o fim do esforço,
O fim é ao menos o já não haver que esperar.
Há um som de abrir uma janela,
Viro indiferente a cabeça para a esquerda
Por sobre o ombro que a sente,
Olho pela janela entreaberta:
A rapariga do segundo andar de defronte
Debruça-se com os olhos azuis à procura de alguém.
De quem?,
Pergunta a minha indiferença.
E tudo isso é sono.
Meu Deus, tanto sono!...

28/8/1935

Estou tonto,
Tonto de tanto dormir ou de tanto pensar,
Ou de ambas as coisas.
O que sei é que estou tonto
E não sei bem se me devo levantar da cadeira
Ou como me levantar dela.
Fiquemos nisto: estou tonto.
Afinal
Que vida fiz eu da vida?
Nada.
Tudo interstícios,
Tudo aproximações,
Tudo função do irregular e do absurdo,
Tudo nada.
É por isso que estou tonto...
Agora
Todas as manhãs me levanto
Tonto...
Sim, verdadeiramente tonto...
Sem saber em mim e meu nome,
Sem saber onde estou,
Sem saber o que fui,
Sem saber nada.
Mas se isto é assim, é assim.
Deixo-me estar na cadeira,
Estou tonto.
Bem, estou tonto.
Fico sentado
E tonto,
Sim, tonto,
Tonto...
Tonto.

12/9/1935

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.
Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.
As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.
Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.
Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.
A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.
(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas).

[66]. Publicado na revista Presença, nº 1, 2ª Série, novembro, 1939. **VOLTAR**

[67]. Variante: 17º verso – Os duplos passos em conversa anunciam-me... **VOLTAR**.

[68]. Optamos pela leitura de Cleonice Berardinelli para o poema. Na edição da Ática, a estrofe aparece da seguinte maneira: “grande sossego de já não haver sequer de que ter sossego! / grande tranquilidade a que nem sabe encolher os ombros / Por isto tudo, ter pensado o tudo / É o ter chegado deliberadamente a nada. / Grande alegria de não ter precisão de ser alegre, / Como uma oportunidade virada do avesso. / Há quantas vezes vivo / A vida vegetativa do pensamento!”. **VOLTAR**

[69]. Variante: 25º verso – Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto... **VOLTAR**

[70]. Poeta e filósofo inglês (1704-1778). **VOLTAR**.

[71]. Variantes: 12º verso (1ª variante) – E um grande mar de emoção murmura dentro de mim... (2ª variante) – E um grande mar de emoção chorava dentro de mim...; 18º verso – A grande mensagem em que a alma fica livre... **VOLTAR**.

[72]. No oitavo verso, Cleonice Berardinelli propõe “menos” em lugar de “novos” e, no último verso, “hipnotizar” em lugar de “sintonizar”. **VOLTAR**.

ODE MARCIAL

Inúmero rio sem água – só gente e coisas,
Pavorosamente sem água!
Soam tambores longínquos no meu ouvido,
E eu não sei se vejo o rio se ouço os tambores,
Como se não pudesse ouvir e ver ao mesmo tempo!
Helahoho! helahobo!
A máquina de costura da pobre viúva morta à baioneta...
Ela cosia à tarde indeterminadamente...
A mesa onde jogavam os velhos,
Tudo misturado, tudo misturado com corpos, com
[sanguess,
Tudo um só rio, uma só onda, um só arrastado horror.
Helahoho! helahoho!
Desenterrei o comboio de lata da criança calcado no
[meio da estrada,
E chorei como todas as mães do mundo sobre o horror
[da vida.
Os meus pés panteístas tropeçaram na máquina de
[costura da viúva que mataram à baioneta
E esse pobre instrumento de paz meteu uma lança no
[meu coração.
Sim, fui eu o culpado de tudo, fui eu o soldado todos
[eles
Que matou, violou, queimou e quebrou.
Fui eu e a minha vergonha e o meu remorso com uma
[sombra disforme
Passeiam por todo o mundo como Ashavero,
Mas atrás dos meus passos soam passos do tamanho
[do infinito.
E um pavor físico de encontrar Deus faz-me fechar os
[olhos de repente.
Cristo absurdo da expiação de todos os crimes e de todas
[as violências,
A minha cruz está dentro de mim, hirta, a escaldar, a
[quebrar
E tudo dói na minha alma extensa como um Universo.

Arranquei o pobre brinquedo das mãos da criança e
[bati-lhe.
Os seus olhos assustados do meu filho que talvez terei
[e que matarão também
Pediram-me sem saber como toda a piedade por todos.
Do quarto da velha arranquei o retrato do filho e
[rasguei-o,
Ela, cheia de medo, chorou e não fez nada...
Senti de repente que ela era minha mãe e pela espinha
[abaixo passou-me o sopro de Deus.
Quebrei a máquina de costura da viúva pobre.
Ela chorava a um canto sem pensar na máquina de
[costura.
Haverá outro mundo onde eu tenha que ter uma filha
[que enviúve e a quem aconteça isto?
Mandei, capitão, fuzilar os camponeses trémulos,
Deixei violar as filhas de todos os pais atados a árvores,
Agora vi que foi dentro de meu coração que tudo isso
[se passou,
E tudo escalda e sufoca e eu não me posso mexer sem
[que tudo seja o mesmo.
Deus tenha piedade de mim que a não tive de ninguém!

*

LÀ-BAS, JE NE SAIS OÙ...

Véspera de viagem, campainha...

Não me sobreavisem estridentemente!

Quero gozar o repouso da gare da alma que tenho

Antes de ver avançar para mim a chegada de ferro

Do comboio definitivo,

Antes de sentir a partida verdadeira nas goelas do

[estômago,

Antes de pôr no estribo um pé

Que nunca aprendeu a não ter emoção sempre que teve

[que partir.

Quero, neste momento, fumando no apeadeiro de hoje,

Estar ainda um bocado agarrado à velha vida.

Vida inútil, que era melhor deixar, que é uma cela?

Que importa? Todo o universo é uma cela, e o estar

[preso não tem que ver com o tamanho da cela.

Sabe-me a náusea próxima o cigarro. O comboio já

[partiu da outra estação...

Adeus, adeus, adeus, toda a gente que não veio

[despedir-se de mim,

Minha família abstracta e impossível...

Adeus dia de hoje, adeus apeadeiro de hoje, adeus vida,

[adeus vida!

Ficar como um volume rotulado esquecido,

Ao canto do resguardo de passageiros do outro lado da

[linha.

Ser encontrado pelo guarda casual depois da partida –

“E esta? Então não houve um tipo que deixou isto aqui?” –

Ficar só a pensar em partir,

Ficar e ter razão,

Ficar e morrer menos...

Vou para o futuro como para um exame difícil.

Se o comboio nunca chegasse e Deus tivesse pena de mim?

Já me vejo na estação até aqui simples metáfora.

Sou uma pessoa perfeitamente apresentável.

Vê-se – dizem – que tenho vivido no estrangeiro.

Os meus modos são de homem educado, evidentemente.

Pego na mala, rejeitando o moço, como a um vício vil.

E a mão com que pego na mala treme-me e a ela.

Partir!

Nunca voltarei,

Nunca voltarei porque nunca se volta.

O lugar a que se volta é sempre outro,

A gare a que se volta é outra.

Já não está a mesma gente, nem a mesma luz, nem a

[mesma filosofia.

Partir! Meu Deus, partir! Tenho medo de partir!...

*

DOBRADA À MODA DO PORTO

Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,
Serviram-me o amor como dobrada fria.
Disse delicadamente ao missionário da cozinha
Que a preferia quente,
Que a dobrada (e era à moda do Porto) nunca se come

[fria.

Impacientaram-se comigo.
Nunca se pode ter razão, nem num restaurante.
Não comi, não pedi outra coisa, paguei a conta,
E vim passear para toda a rua.
Quem sabe o que isto quer dizer?
Eu não sei, e foi comigo...
(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve

[um jardim,

Particular ou público, ou do vizinho.
Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.
E que a tristeza é de hoje).
Sei isso muitas vezes,
Mas, se eu pedi amor, porque é que me trouxeram
Dobrada à moda do Porto fria?
Não é prato que se possa comer frio,
Mas trouxeram-mo frio.
Não me queixei, mas estava frio,
Nunca se pode comer frio, mas veio frio.

*

POEMA EM LINHA RECTA

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
E eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para
[tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes
[das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e
[arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo
[ainda;
Eu, que tenho sido cómico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de
[fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido
[emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho
[agachado,
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas
[ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na
[vida...
Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma
[vez foi vil?

Ó príncipes, meus irmãos,
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?
Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?
Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem

[titubear?

Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza. [\[73\]](#)

*

Trapos somos, trapos amamos, trapos agimos –
Que trapo tudo que é este mundo!

*

O horror sórdido do que, a sós consigo,
Vergonhosa de si, no escuro, cada alma pensa.

*

[73]. Um dos poemas mais famosos de Campos. Observe-se sua solidão, sua condição de marginalidade, de diferente. A ironia é voltada para si, num mundo em que o outro não é “gente”, não tem defeitos. **VOLTAR**.

VILEGIATURA

O sossego da noite, na vilegiatura no alto;
O sossego, que mais aprofunda
O ladrar esparso dos cães de guarda na noite;
O silêncio, que mais se acentua,
Porque zumbe ou murmura uma coisa nenhuma no

[escuro...

Ah, a opressão de tudo isto!
Oprime como ser feliz!
Que vida idílica, se fosse outra pessoa que a tivesse
Com o zumbido ou murmúrio monótono de nada
Sob o céu sardento de estrelas,
Com o ladrar dos cães polvilhando o sossego de tudo!
Vim para aqui repousar,
Mas esqueci-me de me deixar lá em casa.
Trouxe comigo o espinho essencial de ser consciente,
A vaga náusea, a doença incerta, de me sentir.
Sempre esta inquietação mordida aos bocados
Como pão ralo escuro, que se esfarela caindo.
Sempre este mal-estar tomado aos maus haustos
Como um vinho de bêbado quando nem a náusea obsta.
Sempre, sempre, sempre
Este defeito da circulação na própria alma,
Esta lipotimia das sensações,
Isto...
Tuas mãos esguias, um pouco pálidas, um pouco minhas,
Estavam naquele dia quietas pelo teu regaço de sentada,
Como e onde a tesoura e o dedal de uma outra.
Cismavas, olhando-me, como se eu fosse o espaço.
Recordo para ter em que pensar, sem pensar.
De repente, num meio suspiro, interrompeste o que

[estavas sendo.

Olhaste conscientemente para mim, e disseste:
“Tenho pena que todos os dias não sejam assim” –
Assim, como aquele dia que não fora nada...
Ah, não sabias,
Felizmente não sabias,

Que a pena é todos os dias serem assim, assim;
Que o mal é que, feliz ou infeliz,
A alma goza ou sofre o íntimo tédio de tudo,
Consciente ou inconscientemente,
Pensando ou por pensar –
Que a pena é essa...
Lembro fotograficamente as tuas mãos paradas,
Molemente estendidas.
Lembro-me, neste momento, mais delas do que de ti.
Que será feito de ti?
Sei que, no formidável algures da vida,
Casaste. Creio que és mãe. Deves ser feliz.
Porque o não haverias de ser?
Só por maldade...
Sim, seria injusto...
Injusto?
(Era um dia de sol pelos campos e eu dormitava,

[sorrindo).

.....
A vida...

Branco ou tinto, é o mesmo: é para vomitar.

*

O Chiado (a ideia do Chiado) sabe-me a açorda.
Corro ao fluir do Tejo lá em baixo.
Mas nem ali há universo.
E o tédio persiste como uma mão regando no escuro.

*

Quase sem querer (se o soubéssemos!) os grandes
[homens saindo dos homens vulgares
O sargento acaba imperador por transições
[imperceptíveis
Em que se vai misturando
O conseguimento com o saber do que se consegue a
[seguir
E o caminho vai por degraus visíveis, depressa.
Ai dos que desde o princípio vêem o fim!
Ai dos que aspiram a saltar a escada!
O conquistador de todos os impérios continua sempre
[ajudante de guarda-livros.
A amante de todos os reis – mas dos já mortos – é mãe
[séria e carinhosa.
Se assim como vejo os corpos por fora, visse as almas
[por dentro.
Ah, que penitenciários os desejos!
Que manicómio o sentido da vida!

*

Mais vale o clássico seguro,
Mais vale o romântico cantante,
Mais vale qualquer coisa, ainda que má,
Que os arredores inconstruídos de qualquer coisa boa...
“Tenho a minha alma!”
Não, não tens: tens a sensação dela.
Cuidado com a sensação!
Muitas vezes é dos outros,
E muitas vezes é nossa
Só pelo acidente estonteado de a sentirmos...

*

Já sei: alguém disse a verdade –
Até as cadeiras parecem aflitas,
Entra neste lar o objectivo.
E cada um ficou de fora, como um pano na corda
Que a chuva apanhou esquecido na noite de janelas
fechadas.

*

CLEARLY NON-CAMPOS![\[74\]](#)

Não sei qual é o sentimento, ainda inexpresso,
Que súbitamente, como uma sufocação, me aflige
O coração que, de repente,
Entre o que vive, se esquece.
Não sei qual é o sentimento
Que me desvia do caminho,
Que me dá de repente
Um nojo daquilo que seguia,
Uma vontade de nunca chegar a casa,
Um desejo de indefinido,
Um desejo lúcido de indefinido.
Quatro vezes mudou a 'estação falsa
No falso ano, no imutável curso
Do tempo consequente;
Ao verde segue o seco, e ao seco o verde,
E não sabe ninguém qual é o primeiro,
Nem o último, e acabam.

*

Minha imaginação é um Arco de Triunfo.

Por baixo passa toda a Vida.

Passa a vida comercial de hoje, automóveis, camions,

Passa a vida tradicional nos trajes de alguns regimentos,

Passam todas as classes sociais, passam todas as formas

[de vida,

E no momento em que passam na sombra do Arco de

[Triunfo

São momentaneamente um triunfo que eu os faço ser.

Qualquer coisa de triunfal cai sobre eles,

E eles são, um momento, pequenos e grandes.

O Arco de Triunfo da minha Imaginação

Assenta de um lado sobre Deus e do outro

Sobre o quotidiano, sobre o mesquinho (segundo se

[julga),

Sobre a faina de todas as horas, as sensações de todos

[os momentos,

E as rápidas intenções que morrem antes do gesto.

Eu-próprio, à parte e fora da minha imaginação,

E contudo parte dela,

Sou a figura triunfal que olha do alto do arco,

Que sai do arco e lhe pertence,

E fita quem passa por baixo elevada e suspensa,

Monstruosa e bela.

Mas às grandes horas da minha sensação,

Quando em vez de rectilínea, ela é circular

E gira vertiginosamente sobre si-própria,

O Arco desaparece, funde-se com a gente que passa,

E eu sinto que sou o Arco, e o espaço que ele abrange,

E toda a gente que passa,

E todo o passado da gente que passa,

E todo o futuro da gente que passa,

E toda a gente que passará

E toda a gente que já passou.

Sinto isto, e ao senti-lo sou cada vez mais

A figura esculpida a sair do alto do arco

Que fita para baixo
O universo que passa.
Mas eu próprio sou o Universo,
Eu próprio sou sujeito e objecto,
Eu próprio sou Arco e Rua,
Eu próprio cinjo e deixo passar, abranjo e liberto,
Fito de alto, e de baixo fito-me fitando,
Passo por baixo, fico em cima, quedo-me dos lados,
Totalizo e transcendo,
Realizo Deus numa arquitectura triunfal
De arco de Triunfo posto sobre o universo,
De arco de triunfo construído
Sobre todas as sensações de todos que sentem
E sobre todas as sensações de todas as sensações...
Poesia do ímpeto e do giro,
Da vertigem e da explosão,
Poesia dinâmica, sensacionista, silvando
Pela minha imaginação fora em torrentes de fogo,
Em grandes rios de lava, em grandes vulcões de lume.

*

BARROW-ON-FURNESS>[\[75\]](#)

I

Sou vil, sou reles, como toda a gente,
Não tenho ideais, mas não os tem ninguém.
Quem diz que os tem é como eu, mas mente.
Quem diz que busca é porque não os tem.
É com a imaginação que eu amo o bem.
Meu baixo ser porém não mo consente.
Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, de um Além.
Como todos não creio no que creio.
Talvez possa morrer por esse ideal.
Mas, enquanto não morro, falo e leio.
Justificar-me? Sou quem todos são...
Modificar-me? Para meu igual?...
– Acaba lá com isso, ó coração!

[75]. Cidade da Grã-Bretanha conhecida por sua engenharia. **VOLTAR.**

II

Deuses, forças, almas de ciência ou fé,
Eh! Tanta explicação que nada explica!
Estou sentado no cais, numa barrica,
E não compreendo mais do que de pé.
Porque o havia de compreender?
Pois sim, mas também porque o não havia?
Água do rio, correndo suja e fria,
Eu passo como tu, sem mais valer...
Ó universo, novelo emaranhado,
Que paciência de dedos de quem pensa
Em outra cousa te põe separado?
Deixa de ser novelo o que nos fica...
A que brincar? Ao amor?, à indif'rença?
Por mim só me levanto da barrica.

III

Corre, raio de rio, e leva ao mar
A minha indiferença subjectiva!
Qual “leva ao mar”! Tua presença esquiva
Que tem comigo e com o meu pensar?
Lesma de sorte! Vivo a cavalgar
A sombra de um jumento. A vida viva
Vive a dar nomes ao que não se activa,
Morre a pôr etiquetas ao grande ar...
Escancarado Furness, mais três dias
Te aturarei, pobre engenheiro preso
A sucessibilíssimas vistorias...
Depois, ir-me-ei embora, eu e o desprezo
(E tu irás do mesmo modo que ias),
Qualquer, na gare, de cigarro aceso...

IV

Conclusão a sucata!... Fiz o cálculo,
Saiu-me certo, fui elogiado...
Meu coração é um enorme estrado
Onde se expõe um pequeno animálculo...
A microscópio de desilusões
Findei, prolixo nas minúcias fúteis...
Minhas conclusões práticas, inúteis...
Minhas conclusões teóricas, confusões...
Que teorias há para quem sente
O cérebro quebrar-se, como um dente
Dum pente de mendigo que emigrou?
Fecho o caderno dos apontamentos
E faço riscos moles e cinzentos
Nas costas do envelope do que sou...

V

Há quanto tempo, Portugal, há quanto
Vivemos separados! Ah, mas a alma
Esta alma incerta, nunca forte ou calma,
Não se distrai de ti, nem bem nem tanto.
Sonho, histérico oculto, um vão recanto...
O rio Furness, que é o que aqui banha,
Só irònicamente me acompanha,
Que estou parado e ele correndo tanto...
Tanto? Sim, tanto relativamente...
Arre, acabemos com as distinções,
As subtilezas, o interstício, o entre,
A metafísica das sensações –
Acabemos com isto e tudo mais...
Ah, que ânsia humana de ser rio ou cais!

*

O frio especial das manhãs de viagem,
A angústia da partida, carnal no arrepanhar
Que vai do coração à pele,
Que chora virtualmente embora alegre.

*

No fim de tudo dormir.

No fim de quê?

No fim do que tudo parece ser...,

Este pequeno universo provinciano entre os astros,

Esta aldeola do espaço,

E não só do espaço visível, mas até do espaço total.

*

A vida é para os inconscientes (ó Lília, Celimène,

[Daisy)

E o consciente é para os mortos – o consciente sem a

[Vida.

Fumo o cigarro que cheira bem à margem dos outros,
E sou ridículo para eles porque os observo e me

[observam.

Mas não me importo.

Desdobro-me em Caeiro e em técnico,

– Técnico de máquinas, técnico de gente, técnico de

[modas...

E do que descubro em meu torno não sou responsável

[nem em verso.

O estandarte roto, cosido a seda, dos impérios de Maple –
Metam-o na gaveta das coisas póstumas e basta...

*

Gostava de gostar de gostar.
Um momento... Dá-me de ali um cigarro,
Do maço em cima da mesa de cabeceira.
Continua... Dizias
Que no desenvolvimento da metafísica
De Kant a Hegel
Alguma coisa se perdeu.
Concordo em absoluto.
Estive realmente a ouvir.
Nondum amabam et amare amabam^[76] (Santo Agostinho).
Que coisa curiosa estas associações de ideias!
Estou fatigado de estar pensando em sentir outra coisa.
Obrigado. Deixa-me acender. Continua. Hegel...

*

Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os

[olhos,

E o meu destino apareceu-me na alma como um

[precipício.

A minha vida passada misturou-se-me com a futura,

E houve no meio um ruído do salão de fumo,

Onde, aos meus ouvidos, acabara a partida de xadrez.

Ah, balouçado
Na sensação das ondas,
Ah, embalado
Na ideia tão confortável de hoje ainda não ser amanhã,
De pelo menos neste momento não ter
[responsabilidades nenhuma,
De não ter personalidade própria, mas sentir-me
[ali,
Em cima da cadeira como um livro que a sueca ali
[deixasse.
Ah, afundado
Num torpor da imaginação, sem dúvida um pouco
[sono,
Irrequieto tão sossegadamente,
Tão análogo de repente à criança que fui outrora
Quando brincava na quinta e não sabia álgebra,
Nem as outras álgebras com x e y's de sentimento.
Ah, todo eu anseio
Por esse momento sem importância nenhuma
Na minha vida,
Ah, todo eu anseio por esse momento, como por outros
[análogos
Aqueles momentos em que não tive importância
[nenhuma,
Aqueles em que compreendi todo o vácuo da existência
[sem inteligência para o compreender
E havia luar e mar e a solidão, ó Álvaro.

*

O tumulto concentrado da minha imaginação

[intelectual...

Fazer filhos à razão prática, como os crentes enérgicos...

Minha juventude perpétua

De viver as coisas pelo lado das sensações e não das

[responsabilidades.

(Álvaro de Campos, nascido no Algarve, educado por

[um tio-avô,

padre, que lhe instilou um certo amor às coisas clássicas).

(Veio para Lisboa muito novo...)

A capacidade de pensar o que sinto que me distingue

[do homem vulgar

Mais do que ele se distingue do macaco.

(Sim, amanhã o homem vulgar talvez me leia e

[compreenda a substância do meu ser,

Sim, admito-o,

Mas o macaco já hoje sabe ler o homem vulgar e lhe

[compreende a substância do ser).

Se alguma coisa foi porque é que não é?

Ser não é ser?

As flores do campo da minha infância, não as terei

[eternamente,

Em outra maneira de ser?

Perderei para sempre os afectos que tive, e até os afectos

[que pensei ter?

Há alguém que tenha a chave da porta do ser, que não

[tem porta,

E me possa abrir com razões a inteligência do mundo?

*

Ah, perante esta única realidade, que é o mistério,
Perante esta única realidade terrível – a de haver uma

[realidade,

Perante este horrível ser que é haver ser,
Perante este abismo de existir um abismo,
Este abismo de a existência de tudo ser um abismo,
Ser um abismo por simplesmente ser,
Por poder ser,
Por haver ser!

– Perante isto tudo como tudo o que os homens fazem,
Tudo o que os homens dizem,
Tudo quanto constroem, desfazem ou se constroem ou

[desfaz através deles,

Se empequena!

Não, não se empequena... se transforma em outra coisa –
Numa só coisa tremenda e negra e impossível,
Uma coisa que está para além dos deuses, de Deus, do

[Destino –

Aquilo que faz que haja deuses e Deus e Destino.
Aquilo que faz que haja ser para que possa haver seres,
Aquilo que subsiste através de todas as formas
De todas as vidas, abstratas ou concretas,
Eternas ou contingentes,
Verdadeiras ou falsas!

Aquilo que, quando se abrangeu tudo, ainda ficou fora,
Porque quando se abrangeu tudo não se abrangeu

[explicar porque é um tudo,

Porque há qualquer coisa, porque há qualquer coisa,

[porque há qualquer coisa!

Minha inteligência tornou-se um coração cheio de pavor,
E é com minhas ideias que tremo, com a minha

[consciência de mim,

Com a substância essencial do meu ser abstracto
Que sufoco de incompreensível,
Que me esmago de ultratranscendente,
E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser,

Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!
Cárcere do Ser, não há libertação de ti?
Cárcere de pensar, não há libertação de ti?
Ah, não, nenhuma – nem morte, nem vida, nem Deus!
Nós, irmãos gémeos do Destino em ambos existirmos,
Nós, irmãos gémeos dos Deuses todos, de toda a espécie,
Em sermos o mesmo abismo, em sermos a mesma

[sombra,

Sombra sejamos, ou sejamos luz, sempre a mesma noite.
Ah, se afronto confiado a vida, a incerteza da sorte,
Sorridente, impensando, a possibilidade quotidiana de

[todos os males,

Inconsciente o mistério de todas as coisas e de todos os

[gestos,

Porque não afrontarei sorridente, inconsciente, a Morte?

Ignoro-a? Mas que é que eu não ignoro?

A pena em que pego, a letra que escrevo, o papel em

[que escrevo,

São mistérios menores que a Morte? Como se tudo é o

[mesmo mistério?

E eu escrevo, estou escrevendo, por uma necessidade

[sem nada.

Ah, afronte eu como um bicho a morte que ele não

[sabe que existe!

Tenho eu a inconsciência profunda de todas as coisas

[naturais,

Pois, por mais consciência que tenha, tudo é

[inconsciência,

Salvo o ter criado tudo, e o ter criado tudo ainda é

[inconsciência,

Porque é preciso existir para se criar tudo,

E existir é ser inconsciente, porque existir é ser possível

[haver ser,

E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses.

*

Contudo, contudo,
Também houve gládios e flâmulas de cores
Na Primavera do que sonhei de mim.
Também a esperança
Orvalhou os campos da minha visão involuntária,
Também tive quem também me sorrisse.
Hoje estou como se esse tivesse sido outro.
Quem fui não me lembra senão como uma história

[apensa.

Quem serei não me interessa, como o futuro do mundo.
Caí pela escada abaixo súbitamente,
E até o som de cair era a gargalhada da queda.
Cada degrau era a testemunha importuna e dura
Do ridículo que fiz de mim.
Pobre do que perdeu o lugar oferecido por não ter
[casaco limpo com que aparecesse,
Mas pobre também do que, sendo rico e nobre,
Perdeu o lugar do amor por não ter casaco bom dentro

[do desejo.

Sou imparcial como a neve
Nunca preferi o pobre ao rico,
Como, em mim, nunca preferi nada a nada.
Vi sempre o mundo independentemente de mim.
Por trás disso estavam as minhas sensações vivíssimas,
Mas isso era outro mundo.
Contudo a minha mágoa nunca me fez ver negro o que

[era cor de laranja.

Acima de tudo o mundo externo!

Eu que me aguento comigo e com os amigos de mim. [77]

*

Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as

[outras,

Acordar da rua do Ouro,

Acordar do Rossio, às portas dos cafés,

Acordar

E no meio de tudo a gare, que nunca dorme,

Como um coração que tem que pulsar através da

[vigília e do sono.

Toda a manhã que raia, raia sempre no mesmo lugar,

Não há manhãs sobre cidades, ou manhãs sobre o campo.

À hora em que o dia raia, em que a luz estremece a

[erguer-se

Todos os lugares são o mesmo lugar, todas as terras são

[a mesma,

E é eterna e de todos os lugares a frescura que sobe por

[tudo

Uma espiritualidade feita com a nossa própria carne,

Um alívio de viver de que o nosso corpo partilha,

Um entusiasmo por o dia que vai vir, uma alegria por

[o que pode acontecer de bom.

São os sentimentos que nascem de estar olhando para

[a madrugada,

Seja ela a leve senhora dos cumes dos montes,

Seja ela a invasora lenta das ruas das cidades que vão

[leste-oeste,

Seja.

A mulher que chora baixinho

Entre o ruído da multidão em vivas...

O vendedor de ruas, que tem um pregão esquisito,

Cheio de individualidade para quem repara...

O arcanjo isolado, escultura numa catedral,

Siringe fugindo aos braços estendidos de Pã,

Tudo isto tende para o mesmo centro,

Busca encontrar-se e fundir-se

Na minha alma.

Eu adoro todas as coisas

E o meu coração é um albergue aberto toda a noite.

Tenho pela vida um interesse ávido

Que busca compreendê-la sentindo-a muito.

Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,

Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas,

Para aumentar com isso a minha personalidade.

Pertenço a tudo para pertencer cada vez mais a mim

[próprio

E a minha ambição era trazer o universo ao colo

Como uma criança a quem a ama beija.

Eu amo todas as coisas, umas mais do que as outras,

Não nenhuma mais do que outra, mas sempre mais as

[que estou vendo

Do que as que vi ou verei.

Nada para mim é tão belo como o movimento e as

[sensações.

A vida é uma grande feira e tudo são barracas e

[saltimbancos.

Penso nisto, enterno-me mas não sossego nunca.

Dá-me lírios, lírios,

E rosas também.

Dá-me rosas, rosas,
E lírios também,
Crisântemos, dalias,
Violetas, e os girassóis
Acima de todas as flores...
Deita-me às mancheias,
Por cima da alma,
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também...
Meu coração chora
Na sombra dos parques,
Não tem quem o console
Verdadeiramente,
Exceto a própria sombra dos parques
Entrando-me na alma,
Através do pranto.
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também...
Minha dor é velha
Como um frasco de essência cheio de pó.
Minha dor é inútil
Como uma gaiola numa terra onde não há aves,
E minha dor é silenciosa e triste
Como a parte da praia onde o mar não chega.
Chego às janelas
Dos palácios arruinados
E cismo de dentro para fora
Para me consolar do presente.
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também...
Mas por mais rosas e lírios que me dê,
Eu nunca acharei que a vida é bastante.
Faltar-me-á sempre qualquer coisa,
Sobrar-me-á sempre de que desejar,
Como um palco deserto.
Por isso, não te importes com o que penso,
E muito embora o que eu te peça

Te pareça que não quer dizer nada,
Minha pobre criança tísica,
Dá-me das tuas rosas e dos teus lírios,
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também...

*

Dá-me rosas, rosas,
E lírios também,
Todas as flores são belas,
Todas as flores consolam,
Mas neste momento dos meus nervos,
Só me aprazem certas flores...
Por isso deita-me às mancheias,
Por cima da alma,
Só lírios e rosas...
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também...
Meu coração chora
Na sombra dos parques.
Não tenho quem o console
Verdadeiramente,
Excepto a própria sombra dos parques
Entrando-me na alma,
Através do pranto.
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também...
Minha dor é velha
Como um frasco de essência cheio de pó.
Minha dor é inútil
Como uma gaiola numa terra onde não há aves,
E minha dor é silenciosa e triste
Como a parte da praia onde o mar não chega.
Chego às janelas
Dos palácios arruinados
E cismo de dentro para fora
Para me consolar do presente.
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também...
Mas por mais rosas e lírios que me dê,
Eu nunca acharei que a vida é bastante.
Faltar-me-á sempre qualquer coisa,
Sobrar-me-á sempre de que desejar,

Como um palco deserto.
Por isso, não te importes com o que eu penso,
E muito embora o que eu te peça
Te pareça que não quer dizer nada,
Minha pobre criança tísica,
Dá-me das tuas rosas e dos teus lírios,
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também...
A mulher que chora baixinho
Entre o ruído da multidão em vivas...
O vendedor de ruas, que tem um pregão esquisito,
Cheio de individualidade para quem repara...
O arcanjo isolado, escultura numa catedral,
Siringe fugindo aos braços estendidos de Pã,
Tudo isto tende para o mesmo centro,
Busca encontrar-se e fundir-se
Na minha alma.
Eu adoro todas as cousas
E o meu coração é um albergue aberto toda a noite.
Tenho pela vida um interesse ávido
Que busca compreendê-la sentindo-a muito.
Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,
Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas,
Para aumentar com isso a minha personalidade.
Pertença a tudo para pertencer cada vez mais a mim

[próprio

E a minha ambição era trazer o universo ao colo
Como uma criança a quem a ama beija.
Eu amo todas as cousas, umas mais do que as outras –
Não nenhuma mais do que outra, mas sempre mais as

[que estou vendo

Do que as que vi ou verei.
Nada para mim é tão belo como o movimento e as

[sensações.

A vida é uma grande feira e tudo são barracas e

[saltimbancos.

Penso nisto, enterno-me mas não sossego nunca.

Dá-me lírios, lírios
E rosas também.

*

Hoje estou triste como um barco negro ao sol.
Minha alegria foi-se embora com as malas.
Meu coração anda por casa do silêncio
Abrindo as portas e espreitando para os quartos.
E tudo isto, que não tem nenhum sentido,
É o sentido essencial da minha vida...
Lembro-me bem do seu olhar.
Ele atravessa ainda a minha alma
Como um risco de fogo na noite.
Lembro-me bem do seu olhar.
O resto...
Sim o resto parece-se apenas com a vida.
Ontem, passei nas ruas como qualquer pessoa.
Olhei para as montras despreocupadamente
E não encontrei amigos com quem falar.
De repente vi que estava triste, mortalmente triste,
Tão triste que me pareceu que me seria impossível
Viver amanhã, não porque morresse ou me matasse,
Mas porque seria impossível viver amanhã e mais nada.
Fumo, sonho, recostado na poltrona.
Dói-me viver como uma posição incómoda.
Deve haver ilhas lá para o sul das cousas
Onde sofrer seja uma cousa mais suave,
Onde viver custe menos ao pensamento,
E onde a gente possa fechar os olhos e adormecer ao sol
E acordar sem ter que pensar em responsabilidades

[sociais

Nem no dia do mês ou da semana que é hoje.
Abrigo no meu peito, como a um inimigo que temo

[ofender,

Um coração exageradamente espontâneo
Que sente tudo o que eu sonho como se fosse real
Que bate com o pé a melodia das canções que o meu

[pensamento canta,

Canções tristes, como as ruas estreitas quando chove.
Dai-me rosas e lírios,

Dai-me flores, muitas flores,
Quaisquer flores, logo que sejam muitas...
Não, nem sequer muitas flores, falai-me apenas
Em me dardes muitas flores.
Nem isso... Escutai-me apenas pacientemente quando

[vos peço

Que me deis flores...
Sejam essas as flores que me deis...
Ah, a minha tristeza dos barcos que passam no rio
Sob o céu cheio de sol!
A minha agonia da realidade lúcida!
Desejo de chorar absolutamente como uma criança
Com a cabeça encostada aos braços cruzados em cima

[da mesa

E a vida sentida como uma brisa que me roçasse o

[pescoço,

Estando eu a chorar naquela posição.
O homem que apara o lápis à janela do escritório
Chama pela minha atenção com as mãos do seu gesto

[banal.

Haver lápis, e aparar lápis, e gente que os apara à janela

[é tão estranho

É tão fantástico que estas cousas sejam reais!
Olho para ele até esquecer o sol e o céu.
E a realidade do mundo faz-me dores de cabeça.
A flor caída no chão.
A flor murcha (rosa branca amarelecendo)
Caída no chão...
Qual é o sentido da vida
(que sentido tem a vida?)

*

Ah quando nos fazemos ao mar
Quando largamos da terra, quando a vamos perdendo

[de vista,

Quando tudo se vai enchendo do vento puramente

[marítimo,

Quando a costa se torna uma linha sombria,
Uma linha cada vez mais vaga no anoitecer (pairam

[luzes)...

Ah então que alegria de liberdade para quem se sente.
Cessa de haver razão para existir socialmente.
Não há já razões para amar odiar descrer,
Não haja leis, não há mágoas que tenham sabor humano...
Há só a Partida Abstracta, o movimento das águas,
O movimento do afastamento, o som
Das ondas marulhando à proa,
E uma grande paz intranquila entrando nervosa, no

[espírito.

Ah, ter toda a minha vida
Fixa instavelmente num momento destes,
Ter todo o sentido da minha duração sobre a terra
Tornado um afastamento dessa costa onde deixei tudo –
Amores, irritações, tristezas, cumplicidades, deveres,
A angústia irrequieta dos remorsos,
A fadiga da inutilidade de tudo,
A saciedade até das cousas imaginadas,
A náusea, as luzes,
As pálpebras pesadas sobre a minha vida perdida...
Irei pra longe, pra longe! Pra longe, ó barco sem causa,
Para a irresponsabilidade pré-histórica das águas eternas,
Para longe, para sempre para longe, ó morte.
Quando souber onde para longe e porque para longe,

[ó vida...

*

Sucata de alma vendida pelo peso do corpo,
Se algum guindaste te eleva é para te despejar –
Nenhum guindaste te eleva senão para te baixar.
Olho analiticamente, sem querer, o que romantizo sem

[querer...

*

Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,
Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade é um excesso, uma violência,
Uma alucinação extraordinariamente nítida
Que vivemos todos em comum com a fúria das almas,
O centro para onde tendem as estranhas forças

[centrífugas

Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos.
Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como

[várias pessoas,

Quanto mais personalidade eu tiver,
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente

[atento,

Estiver, sentir, viver, for,
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.
Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,
Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,
E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco.
Cada alma é uma escada para Deus,
Cada alma é um corredor-Universo para Deus,
Cada alma é um rio correndo por margens de Externo
Para Deus e em Deus com um sussurro soturno.

Sursum corda! [\[78\]](#) Erguei as almas! Toda a Matéria é

[Espírito,

Porque Matéria e Espírito são apenas nomes confusos
Dados à grande sombra que ensopa o Exterior em sonho
E funde em Noite e Mistério o Universo Excessivo!
Sursum corda! Na noite acordo, o silêncio é grande,
As coisas, de braços cruzados sobre o peito, reparam
Com uma tristeza nobre para os meus olhos abertos
Que as vê como vagos vultos nocturnos na noite negra.

Sursum corda! Acordo na noite e sinto-me diverso.
Todo o Mundo com a sua forma visível do costume
Jaz no fundo dum poço e faz um ruído confuso,
Escuto-o, e no meu coração um grande pasmo soluça.
Sursum corda! Ó Terra, jardim suspenso, berço
Que embala a Alma dispersa da humanidade sucessiva!
Mãe verde e florida todos os anos recente,
Todos os anos vernal, estival, outonal, hiemal,
Todos os anos celebrando às mancheias as festas de

[Adónis

Num rito anterior a todas as significações,
Num grande culto em tumulto pelas montanhas e os

[vales!

Grande coração pulsando no peito nu dos vulcões,
Grande voz acordando em cataratas e mares,
Grande bacante ébria do Movimento e da Mudança,
Em cio de vegetação e florescência rompendo
Teu próprio corpo de terra e rochas, teu corpo submisso
À tua própria vontade transtornadora e eterna!
Mãe carinhosa e unânime dos ventos, dos mares, dos

[prados,

Vertiginosa mãe dos vendavais e ciclones,
Mãe caprichosa que faz vegetar e secar,
Que perturba as próprias estações e confunde
Num beijo imaterial os sóis e as chuvas e os ventos!
Sursum corda! Reparo para ti e todo eu sou um hino!
Tudo em mim como um satélite da tua dinâmica íntima
Volteia serpenteando, ficando como um anel
Nevoento, de sensações reminescidas e vagas,
Em torno ao teu vulto interno, túrgido e fervoroso.
Ocupa de toda a tua força e de todo o teu poder quente
Meu coração a ti aberto!
Como uma espada traspassando meu ser erguido e

[extático,

Intersecciona com meu sangue, com a minha pele e os

[meus nervos,

Teu movimento contínuo, contíguo a ti própria sempre.

Sou um monte confuso de forças cheias de infinito
Tendendo em todas as direções para todos os lados do

[espaço,

A Vida, essa coisa enorme, é que prende tudo e tudo une
E faz com que todas as forças que raivam dentro de mim
Não passem de mim, não quebrem meu ser, não partam

[meu corpo,

Não me arremessem, como uma bomba de Espírito que

[estoira

Em sangue e carne e alma espiritualizados para entre

[as estrelas,

Para além dos sóis de outros sistemas e dos astros

[remotos.

Tudo o que há dentro de mim tende a voltar a ser tudo.
Tudo que há dentro de mim tende a despejar-me no

[chão,

No vasto chão supremo que não está em cima nem em

[baixo

Mas sob as estrelas e os sóis, sob as almas e os corpos
Por uma oblíqua posse dos nossos sentidos intelectuais.
Sou uma chama ascendendo, mas ascendo para baixo

[e para cima,

Ascendo para todos os lados ao mesmo tempo, sou um

[globo

De chamas explosivas buscando Deus e queimando

A crosta dos meus sentidos, o muro da minha lógica,

A minha inteligência limitadora e gelada.

Sou uma grande máquina movida por grandes correias

De que só vejo a parte que pega nos meus tambores,

O resto vai para além dos astros, passa para além dos sóis,

E nunca parece chegar ao tambor donde parte...

Meu corpo é um centro dum volante estupendo e infinito

Em marcha sempre vertiginosa em torno de si,

Cruzando-se em todas as direções com outros volantes,

Que se entrepenetram e misturam, porque isto não é

[no espaço

Mas não sei onde espacial de uma outra maneira-Deus.

Dentro de mim estão presos e atados ao chão
Todos os movimentos que compõem o universo,
A fúria minuciosa e dos átomos,
A fúria de todas as chamas, a raiva de todos os ventos,
A espuma furiosa de todos os rios, que se precipitam.
A chuva como pedras atiradas de catapultas
De enormes exércitos de anões escondidos no céu.
Sou um formidável dinamismo obrigado ao equilíbrio
De estar dentro do meu corpo, de não transbordar da

[minh'alma.

Ruge, estoura, vence, quebra, estrondeia, sacode,
Freme, treme, espuma, venta, viola, explode,
Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te, rompe e foge,
Sê com todo o meu corpo todo o universo e a vida,
Arde com todo o meu ser todos os lumes e luzes,
Risca com toda a minha alma todos os relâmpagos e

[fogos,

Sobrevive-me em minha vida em todas as direcções!

*

Uma vontade física de comer o universo
Toma às vezes o lugar do meu pensamento...
Uma fúria desmedida
A conquistar a posse como que observadora
Dos céus e das estrelas
Persegue-me como um remorso de não ter cometido

[um crime.

Como quem olha um mar
Olho os que partem em viagem...
Olho os comboios como quem os estranha
Grandes coisas férreas e absurdas que levam almas,
Que levam consciências da vida e de si-próprias
Para lugares verdadeiramente reais,
Para os lugares que – custa a crer – realmente existem
Não sei como, mas é no espaço e no tempo
E têm gente que tem vidas reais
Seguidas hora a hora como as nossas vidas...
Ah, por uma nova sensação física
Pela qual eu possuísse o universo inteiro
Um uno tacto que fizesse pertencer-me,
A meu ser possuidor fisicamente,
O universo com todos os seus sóis e as suas estrelas
E as vidas múltiplas das suas almas...

*

Toda a gente é interessante se a gente souber ver toda a

[gente.

Que obra-prima virtual cada cara que existe!

Que expressões em todas, em tudo!

Que extraordinário perfil qualquer perfil!

Vista de frente, que cara qualquer cara!

Os gestos humanos de cada qual, que humanos os gestos!

*

Que somos nós? Navios que passam um pelo outro na

[noite,

Cada um a vida das linhas das vigias iluminadas

E cada um sabendo do outro só que há vida lá dentro e

[mais nada.

Navios que se afastam ponteados de luz na treva,

Cada um indeciso diminuindo para cada lado do negro

Tudo mais é a noite calada e o frio que sobe das águas.

*

Mas eu não tenho problemas; tenho só mistérios.

Todos choram as minhas lágrimas, porque as minhas

[lágrimas são tudo.

Todos sofrem no meu coração, porque o meu coração

[é tudo.

*

Não tenho sinceridade nenhuma que te dar.
Se te falo, adapto instintivamente frases
A um sentido que me esqueço de ter.

*

O melodioso sistema do Universo,
O grande festival pagão de haver o sol e a lua
E a titânica dança das estações
E o ritmo plácido das eclípticas
Mandando tudo estar calado.
E atender apenas ao brilho exterior do universo.

*

O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo.
O que há é pouca gente para dar por isso.
óóóó—óóóóóóóóóó—óóóóóóóóóóóóóóó
(O vento lá fora).

*

Ai, Margarida,
Se eu te desse a minha vida,
Que farias tu com ela?
– Tirava os brincos do prego,
Casava c’um homem cego
E ia morar para a Estrela.
Mas, Margarida,
Se eu te desse a minha vida,
Que diria tua mãe?
– (Ela conhece-me a fundo.)
Que há muito parvo no mundo,
E que eras parvo também.
E Margarida,
Se eu te desse a minha vida
No sentido de morrer?
– Eu iria ao teu enterro,
Mas achava que era um erro
Querer amar sem viver.
Mas Margarida,
Se este dar-te a minha vida
Não fosse senão poesia?
– Então, filho, nada feito.
Fica tudo sem efeito.
Nesta casa não se fã.
Comunicado pelo Engenheiro Naval
Sr. Álvaro de Campos em estado
de inconsciência
alcoólica.

*

No conflito escuro e besta
Entre a luz e o lojame,
Que ao menos luz se derrame
Sobre a verdade, que é esta:
Como é uso dos lojistas
Aumentar aos cem por cento,
Protestam contra um aumento
Que é reles às suas vistas.
E gritam que é enxovalho
Que os grandes, quando ladrões,
Nem guardem as tradições
Dos gatunos de retalho.
Luzistas, que vos ocorra
Roubar duzentos por cento!
E acaba logo o argumento
Entre a Máfia e a Camorra...

*

Ora porra!

Então a imprensa portuguesa é
que é a imprensa portuguesa?

Então é esta merda que temos
que beber com os olhos?

Filhos da puta! Não, que nem
há puta que os parisse.

*

ARRE, que tanto é muito pouco!

Arre, que tanta besta é muito pouca gente!

Arre, que o Portugal que se vê é só isto!

Deixem ver o Portugal que não deixam ver!

Deixem que se veja, que esse é que é Portugal!

Ponto.

Agora começa o Manifesto:

Arre!

Arre!

Oiçam bem:

ARRRRRE!

*

Não, não é cansaço...
É uma quantidade de desilusão
Que se me entranha na espécie de pensar,
É um domingo às avessas
Do sentimento,
Um feriado passado no abismo...
Não, cansaço não é...
É eu estar existindo
E também o mundo,
Com tudo aquilo que contém,
Com tudo aquilo que nele se desdobra
E afinal é a mesma coisa variada em cópias iguais.
Não. Cansaço porquê?
É uma sensação abstracta
Da vida concreta –
Qualquer coisa como um grito
Por dar,
Qualquer coisa como uma angústia
Por sofrer,
Ou por sofrer completamente,
Ou por sofrer como...
Sim, ou por sofrer como...
Isso mesmo, como...
Como quê?...
Se soubesse, não haveria em mim este falso cansaço.
(Ai, cegos que cantam na rua,
Que formidável realejo
Que é a guitarra de um, e a viola do outro, e a voz dela!)
Porque oiço, vejo.
Confesso: é cansaço!...

*

Mas eu, em cuja alma se reflectem
As forças todas do universo,
Eu cuja reflexão emotiva e sacudida
Minuto a minuto, emoção a emoção,
Coisas antagónicas e absurdas se sucedem –
Eu o foco inútil de todas as realidades,
Eu o fantasma nascido de todas as sensações,
Eu o abstrato, eu o projectado no écran,
Eu a mulher legítima e triste do Conjunto,
Eu sofro ser eu através disto tudo como ter sede sem

[ser de água.

*

O descalabro a ócio e estrelas...

Nada mais...

Farto...

Arre...

Todo o mistério do mundo entrou para a minha vida

[económica.

Basta!...

O que eu queria ser, e nunca serei, estraga-me as ruas.

Mas então isto não acaba?

É destino?

Sim, é o meu destino

Distribuído pelos meus conseguimentos no lixo

E os meus propósitos à beira da estrada –

Os meus conseguimentos rasgados por crianças,

Os meus propósitos mijados por mendigos,

E toda a minha alma uma toalha suja que escorregou

[para o chão.

.....
O horror do som do relógio à noite na sala de jantar de

[uma casa de província –

Toda a monotonia e a fatalidade do tempo...

O horror súbito do enterro que passa

E tira a máscara a todas as esperanças.

Ali...

Ali vai a conclusão.

Ali, fechado e selado,

Ali, debaixo do chumbo lacrado e com cal na cara

Vai, que pena como nós,

Vai o que sentiu como nós,

Vai o nós!

Ali, sob um pano cru acro é horroroso como uma

[abóboda de cárcere

Ali, ali, ali... E eu?

*

Todos julgamos que seremos vivos depois de mortos.
Nosso medo da morte é o de sermos enterrados vivos.
Queremos ao pé de nós os cadáveres dos que amámos
Como se aquilo ainda fosse eles
E não o grande maillot interior que a nascença nos deu.

*

Meu corpo é a minha roupa de baixo; que me importa
Que o seu carácter de lixo seja terra de jazigo
Que aqui ou ali a coma a traça orgânica toda?
Eu sou Eu.
Que tenho eu com a roupa cadáver que deixo?
Que tem o eu com as calças?
Viva eu porque estou morto! Viva!
Então não teremos nós cuecas por esse infinito fora?
O quê, o para além dos astros nem me dará outra camisa?
Bolas, deve haver lojas nas grandes ruas de Deus.
Irei vestido de astros, com o sol por chapéu de coco
No grande Carnaval do espaço entre Deus e a vida.
Entremos na morte com alegria! Caramba
O ter que vestir fato, o ter que lavar o corpo,
O ter que ter razão, similhaças, maneiras e modos;
O ter rins, fígado, pulmões, brônquios, dentes.
Cousas onde há dor e sangue e moléstias
(Merda para isso tudo!)
Estou morto, de tédio também
Eu bato, a rir, com a cabeça nos astros
Como se desse com ela num arco de brincadeira
Estendido, no carnaval, de um lado ao outro do corredor,
Eu, assombroso e desumano,
Indistinto a esfinges claras,
Vou embrulhar-me em estrelas
E vou usar o Sol como chapéu de coco
Neste grande carnaval do depois de morrer.
Vou trepar, com uma mosca ou um macaco pelo sólido
Do vasto céu arqueado em mundo,
Associando a monotonia dos espaços abstractos
Com a minha presença subtilíssima.

*

Ora até que enfim..., perfeitamente...

Cá está ela!

Tenho a loucura exactamente na cabeça.

Meu coração estoirou como uma bomba de pataco,

E a minha cabeça teve o sobressalto pela espinha acima...

Graças a Deus que estou doido!

Que tudo quanto dei me voltou em lixo,

E, como cuspo atirado ao vento,

Me dispersou pela cara livre!

Que tudo quanto fui se me atou aos pés,

Como a sarapilheira para embrulhar coisa nenhuma!

Que tudo quanto pensei me faz cócegas na garganta

E me quer fazer vomitar sem eu ter comido nada!

Graças a Deus, porque, como na bebedeira,

Isto é uma solução.

Arre, encontrei uma solução, e foi preciso o estômago!

Encontrei uma verdade, senti-a com os intestinos!

Poesia transcendental, já a fiz também!

Grandes raptos líricos, também já por cá passaram!

A organização de poemas relativos à vastidão de cada

[assunto resolvido em vários –

Também não é novidade.

Tenho vontade de vomitar, e de me vomitar a mim...

Tenho uma náusea que, se pudesse comer o universo

[para o despejar na pia, comia-o.

Com esforço, mas era para bom fim.

Ao menos era para um fim.

E assim como sou não tenho nem fim nem vida...

*

O mesmo Teucro duce et auspice Teucro

É sempre cras – amanhã – que nos faremos ao mar. [79]

Sossega, coração inútil, sossega!

Sossega, porque nada há que esperar,

E por isso nada que desesperar também...

Sossega... Por cima do muro da quinta

Sobe longínquo o olival alheio.

Assim na infância vi outro que não era este:

Não sei se foram os mesmos olhos da mesma alma que

[o viram.

Adiamos tudo, até que a morte chegue.

Adiamos tudo e o entendimento de tudo,

Com um cansaço antecipado de tudo,

Com uma saudade prognóstica e vazia.

*

Ah, onde estou ou onde passo, ou onde não estou nem

[passo,

A banalidade devorante das caras de toda a gente!

Ah, a angústia insuportável de gente!

O cansaço inconvertível de ver e ouvir!

(Murmúrio outrora de regatos próprios, de arvoredos

[meu).

Queria vomitar o que vi, só da náusea de o ter visto,

Estômago da alma alvorotado de eu ser...

*

Que lindos olhos de azul inocente os do pequenito do

[agiota!

Santo Deus, que entroncamento esta vida!

Tive sempre, feliz ou infelizmente, a sensibilidade

[humanizada,

E toda a morte me doeu sempre pessoalmente,

Sim, não só pelo mistério de ficar inexpressivo o orgânico,

Mas de maneira directa, cá do coração.

Como o sol doura as casas dos réprobos!

Poderei odiá-los sem desfazer no sol?

Afinal que coisa a pensar com o sentimento distraído

Por causa dos olhos de criança de uma criança...

*

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Bailando no mar!
Suave, todo o passado – o que foi aqui de Lisboa – me

[surge...

O terceiro andar das tias, o sossego de outrora,
Sossego de várias espécies,
A infância sem o futuro pensado,
O ruído aparentemente contínuo da máquina de

[costura delas,

E tudo bom e a horas,
De um bem e de um a-horas próprio, hoje morto.
Meu Deus, que fiz eu da vida?
Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Bailando no mar!
Quem é que cantava isso?
Isso estava lá.
Lembro-me mas esqueço.
E dói, dói, dói...
Por amor de Deus, parem com isso dentro da minha

[cabeça.

*

O ter deveres, que prolixa coisa!
Agora tenho eu que estar à uma menos cinco
Na Estação do Rossio, tabuleiro superior – despedida
Do amigo que vai no “Sud Express” de toda a gente
Para onde toda a gente vai, o Paris...
Tenho que lá estar
E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande
Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava...
Brincadeira de crianças?
Não, descarrilava a valer...
Que leve a minha vida dentro, arre, quando descarrile! ...
Tenho desejo forte,
E o meu desejo, porque é forte, entra na substância do

[mundo.

*

Começo a conhecer-me. Não existo.

Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me

[fizeram,

Ou metade desse intervalo, porque também há vida...

Sou isso, enfim...

Apague a luz, feche a porta e deixe de ter barulho de

[chinelas no corredor.

Fique eu no quarto só com o grande sossego de mim

[mesmo.

É um universo barato.

*

Vai pelo cais fora um bulício de chegada próxima,
Começam chegando os primitivos da espera,
Já ao longe o pacote de África se avoluma e esclarece.
Vim aqui para não esperar ninguém,
Para ver os outros esperar,
Para ser os outros todos a esperar,
Para ser a esperança de todos os outros.
Trago um grande cansaço de ser tanta coisa.
Chegam os retardatários do princípio,
E de repente impaciente-me de esperar, de existir, de ser,
Vou-me embora brusco e notável ao porteiro que me
[dita muito ...mas rapidamente.
Regresso à cidade como à liberdade.
Vale a pena sentir para ao menos deixar de sentir.

*

Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa
Aquele homem mal vestido, pedinte por profissão que
[se lhe vê na cara,

Que simpatiza comigo e eu simpatizo com ele;
E reciprocamente, num gesto largo, transbordante, dei-
[lhe tudo quanto tinha
(Excepto, naturalmente, o que estava na algibeira onde
[trago mais dinheiro:

Não sou parvo nem romancista russo, aplicado,
E romantismo, sim, mas devagar...).
Sinto uma simpatia por essa gente toda,
Sobretudo quando não merece simpatia.
Sim, eu sou também vadio e pedinte,
E sou-o também por minha culpa.
Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pedinte:
É estar ao lado da escala social,
É não ser adaptável às normas da vida,
Às normas reais ou sentimentais da vida –
Não ser Juiz do Supremo, empregado certo, prostituta,
Não ser pobre a valer, operário explorado,
Não ser doente de uma doença incurável,
Não ser sedento da justiça ou capitão de cavalaria,
Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais dos novelistas
Que se fartam de letras porque têm razão para chorar

[lágrimas,
E se revoltam contra a vida social porque têm razão
[para isso supor.

Não: tudo menos ter razão!
Tudo menos importar-me com a humanidade!
Tudo menos ceder ao humanitarismo!
De que serve uma sensação se há uma razão exterior

[para ela?

Sim ser vadio e pedinte, como eu sou,
Não é ser vadio e pedinte, o que é corrente:
É ser isolado na alma, e isso é que é ser vadio,
É ter que pedir aos dias que passem, e nos deixem, e isso

Tudo mais é estúpido como um Dostoiewski ou um
 [é que é ser pedinte.
 [Gorki.
 Tudo mais é ter fome ou não ter que vestir.
 E, mesmo que isso aconteça, isso acontece a tanta gente
 Que nem vale a pena ter pena da gente a quem isso
 [acontece.
 Sou vadio e pedinte a valer, isto é, no sentido translato,
 E estou-me rebolando numa grande caridade por mim.
 Coitado do Álvaro de Campos!
 Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações!
 Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia!
 Coitado dele, que com lágrimas (autênticas) nos olhos,
 Deu hoje, num gesto largo, liberal e moscovita,
 Tudo quanto tinha, na algibeira em que tinha pouco,
 [àquele
 Pobre que não era pobre, que tinha olhos tristes por
 [profissão.
 Coitado do Álvaro de Campos, com quem ninguém se
 [importa!
 Coitado dele que tem tanta pena de si mesmo!
 E, sim, coitado dele!
 Mais coitado dele que de muitos que são vadios e vadiam,
 Que são pedintes e pedem,
 Porque a alma humana é um abismo.
 Eu é que sei. Coitado dele!
 Que bom poder-me revoltar num comício dentro da
 [minha alma!
 Mas até nem parvo sou!
 Nem tenho a defesa de poder ter opiniões sociais.
 Não tenho, mesmo, defesa nenhuma; sou lúcido.
 Não me queiram converter a convicção: sou lúcido.
 Já disse: sou lúcido.
 Nada de estéticas com coração: sou lúcido.
 Merda! Sou lúcido.

*

A alma humana é porca como um cu
E a Vantagem dos canalhas pesa em muitas imaginações.
Meu coração desgosta-se de tudo com uma náusea do

[estômago.

A Távola Redonda foi vendida a peso,
E a biografia do Rei Artur, um galante escreveu-a...
Mas a sucata da Cavalaria
Ainda corria nossas almas, como um perfil Distinto.

*

Está frio.

Ponho sobre os ombros o capote que me lembra um

[chale –

O chale que minha tia me punha aos ombros na infância

Mas os ombros da minha infância sumiram-se muito

[para dentro dos meus ombros,

E o meu coração da infância desceu-se muito, para

[dentro do meu coração.

Sim, está frio...

Está frio em tudo que sou, está frio...

Minhas próprias ideias têm frio, como gente velha...

E o frio que eu tenho das minhas ideias terem frio é

[mais frio do que elas.

Engelho o capote à minha volta...

O Universo da gente... a gente... as pessoas todas!...

A multiplicidade da humanidade misturada,

Sim, aquilo a que chamamos a vida, como se só

[houvesse astros e estrelas...

Sim, a vida...

Meus ombros descaem tanto que o capote resvala...

Querem consertar melhor? Puxem-me para cima o

[capote.

Ah, parte a cara à vida!

Liberta-te com estrondo no sossego de ti!

*

Na ampla sala de jantar das tias velhas
O relógio tictaqueava o tempo mais devagar.
Ah o horror da felicidade que se não conheceu
Por se ter conhecido sem se conhecer,
O horror do que foi porque o que está está aqui.
Chá com torradas na província de outrora
Em quantas cidades me tens sido memória e choro!
Eternamente criança,
Eternamente abandonado,
Desde que o chá e as torradas me faltaram no coração.
Aquece, meu coração!
Aquece ao passado,
Que o presente é só uma rua onde passa quem me

[esqueceu

*

Névoas de todas as recordações juntas
(A institutrice loura dos jardins pacatos)
Recordo tudo a ouro de sol e papel de seda...
E o arco da criança passa vago por quase rente a mim...

*

Não ter emoções, não ter desejos, não ter vontades,
Mas ser apenas, no ar sentido das coisas
Uma emoção abstracta com asas de pensamento,
Não ser desonesto nem não desonesto, separado ou

[junto,

Nem igual a outros, nem diferente dos outros,
Vivê-los em outrem, separar-se deles
Como quem, distraído, se esquece de si...

*

O que é haver ser, o que é haver seres, o que é haver

[cousas,

O que é haver vida em plantas e bichos e gente,

E cousas que a gente constrói –

Maravilhosa alegria de cousas e de seres –

Perante a ignorância em que estamos de como isto tudo

[pode ser.

*

Mas não é só o cadáver
Essa pessoa horrível que não é ninguém,
Essa novidade abísmica do corpo usual,
Esse desconhecido que aparece por ausência na pessoa [que conhecemos,
Esse abismo cavado entre vermos e entendermos –
Não é só o cadáver que dói na alma com medo,
Que põe um silêncio no fundo do coração,
As cousas usuais externas de quem morreu
Também perturbam a alma, mas com mais ternura no [medo.
Sejam de um inimigo,
Quem pode ver sem saudade a mesa a que ele sentava,
A caneta com que escrevia? Quem pode ver sem uma [angústia própria
O casaco do mendigo morto, onde ele metia as mãos
[(já ausentes para sempre) na algibeira,
Os brinquedos, horivelmente arrumados já, da criança [morta,
A espingarda do caçador desaparecido sem ela para [além de todos os montes?
Tudo isso me pesa de repente no entendimento [estrangeiro
E uma saudade do tamanho da morte apavora-me a [alma...

*

A plácida face anónima de um morto.
Assim os antigos marinheiros portugueses,
Que temeram, seguindo contudo, o mar grande do Fim,
Viram, afinal, não monstros nem grandes abismos,
Mas praias maravilhosas e estrelas por ver ainda.
O que é que os taipais do mundo escondem nas

[montras de Deus?

*

Desfraldando ao conjunto fictício dos céus estrelados
O esplendor do sentido nenhum da vida...
Toquem num arraial a marcha fúnebre minha!
Quero cessar sem consequências...
Quero ir para a morte como para uma festa ao

[crepúsculo.

*

[76]. Ainda não amava e já amava amar. **VOLTAR**

[77]. Variante: 3º verso – Perdeu o lugar do amor por não ter casaco bom dentro das simpatias. **VOLTAR**.

[78]. Coração ao alto! **VOLTAR**

[79]. Referência a “Nil desperandum Teucro duce et auspice Teucro”. (Horácio, Odes, I, 7, 27). “Não há por que desesperar tendo Teucro como capitão e como protetor.” Horácio faz alusão à lenda de Teucro, filho de Telamão, rei da Salamina, que o impediu de desembarcar à sua volta de Troia por não ter impedido o suicídio do irmão, Ájax. O príncipe consola com estas palavras aqueles que o acompanham ao exílio. **VOLTAR**.

CANÇÃO DO MOCHO (AEROPLANO AO NATURAL)

Pio!

D'Annunzio foi pra Fiúme

Pio!

D'Annunzio foi de Fiúme.

Pio?

O que foi d'Annunzio fazer a Fiúme?

Pia

O que é d'Annunzio ou Fiúme?[\[80\]](#)

*

Saudação a todos quantos querem ser felizes:
Saúde e estupidez!

.....

Isto de ter nervos
Ou de ter inteligência
Ou até de julgar que se tem uma coisa ou outra
Há-de acabar um dia...
Há-de acabar com certeza
Se os governos autoritários continuarem.

*

O FUTURO

Sei que me espera qualquer coisa
Mas não sei que coisa me espera.
Como um quarto escuro
Que eu temo quando creio que nada temo
Mas só o temo, por ele, temo em vão.
Não é uma presença: é um frio e um medo.
O mistério da morte a mim o liga
Ao triste fim do meu poema.

[80]. Gabriele d'Annunzio (1863-1938), poeta, romancista, dramaturgo. [VOLTAR](#).

Cronologia

- 1888** – Filho de Joaquim de Seabra Pessoa, funcionário e crítico musical, e de Maria Madalena Pinheiro Nogueira, nasce Fernando António Nogueira Pessoa em 13 de junho, no Largo de São Carlos, em Lisboa.
- 1893** – Nasce o irmão Jorge. O pai, Joaquim Pessoa, morre de tuberculose. A família se instala na casa de Dionísia, avó paterna, louca.
- 1894** – Morre Jorge. Fernando Pessoa cria seu primeiro “heterônimo”, Chevalier de Pas.
- 1895** – Escreve o seu primeiro poema, infantil, intitulado “À minha querida mamã”. A mãe casa por procuração com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban, África do Sul.
- 1896** – Parte com a mãe e um tio-avô, Cunha, para Durban. Nasce a irmã Henriqueta Madalena. Inicia o curso primário na escola de freiras irlandesas da West Street.
- 1897** – Faz a primeira comunhão.
- 1898** – Nasce a outra irmã: Madalena.
- 1899** – Ingressa na Durban High School e, com louvor, passa, na metade do ano, para o ciclo superior.
- 1900** – Nasce o irmão Luís Miguel. Admitido no terceiro ano do liceu, obtém o prêmio de Francês e, no final do ano, em dezembro, é admitido no quarto ano.
- 1901** – Escreve o primeiro poema em inglês: “Separate from thee”. Morre a irmã Madalena. Parte com a família para um ano de férias em Portugal.
- 1902** – Nasce o irmão João. Escreve o primeiro poema conhecido em português: “Quando ela passa...”. Como a família regressara antes dele, em setembro, Pessoa volta sozinho para a África do Sul.
- 1903** – Submete-se ao exame de admissão na Universidade do Cabo. Obtém a melhor nota entre os 899 candidatos no ensaio de estilo inglês, o que lhe vale o Prêmio Rainha Vitória. Cria o “heterônimo” Alexander Search.

- 1904** – Primeiro texto impresso: ensaio sobre Macaulay, na revista do liceu. Termina seus estudos na África do Sul. Nascimento da irmã Maria Clara. Criação do “heterônimo” Charles Robert Anon.
- 1905** – Retorna a Lisboa, onde passa a viver com uma tia-avó, Maria. Continua a escrever poemas em inglês. Inscreve-se na Faculdade de Letras, mas quase não frequenta.
- 1906** – A mãe e o padrasto retornam a Lisboa para férias de seis meses, e Pessoa volta a morar com eles. Morre Maria Clara.
- 1907** – A família retorna mais uma vez a Durban. Pessoa passa a morar com a avó e as tias. Desiste do curso de Letras. Em agosto, a avó morre e lhe deixa uma pequena herança. Com o dinheiro, inaugura a tipografia Íbis.
- 1908** – Começa a trabalhar como correspondente estrangeiro em escritórios comerciais. Começa a escrever cenas do “Fausto”, obra que nunca terminará.
- 1910** – Escreve poesia e prosa em português, inglês e francês.
- 1911** – Escreve “Análise”, iniciando o lirismo tipicamente pessoano.
- 1912** – Conhece Mário de Sá-Carneiro, de quem se tornará grande amigo. Pessoa estreia publicando artigos em A Águia, provocando polêmicas junto à intelectualidade portuguesa. Passa a viver com a tia Anica.
- 1913** – Escreve os primeiros poemas esotéricos; escreve “Impressões do Crepúsculo” (poema paulista); “Epithalamium” (primeiro poema erótico, em inglês); “Gládio” (que depois usará em Mensagem); “O Marinheiro” (em 48 horas). Publica, em A Águia, “Floresta do Alheamento”, apresentado como fragmento do Livro do desassossego.
- 1914** – Primeiras publicações, como poeta, na Revista Renascença: “Impressões do crepúsculo” e “Ó sino da minha aldeia”. Cria os heterônimos Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Escreve os poemas de O guardador de rebanhos, “Chuva oblíqua”, odes de Ricardo Reis e a “Ode Triunfal”, de Campos.
- 1915** – Lança os dois primeiros números de Orpheu, que provocam escândalo. Crise no grupo do Orpheu: Álvaro de Campos ataca Afonso Costa.

- 1916** – Pessoa fica deprimido com o suicídio de Mário de Sá-Carneiro. Publicação em revista da série de sonetos esotéricos Passos da Cruz.
- 1917** – Publicação do “Ultimatum”, de Campos, na revista Portugal Futurista.
- 1918** – Pessoa publica dois livrinhos de poemas em inglês, resenhados com destaque na Times.
- 1919** – Morre o comandante Rosa.
- 1920** – Conhece Ophélia Queiroz, a quem passa a namorar. Sua mãe e seus irmãos voltam para Portugal. Em outubro, atravessa uma grande depressão, que o leva a pensar em internar-se numa casa de saúde. Rompe com Ophélia.
- 1921** – Funda a editora Olisipo, onde publica poemas em inglês.
- 1922** – Publica Mar português, com poemas que serão retomados em Mensagem.
- 1924** – Publica, na revista Atena, vários poemas de Campos.
- 1925** – Publica, na Atena, poemas de Alberto Caeiro. Decide parar a publicação da revista. Morre, em Lisboa, a mãe do poeta, em 17 de março. Seu estado psíquico o inquieta, escreve a um amigo, manifestando desejo de ser hospitalizado.
- 1926** – Cria, com o cunhado, a Revista de Comércio e Contabilidade.
- 1927** – A revista Presença reconhece Pessoa como mestre da nova geração de poetas. Publica, na revista, um poema seu, um de Álvaro de Campos e odes de Ricardo Reis.
- 1928** – Campos escreve “Tabacaria”. Pessoa escreve poemas que integrarão Mensagem.
- 1929** – Publica fragmentos do Livro do desassossego, creditando-os a Bernardo Soares. Volta a se relacionar com Ophélia.
- 1930** – Rompe com Ophélia. Encontra o “mago” Aleister Crowley.
- 1931** – Escreve “Autopsicografia”. Publica fragmentos do Livro do desassossego.
- 1932** – Continua publicando fragmentos do Livro do desassossego.
- 1933** – Publica “Tabacaria” e escreve o poema esotérico “Eros e Psique”.

1934 – Finaliza Portugal, que depois será chamado de Mensagem. Candidata-se ao prêmio Antero de Quental. Escreve mais de trezentas quadras populares. Recebe o segundo prêmio do concurso. Publica Mensagem.

1935 – Escreve a famosa carta a Adolfo Casais Monteiro, em que explica a gênese dos heterônimos. Redige sua nota biográfica, na qual se diz “conservador antirreacionário”, “cristão gnóstico” e membro da Ordem dos Templários. Em 29 de novembro, é internado com o diagnóstico de cólica hepática. A sua última frase, escrita em inglês, diz: “I know not what tomorrow will bring”. Morre no dia 30, às 20h30.

Texto da introdução e cronologia de acordo com a nova ortografia.

Texto dos poemas de acordo com a grafia original.

Organização, introdução e notas: Jane Tutikian

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre foto de Fernando Pessoa

Revisão: Bianca Pasqualini e Jó Saldanha

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P567p

Pessoa, Fernando, 1888-1935

Poemas de Álvaro de Campos: obra poética IV / Fernando Pessoa; organização, introdução e notas Jane Tutikian. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012

(Coleção L&PM POCKET, vol. 566)

Inclui cronologia

ISBN 978.85.254.2781-6

1. Poesia portuguesa. I. Tutikian, Jane, 1952-. II. Título. III. Série.

06-3883 CDD 869.1

CDU 821.134.3-1

© da introdução e notas, L&PM Editores, 2006

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

Apresentação

Sobre Fernando Pessoa

Álvaro de Campos, o homem da modernidade

Poemas de Álvaro de Campos

Quando olho para mim não me percebo

A Praça da Figueira pela manhã

(III) Soneto já antigo

Opiário

Ode Triunfal

Dois Excertos de Odes

Como eu desejaria ser parte da noite

Chove muito, chove excessivamente

Ode Marítima

Os mortos! Que prodigiosamente

Ah, os primeiros minutos nos cafés de novas
cidades

Através do ruído do café cheio de gente

Saudação a Walt Whitman

Walt Whitman

Saudação

Saudação

Heia o quê? Heia porquê? Heia para onde

Para saudar-te

Abram falência à nossa vitalidade

Para cantar-te

O verdadeiro poema moderno é a vida sem
poemas

A Fernando Pessoa

Passagem das Horas

Diário Na Sombra

A Casa Branca Nau Preta

No lugar dos palácios desertos e em ruínas

Não sei. Falta-me um sentido, um tacto

Passagem das Horas

Meu coração, bandeira içada

Lisbon Revisited (1923)

Lisbon Revisited (1926)

Se te queres matar, porque não te queres matar?

Faróis distantes

O florir do encontro casual

Nas praças vindouras - talvez as mesmas que as
nossas -

Perdi a esperança como uma carteira vazia

Tabacaria

Escrito Num Livro Abandonado Em Viagem

Apostila

Demogorgon

Adiamento

Mestre, meu mestre querido!

Na última página de uma antologia nova
Na noite terrível, substância natural de todas as
noites

Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra
Nuvens

...Nocturno de dia

“The Times”

Canção à inglesa

Gazetilha

O soslaio do operário estúpido ao engenheiro
doido

Talvez não seja mais do que o meu sonho

Insónia

Acaso

Ah, abram-me outra realidade!

Marinetti, académico

A luz cruel do estio prematuro

Reticências

Apontamento

Ah a frescura na face de não cumprir um dever!

Poema de canção sobre a esperança

Não se preocupem comigo: também tenho a
verdade

Ah, no terrível silêncio de quarto

A liberdade, sim, a liberdade

Diluyente

De la Musique

Aniversário

P-há

Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça

Ah, o som do jantar nas cadas felizes!

Hoje que tudo me falta, como se fosse o chão

Há tantos deuses

Cesário, que conseguiu

Paragem Zona

Diagnóstico

Bicarbonato De Soda

A rapariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa

Cul de lampe

Sim, é claro

Não! Só quero a liberdade

Trapó

Chega através do dia de névoa alguma coisa do
esquecimento

Grandes são os desertos, e tudo é deserto

Cruz na porta da tabacaria!

Tenho escrito mais versos que verdade

Tenho uma grande constipação

Oxfordshire

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo

Não sei se os astros mandam neste mundo

Ah, ser indiferente

Regresso Ao Lar

Sim, está tudo certo

Ah, Um Soneto...

Bamboleamos, moscas, com asas e presas

É inútil prolongar a conversa de todo este
silêncio

Acordo de noite, muito de noite, no silêncio todo

Quero acabar entre rosas, porque as amei na
infância

Notas Em Tavira

Realidade

E o esplendor dos mapas, caminho abstracto para
imaginação concreta

Psiquetipia (ou Psicotipia)

Magnificat

Pecado original

Dactilografia

Puseram-me uma tampa

Não será melhor

Lisboa com suas casas

Esta velha angústia

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos

Saí do comboio

A música, sim, a música

Domingo irei para as hortas na pessoa dos outros

Começa a haver meia-noite, e a haver sossego

Há tanto tempo que não sou capaz
...Como, nos dias de grandes acontecimentos no
centro da cidade
Depus a máscara e vi-me ao espelho
Depois de não ter dormido
Na véspera de não partir nunca
O que há em mim é sobretudo cansaço
Subiste a glória pela escada abaixo
Às vezes tenho ideias, felizes
Símbolos? Estou farto de símbolos
Ali não havia electricidade
Não: devagar
Os antigos invocavam as Musas
Há mais de meia hora
Depois de quando deixei de pensar em depois
Eu, eu mesmo...
Estou cansado, é claro
Não estou pensando em nada
O sono que desce sobre mim
Estou tonto
Todas as cartas de amor são
Ode Marcial
Là-bas, Je Ne Sais Où...
Dobrada à moda do Porto
Poema em linha recta
Trapos somos, trapos amamos, trapos agimos

O horror sórdido do que, a sós consigo
Vilegiatura
O Chiado (a ideia do Chiado) sabe-me a açorda
Quase sem querer (se o soubéssemos!) os grandes
homens saindo dos homens vulgares
Mais vale o clássico seguro
Já sei: alguém disse a verdade
Clearly non-Campos!
Minha imaginação é um Arco do Triunfo
Barrow-on-Furness
O frio especial das manhãs de viagem
No fim de tudo dormir
A vida é para os inconscientes (ó Lídia,
Celimène, Daisy).
Gostava de gostar de gostar
Encostei-me para trás na cadeira de convés e
fechei os olhos
O tumulto concentrado da minha imaginação
intelectual...
Ah, perante esta única realidade, que é o mistério
Contudo, contudo
Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que
as outras
Dá-me rosas, rosas
Hoje estou triste como um barco negro ao sol
Ah quando nos fazemos ao mar

Sucata de alma vendida pelo peso do corpo
Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir
Uma vontade física de comer o universo
Toda a gente é interessante se a gente souber ver
toda a gente
Que somos nós? Navios que passam um pelo
outro na noite
Mas eu não tenho problemas; tenho só mistérios
Não tenho sinceridade nenhuma que te dar
O melodioso sistema do Universo
O binómio de Newton é tão belo como a Vénus
de Milo
Ai, Margarida
No conflito escuro e besta
Ora porra!
Arre, que tanto é muito pouco!
Não, não é cansaço...
Mas eu, em cuja alma se reflectem
O descabro a ócio e estrelas...
Todos julgamos que seremos vivos depois de
mortos
Meu corpo é a minha roupa de baixo; que me
importa
Ora até que enfim..., perfeitamente...
O mesmo Teucro duce et auspice Teucro

Ah, onde estou ou onde passo, ou onde não estou
nem passo

Que lindos olhos de azul inocente os do
pequenito do agiota!

Que noite serena!

O ter deveres, que prolixa coisa!

Começo a conhecer-me. Não existo

Vai pelo cais fora um bulício de chegada próxima

Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da

Baixa

A alma humana é porca como um cu

Está frio.

Na ampla sala de jantar das tias velhas

Névoas de todas as recordações juntas

Não ter emoções, não ter desejos, não ter
vontades

O que é haver ser, o que é haver seres, o que é
haver cousas

Mas não é só o cadáver

A plácida face anónima de um morto

Desfraldando ao conjunto fictício dos céus
estrelados

Canção do mocho (aeroplano ao natural)

Saudação a todos quantos querem ser felizes

O futuro

Cronologia